REVISTA DA SEMANA

NO TEXTO

OS MODELOS DE WAHYTA

★

BINGO - PASSATEMPO OU JOGO DE AZAR?

★

Nº 43 ★ 22-10-49
CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

OS HÁBITOS ADQUIRIDOS NA INFÂNCIA...





JOAQUIM MENDES

PERDURAM POR TÔDA A VIDA

CONTA POPULAR

Depósito inicial 50,00
Limite 100.000,00
Juros .... 6% ao ano

BANCO NACIONAL DE MINAS GERAIS S.A.

CAPITAL Cr$ 60.000.000,00

FILIAL: Av. Presidente Vargas, 509

AGÊNCIAS NO RIO: Bandeira, Castelo, Madureira e Ramos



PORQUE O AMERICANO NÃO COOPERA

EMBORA a visita que fiz à Cidade do Rádio tenha me deixado uma impressão maravilhosa, não pude varrer do espírito a triste idéia de que o novayorkino da rua é um indivíduo incapaz de cooperar com o estrangeiro.

Enquanto nós, brasileiros, tudo fazemos para entender e ajudar ao visitante que não fala a nossa língua, lá, por mais de uma vez, tive provas contrárias. Gastei muito dólar com taxis por causa do meu mau inglês que, afinal de contas, era bem superior ao português de ilustres americanos que nos têm visitado.

Nos primeiros dias de adaptação com a prosódia viciada e os modismos da cidade, cheguei a criar complexos com os restaurantes, onde ninguém se esforçava por me entender, passando a comer exclusivamente em Automáticos e Drog-Stores.

Só muito mais tarde entrei a libertar os meus recalques, graças a uma palestra que mantive com jovem, inteligente e amável professorinha da Virginia, que me esclareceu, entre outras coisas, ser à população de Nova York uma colcha de retalhos raciais, com perto de nove milhões de almas, em que apenas um têrço, aproximadamente, era de nacionais.

— Por isso, — acrescentou ela, — as dificuldades que o visitante sente em entender e se fazer entendido nos primeiros contactos com a cidade, nós, do interior do país, de um certo modo também as sentimos. Embora que para nós isso seja coisa de somenos.

Realmente, com o passar dos dias pude comprovar o acêrto dessa observação, chegando à sua evidência total numa visita que fiz a Coney Island, curioso bairro de Brooklin, o maior e mais original parque de diversões do mundo.

Depois de perambular horas seguidas pela fantástica cidade de brinquedos, entrei numa colossal fila, dessas que aqui no Rio se fazem às 6 horas da tarde nos pontos de ônibus, para comprar uns apetitosos hot-dogs, êsses nossos tão conhecidos e populares "cachorros quentes''.

Quando chegou a minha vez, dirigi-me a um dos jovens caixeiros bem claramente: — Two hot-dogs!

O rapaz me olhou como se não tivesse entendido, inquirindo: — How many?

— Two! — respondi-lhe, estirando os dois dedos.

Êle, meio irônico, voltou a interrogar: — But, two?

Irritado, gritei-lhe: — Yess! Please!

Êle, então, abrindo-se num riso franco, estendeu-me os hot-dogs, ajuntando, para meu espanto, num português tropical e aberto: — "O senhor quer dois cachorros-quentes, não?''.

Sorri, também, maravilhado, perguntando-lhe a seguir: — "Brasileiro?''.

— "Graças a Deus!'' — respondeu-me.

E enquanto a fila me empurrava, a pedir desculpas, êle, servindo a outro freguês, ainda completou a minha pergunta, acrescentando de longe: — "E do norte!''.

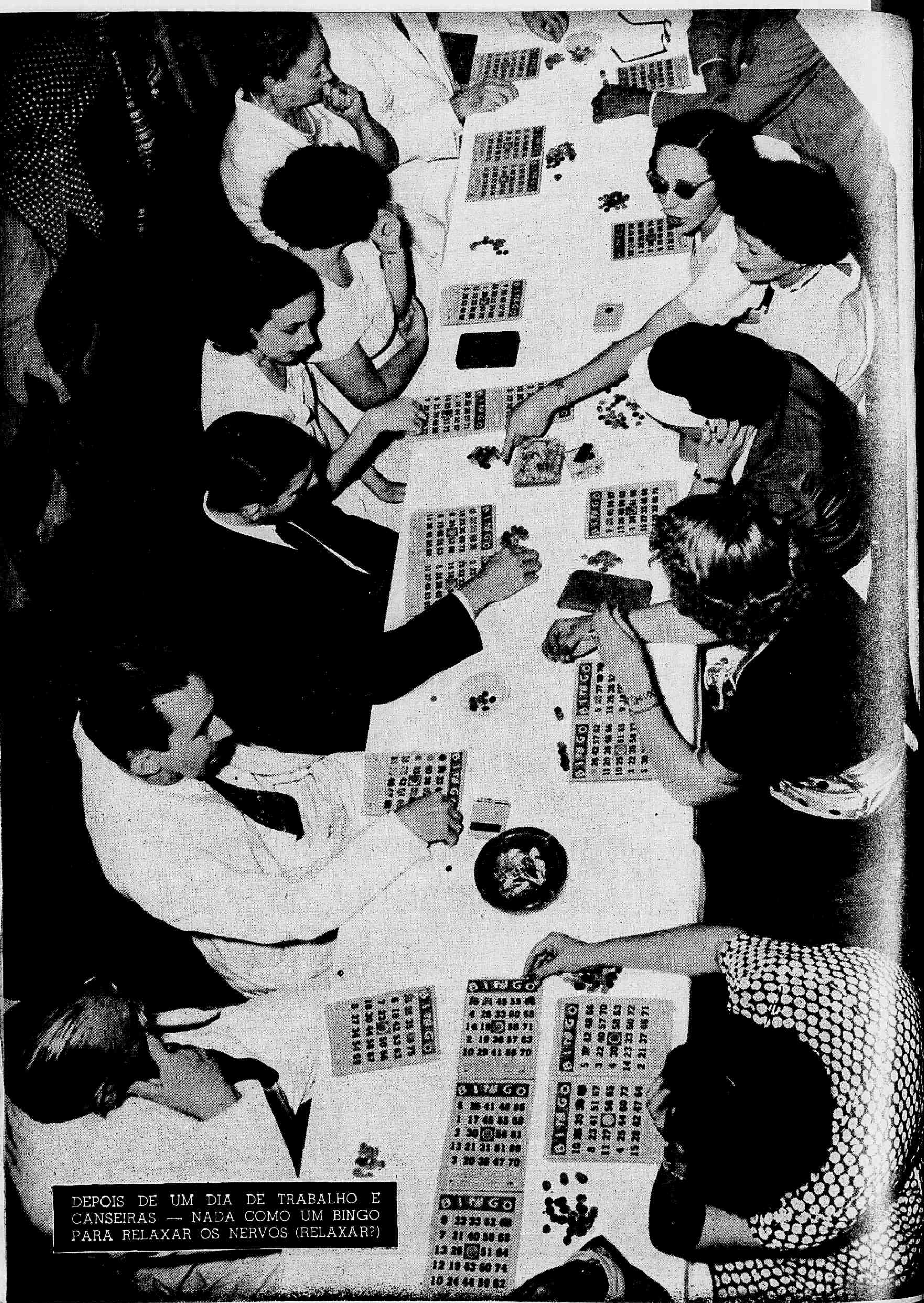
Por que meios psicológicos ou glóticos aquêle nortista brasileiro perdido no tumulto do Coney Island me identificara naquela babel humana, não sei explicar. Mas descobri, perfeitamente, na insistência com que êle avivou o meu complexo linguístico, uma das razões mais fortes por que o americano de Nova York habituou-se a não cooperar com o estrangeiro que não se faz entender corretamente. Isso eu descobri através da discreta observação que o patrão lhe pregou num olhar significativo, como que a lhe advertir: — "Deixemos de lero-lero, veja a fila, time is money!''.

Essa pressa rítmica em tôdas as modalidades da vida citadina — no que solicita e no que responde, no que compra e no que vende, no que é servido e no que serve, é uma das características dêsse povo sóbrio, que mecanizou tôdas as atividades.

A sistematização e compreensão de deveres têm no novayorkino o seu ponto alto. Observa-se invariavelmente entre centena de milhares de trabalhadores de ambos os sexos, de tôdas as idades, dos mais variados setores profissionais, uma total obsessão pelo trabalho que realizam, como que a afirmarem: — "somos pagos, bem alimentados e bem vestidos para produzir o máximo, e produzimos''.

Para nós, latinos, amantes do lazer e da parolagem, gente de pouca ação e muita conversa, isso parece um defeito. Mas na realidade é um dos fatores decisivos do admirável e admirado progresso americano.

MARTINS D'ALVAREZ



DEPOIS DE UM DIA DE TRABALHO E CANSEIRAS — NADA COMO UM BINGO PARA RELAXAR OS NERVOS (RELAXAR?)



DEZ EMOÇÕES

Cada sessão de Bingo compreende nada menos que dez figurações diferentes, com um intervalo para descanso depois da quinta. Na sessão da qual participamos foram jogados os seguintes: o Horizontal, o Vertical, em "T", 4 Cantos, em Janela, Pesado, em Cruz, em "U", Qualquer e Mosca. Vinte cruzeiros por um cartão, ou dez depois do intervalo

BINGO - PASSATEMPO OU JÔGO DE AZAR?

O BINGO NA BERLINDA:

"É UM PASSATEMPO AGRADÁVEL", DECLARA O DIRETOR DE UM CLUBE ★ "DISTRAI E NÃO PERVERTE, MAS ESTÁ FORA DA LEI", DIZ UM JURISTA ★ "LOTERIA A CURTO PRAZO", AFIRMA UM DEPUTADO FEDERAL ★ "JÔGO DE AZAR", PROCLAMA A POLÍCIA

Por LEVY KLEYMAN — Fotos de JOSÉ SANTOS

O "Bingo" está na ordem do dia. A víspora "americana" que depois de ter tomado conta do Rio, invadiu São Paulo, está ameaçada de desaparecimento, pelo menos nos salões cariocas, em face dos boatos que correm de uma proibição por parte da Polícia, por ser considerado "jôgo de azar", portanto enquadrado nos têrmos do parágrafo 3, alínea "c", do artigo 50 do Decreto-Lei 3.688, de 3 de outubro de 1945, ou seja, o decreto que proíbe o jôgo..

O "Bingo" foi tornado público através o Clube da Aeronáutica, trazido pelos pilotos que faziam o tráfego entre o Brasil e os Estados Unidos. Depois outras sociedades de militares o adotaram — o Clube Militar e o Clube Naval. Em seguida, a Sociedade Hípica trouxe a novidade para o meio esportivo, cabendo ao Fluminense a primazia do seu lançamento entre os clubes de futebol. A coqueluche do "Bingo" passou de clube para clube, América, Flamengo, Botafogo, Minerva, Grajaú Tênis, e, por fim, Vasco da Gama. Outros clubes quiseram introduzi-lo em seus programas sociais, mas não puderam porque o novo delegado de Jogos e Costumes não concedeu mais nenhuma autorização, tolerando apenas as dadas pelo seu antecessor.

Os clubes criaram em tôrno do "Bingo" outras atrações, pois nos dias de sua realização comparece um grande número de associados, superior talvez às noites de baile, e por êsse motivo muitas agremiações o associaram a **festas dançantes**, criando os **"Bingo-Dançantes"**, sendo que o "Grajaú Tênis Clube" já levou a efeito um "Bingo-Aquático", com os particpantes jogando dentro da piscina.

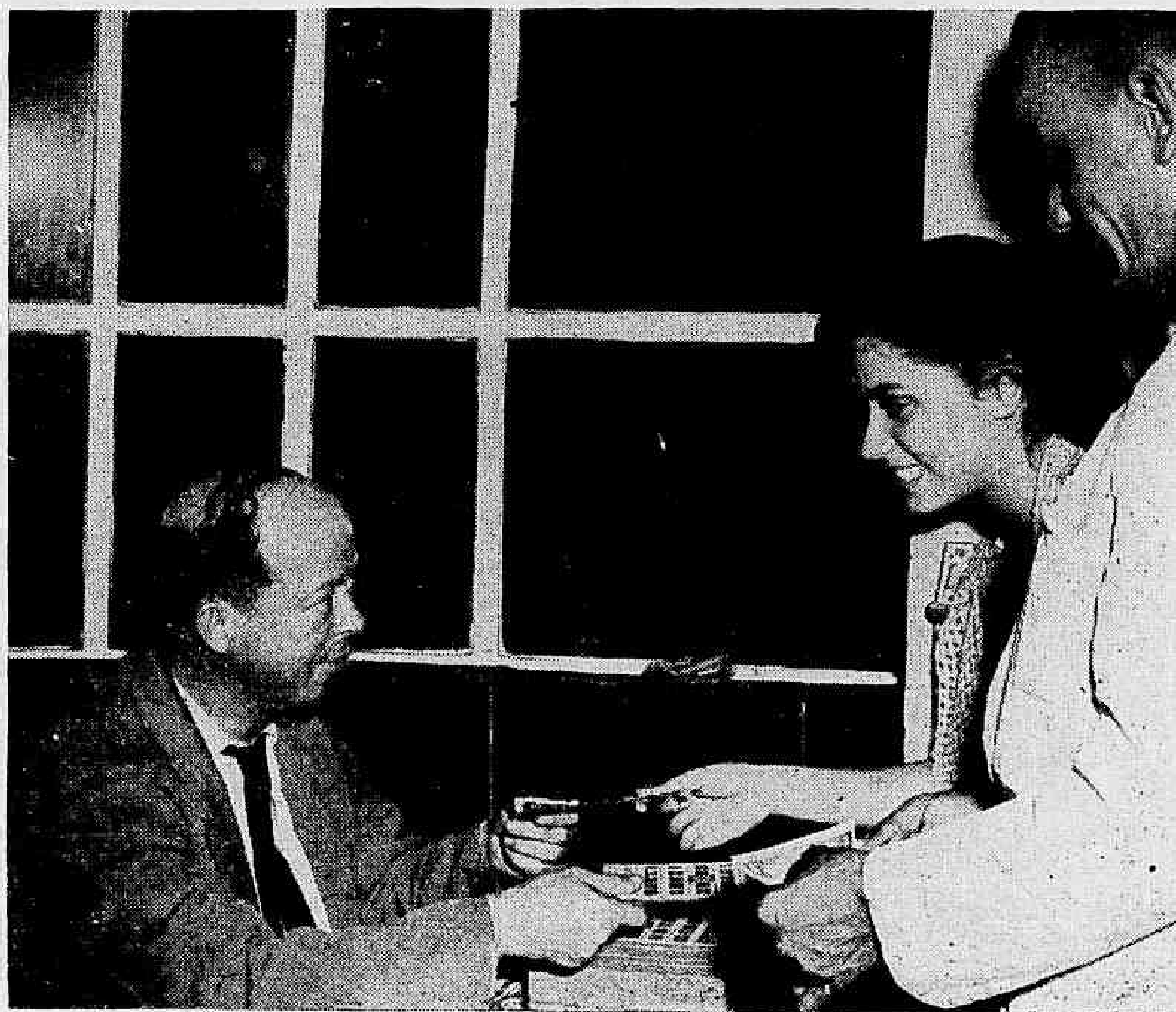
Os prêmios, geralmente de utilidade doméstica, vão desde um perfume, um aparêlho de chá ou café, até uma geladeira, e um automóvel. No Fluminense, por ocasião da sua festa de aniversário, foi levado a efeito um "Bingo-Dançante", no qual o principal prêmio era um automóvel no valor de cinquenta mil cruzeiros.

O aristocrático clube das Laranjeiras alugou nesse dia aos seus associados cêrca de 3.000 cartões, a 50 cruzeiros cada um, totalizando cêrca de 150 mil cruzeiros.

O "Bingo" criou nos clubes, uma nova atração, além do baile, em que se torna possivel maior congraçamento entre os associados. Nos clubes esportivos possibilita uma renda que reverte em benefício geral, pois assim é posivel subvencionar melhor as modalidades esportivas sem o sustentáculo das bilheterias, como a natação, atletismo, basquete, volei e outras.

Existem os que condenam o Jôgo do Bingo, considerando-o mero jôgo de azar, e daí a grande afluência de associados aos clubes que assim ganharam uma nova fonte de renda, transformando-os, no seu dizer, em "casinos clandestinos".

Os clubes, no entanto, defendem-se, pois o "Bingo" está sendo praticado com autorização da Polícia, e não traz as influências nocivas dos cassinos, porque ninguém pode perder fortuna, nem mais do que quarenta cruzeiros. E' difícil a uma só pessoa controlar um cartão, quanto mais dois, e com apenas um cartão, ou sejam, vinte cruzeiros, os seus associados têm lis-



FILA DE BINGO

O "caixa" recebe com uma das mãos os vinte cruzeiros, e com a outra entrega o cartão. A senhorita está ansiosa por ganhar um dos dez prêmios, e sorri na expectativa do triunfo



BINGO-ANIVERSÁRIO

Um dos clubes, para tornar as sessões do Bingo de maior caráter social, resolveu homenagear com um bolo, e um "happy-birthday", os aniversariantes do dia. Esta foi a primeira



OS REPÓRTERES NO BINGO

Nem o repórter nem o fotógrafo escaparam às tentações do passatempo americano. Para viver as emoções do Bingo, alugaram os cartões e jogaram. No fim da noite, perderam



BINGO PARA TÔDAS AS IDADES

Nesta sessão, bastante concorrida, esteve em jôgo um grande prêmio, uma geladeira. Quem não precisa de um refrigerador? Foi tôda a família jogar no Bingo a 20 cruzeiros



BINGO EM PÉ

No dia de grande prêmio não há lugar que chegue nas mesas dos clubes. Muita gente fica de pé, com o cartão na mão, torcendo para dar o grito: BINGO!...



OS DEZ PRÊMIOS

Para cada figuração do Bingo um prêmio, sendo que alguns deles ainda têm outro de consolação: espêlho em pó com moldura de prata, água de colônia, centro de mesa, corte de casemira, relógio elétrico, rádio, serviço para fumante, bolsa de crocodilo, estojo com adornos, pulseira de ouro, taças para sorvete... Prêmios para todos os gostos

tração para uma noite inteira, com dez prêmios e mais consolações, vivendo, portanto, dez emoções diferentes, num ambiente familiar, porque às reuniões comparecem famílias inteiras, pais, mães, avós, filhos, netos, sendo de notar ser proibida a entrada de menores de 18 anos, predominando principalmente o elemento feminino. O lucro reverte em benefício de todos os associados, porque o dinheiro é aplicado na compra de novos e melhores prêmios, e outra parte destina-se às seções de esportes amadoristas e melhoramentos materiais. Não queremos emitir opinião sôbre o assunto, motivo porque, o leitor poderá tirar as conclusões que desejar, através os depoimentos, de todos os ângulos da questão. Pelas nossas observações chegamos à conclusão de que o "Bingo" será tolerado pela Polícia desde que se restrinja ao ambiente dos clubes, sem descambar para a vulgaridade dos chamados "jogos de azar".

BINGO DA CONVIVÊNCIA SOCIAL

Inicialmente, era importante auscultarmos a opinião de um dirigente de clube esportivo. Fomos ouvir um veterano desportista, Francisco de Paula Tôrres, diretor social do América, Futebol Clube, agremiação da Tijuca, que vem movimentando bastante o seu ambiente social com a realização tôdas as quintas-feiras de sessões de Bingo.

Foram estas as palavras do dirigente do América:

— "O Bingo é uma das razões de reunião dos sócios no clube. Está conseguindo fazer com que haja uma atração do sócio para a vida clubística, dando-lhe convivência social, porque até agora os associados somente se reuniam num dia de jôgo de futebol, ou num dia de baile, assim mesmo em grande parte somente a mocidade.

Estamos, com o "Bingo", conseguindo

MINUTO DE SILÊNCIO

Os "binguistas" prendem a respiração quando o cantador das pedras anuncia a letra: todos colocam as pedras na coluna anunciada, à espera do número, e aí começa a torcida mental, o instante de nervosismo. Falta uma pedra para completar a figuração em jôgo! Muita atenção porque pode sair o prêmio, e quando o número é cantado, desilusão...





ABERTA A SESSÃO

Um giro na esfera das bolinhas numeradas para misturá-las; aberto o gargalo para saída de uma bolinha, o cantador diz a letra, B, I, N, G ou O, e o número



GANHOU, LEVOU!

Primeira figuração da noite, e a associada acertou na quinta pedra do BINGO horizontal. Levou o cartão à mesa, as pedras foram conferidas e recebeu o prêmio

trazer ao clube todos os sócios, mesmo os mais antigos que há muito tempo deixaram de frequentar o América, e fazendo com que se reunam duas horas por semana, que são passadas de maneira agradável, estabelecendo amizades difíceis anteriormente.

Perguntamos ao sr. Tôrres como considerava o "Bingo" — passatempo ou jôgo de **azar? — e êle assim se expressou:**

— "O "Bingo" nos clubes esportivos é um "passatempo", porque ninguém perde fortunas, nem mais do que cem cruzeiros. E' impossivel uma pessoa controlar ao mesmo tempo mais do que cinco cartões. Com um ou dois, já se atrapalha, dada a sequência ininterrupta no cantar das pedras, quanto mais com cinco. E para se marcar cinco é preciso ter um grande contrôle nervoso, poder de atenção, no ouvir e no marcar. Na questão do prêmio não existe absolutamente o valor dinheiro, os prêmios ficam à mostra do público, e são entregues no instante em que se decide o vencedor. Ao ganhador não interessa o valor do objeto, somente o objeto. Não há a preocupação do valor. Não considero o "Bingo" jôgo de azar, eis o meu ponto de vista pessoal."

BINGO, CONTRAVENÇÃO PENAL!

Passamos de um polo ao outro, ouvindo, desta vez, uma figura dos meios jurídicos, o dr. Maximiliano Gomes de Paiva, palavra autorizada para emitir um conceito sôbre o "Bingo", diante do que a lei preceitua no capítulo referente aos jogos e diversões.

— "Bingo", passatempo ou jôgo de azar? — perguntou o reporter.

E o entrevistado respondeu:

— "A denominada distração "Bingo", infelizmente, está enquadrada na Disposição Penal que trata dos jogos de azar, isso porque depende, exclusiva ou principalmente da sorte, nos precisos têrmos da alinea "A" do parágrafo terceiro do artigo 50 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1945. O clube de futebol é, evidentemente, uma associação e, portanto, lugar equiparado para efeitos penais como acessivel ao público nos têrmos precisos do parágrafo 4, alinea "c", do mencionado decreto-lei. Não há, afirmo, duas opiniões em contrário. O "Bingo" é uma contravenção penal, e consequentemente não pode ser praticado sem ferir a lei."

Interrompemos o dr. Max Gomes de Paiva, que é também presidente do Conselho Deliberativo do América Futebol Clube, e ex-presidente da mesma agremiação, para saber como encarava o "Bingo" pelo lado clubistico na sua posição de estudioso da lei:

— "E' um jôgo interesante — frizou o autor do Código Brasileiro de Futebol (a lei do futebol nacional) — que distrai e não perverte a quem quer que seja, de modo que aceito a tolerância policial, permitindo a sua realização. Eu mesmo, tido como intransigente, penso que fecharia os olhos para essa distração."

(*Continua na página* 51)





"BINGO, JÔGO DE AZAR!"

Declara o delegado de Jogos e Costumes, dr. Pereira da Costa, à nossa reportagem. O assunto foi entregue ao chefe de Polícia para decidir se continuará permitido o Bingo

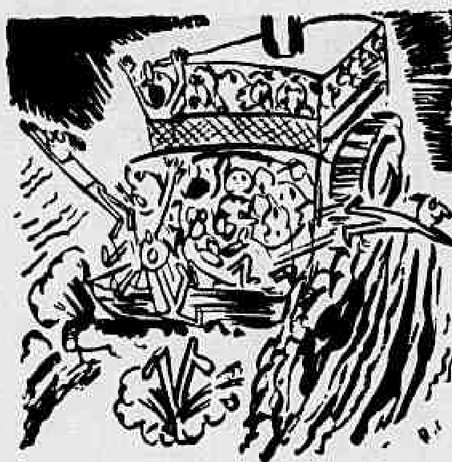
A SEMANA EM Revista

VALEI-NOS, NOSSA SENHORA!

Vem-nos de Belém, capital do Pará, esta notícia: "Com a aproximação dos festejos do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, aumentou consideravelmente o movimento na Caixa Econômica daquela capital, conforme declaração à imprensa pelo sr. Renato Franco, diretor do estabelecimento de crédito. Acrescentou mesmo que se espera seja estabelecido um recorde de empréstimos e penhores. Essa situação — diz o telegrama de Belém — é o reflexo da crise que atravessa o povo paraense, sobretudo o funcionalismo estadual e municipal, atrasado em seus vencimentos. O movimento de pessoas que empenham suas jóias é tão intenso êste ano, em Belém, que foi preciso estabelecer um horário extra na Caixa Econômica para que todos pudessem ser atendidos. Esta é a notícia que nos vem do Pará, colhida em telegramas para a imprensa carioca em relação à festa do Círio de Nazaré. Que deve fazer o povo do Pará nessa emorgência de festejos em homenagem à Santa? Acompanhar-lhe o andor triunfalmente pelas ruas de Belém, cantando hinos, velas acesas nas mãos, rogando à Virgem que ampare os pecadores.

São imensas as dificuldades dos que lutam e sofrem neste vale de lágrimas, e, para render homenagens à Mãe de Deus, têm que recorrer a relógios, anéis, jóias e empenhá-los nas Caixas Econômicas, nos Montes de Socorro, levantando fundos para pedir graças aos céus. Nossa Senhora há de ter compaixão dos sacrifícios e lhes dar novos recursos para retirar da hipoteca popular seus pequeninos haveres. Mas é preciso também que o milagre da Virgem se projete no coração dos que devem meses ao funcionalismo e nenhuma esperança dão de melhores dias...

PÂNICO NA "IMBUÍ"



O estado de decadência em que se encontram as arcaicas barcas da Cantareira, contemporâneas de Mem de Sá, leva o passageiro a entrar nelas com o espírito em sobressalto, só aliviando o peito ao saltar em terra firme. Não há quem não se sinta nervoso numa viagem dessas barcas, especialmente à noite, ou com o mar agitado, entre cerração ou não. Morosas, sonolentas, rangindo ao mais leve oscilar das ondas, as velhíssimas barcas criam no ânimo do povo que delas se serve obrigatoriamente, tôdas as horas, um estado de nervosismo que já se tornou em caso clínico. O fato que os jornais acabam de registrar é típico. A barca "Imbuí" deixava o Cais Pharoux às 19,30 com destino a Niterói. Navegava a embarcação nas imediações da ponta do Gravatá, quando cruzou com ela uma lancha da "Frota Carioca". Um dos passageiros daquela concorrente, querendo pilheriar com as pessoas que viajavam na "Imbuí", gritou-lhes de lá: "Essa barca está afundando!". Foi a conta. Como se o pensamento de todos os que iam na "Imbuí" fosse exatamente aquêle, alastrou-se a bordo da mesma tremendo pânico, havendo correrias, gritos de socorro, chiliques, o diabo! Muitos passageiros trataram de munir-se de salvavidas, outros procuravam um bom lugar para jogar-se nágua... O mestre que ia no timão, Nilo Gomes, tomado de surprêsa, sem atinar com o que se estava passando a bordo, ordenou à casa de máquinas que parasse a barca. A tripulação, sabendo da origem do tumulto, tratou de acalmar os alarmados, esclarecendo que não passara o caso de uma pilhéria de mau gôsto.

VIGARISTAS NA BAHIA



A capital de Salvador é hoje uma das mais movimentadas cidades do país. Centro de turismo dos mais interessantes, onde as "baianas" continuam a vestir seus indumentos dos séculos passados, oferecendo quitutes saborosos aos que vão à Boa Terra, a capital onde "Cristo nasceu", se vem transformando em Meca dos vigaristas que proliferam por êsse Brasil imenso. Segundo telegramas vindos de lá para a imprensa carioca, a capital do grande Estado se encontra infestada de "marreteiros", sinônimo de passadores do conto do vigário. Qual a causa dessa afluência? Desejando apurar a autoridade policial o motivo por que isso estava sucedendo na terra do Senhor do Bonfim, soube que assim acontecia pelo fato de estar muito difícil a vida, ser grave a crise reinante e estar muito cara a manutenção de um vivente. Êsses trapaceiros, com certeza, estavam passando mais êste conto do vigário no delegado. Queriam obter o perdão de seus crimes atraindo a piedade dos bons corações da polícia baiana, o que, em verdade, alcançaram. A polícia de Salvador pôs em liberdade nada menos de 28 meliantes presos em flagrante quando passavam o "conto" a vários transeuntes daquela capital. A única condição foi esta: mudarem de vida ou deixarem o Estado. Mas, mudar de vida, como? Não são êles mesmos que justificam sua delinqüência, alegando que a vida está difícil pelos meios lícitos, que tudo sobe de preço e não há trabalho? Pela teoria dêsses larápios, êles não estão cometendo crime nenhum, quando passam o "conto" nos otários. A culpa é do tempo difícil de vencer... Se a moda pega, vamos ver transformados em heróis êsses gatunos descarados e cínicos!

MORTE AOS VELHOS



Chega-nos de Londres esta notícia sensacional e profundamente desumana: acha o dr. J. Rushworth Lund, de sessenta anos de idade e residente na capital inglêsa, que tôda a velhice deveria ser segregada, ou, agindo um pouco mais brutalmente, induzida a concordar com a eutanásia. Qual o motivo por que êsse dr. Lund chegou a tal conclusão? Êle, que é viúvo e pai de três filhos, diz que os moços ficam presos em casa para atender os velhos e deixam frequentemente de casar-se por êsse motivo. Justificando o seu pensamento publicado em carta no "British Medical Journal" de Londres, acrescenta que, não raro, todos os recursos da família são gastos com os velhos, que tomam o tempo e o trabalho de muitos, consomem o alimento e ocupam o espaço grandemente necessitado pelos mais jovens. Se essa opinião nos viesse de outros povos considerados bárbaros, nada seria de estranhar; mas chega-nos da Inglaterra, de Londres, e é subscrita por um médico, chefe de família e que tem como sobrenome a ilustre origem dos Lunds, sábios e cientistas da iluminada e cultíssima Escandinávia. O dr. Lund deve estar pouco sólido em suas faculdades mentais para sugerir o assassínio frio e desumano de todos os velhinhos. Com certeza êle já não tem mais nenhum dos seus ascentrais vivos, sob seu teto, dos quais possa ouvir uma história do tempo antigo, lá da Escócia, do Eire, do País de Gales, história de fantasmas em antigos castelos abandonados, narrações folclóricas dos antiquíssimos tempos da invasão da Grã-Bretanha... Não pensem em matar os velhinhos.

A PERSONAGEM DA SEMANA



O Brigadeiro Eduardo Gomes, cuja candidatura à Presidência da República acaba de ser lançada pelos estudantes do Distrito Federal

Pelas constantes reuniões levadas a efeito entre próceres políticos nacionais, tôda a nação aguardou com certa ansiedade que, a esta altura dos entendimentos interpartidários, fôsse conhecido o nome do candidato saído da harmonia de vistas das três grandes organizações políticas: U.D.N., P. S. D. e P. R.

Mas, naturalmente, diante de dificuldades lógicas em situações tais, ainda não veio a público, oficialmente, essa escolha, surgindo, entretanto, alguns nomes como tendo sido objeto de cogitação dos líderes daqueles partidos.

Assim, a nossa imprensa divulgou os nomes de Milton Campos, Carlos Luz, etc., nada, porém, se confirmando, havendo mesmo o governador de Minas desautorizado qualquer citação de sua pessoa, afirmando categoricamente que não era candidato, nem pensava em tal coisa.

Seguiam as conversações neste plano, quando os meios estudantis do Distrito Federal levantaram a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à Presidência da República no próximo período, mobilizando elementos, inscrevendo "slogans" em muros, nas paredes, nas muralhas da avenida Beira-Mar, despertando a curiosidade pública.

O movimento estudantil pró-Eduardo Gomes não ficou, entretanto, circunscrito apenas à classe dos jovens de nossas escolas superiores, secundárias e profissionais; êle já atraiu a simpatia de órgãos da imprensa carioca como o "Correio da Manhã", que aderiu à idéia da candidatura do Brigadeiro com entusiasmo.

Animados com o êxito de sua iniciativa, os estudantes do Rio se organizaram em Comités de propaganda e defesa do Brigadeiro para as eleições de 1950, programando comícios, expedindo circulares e telegramas às organizações congêneres de todos os Estados, mobilizando-se intensa e extensamente para uma campanha que êles abraçaram com o maior entusiasmo.

De várias capitais do país onde é vultosa a vida universitária, chegam adesões e votos de solidariedade.

A agitação da classe não deixou de causar surprêsas aos dirigentes da UDN, que, segundo declarações do seu presidente, sr. Prado Kelly, não foi consultada, nem autorizou êsse lançamento de candidatura, feito ainda à revelia do próprio Brigadeiro Eduardo Gomes, que estava alheio ao movimento.

O fato, porém, constituiu o motivo de tôdas as palestras políticas da semana última e continua a atrair as atenções dos partidos e do povo.

Até o momento em que foi escrita esta nota não tinha sido divulgada a menor manifestação do Brigadeiro Eduardo Gomes. E os próceres políticos, naturalmente vinculados aos seus compromissos partidários, de um modo geral se mostram discretos.

Mas, na verdade, foi êste o fato marcante da semana.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLVIII ★ N.º 43

22 DE OUTUBRO DE 1949

Redator-Chefe: CELESTINO SILVEIRA — Chefe de Publicidade: J. M. COSTA JUNIOR — Paginação de VICTOR TAPAJOZ

PUBLICAÇAO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano .... Cr$ 140,00
Seis meses .... Cr$ 70,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 170,00
Seis meses .... Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 270,00
Seis meses .... Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro
Diretor-Presidente: GRATULIANO BRITO — Diretor-Secretário: R. PEIXOTO DE ALENCAR
Telefones — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602



Novela de
A. J. de FIGUEIREDO

POR CAUSA DE DUAS PALAVRAS

FOGUETES que sobem e estouram no ar, bombas que os meninos soltam, balões que se alçam macaqueando de luzes o céu sem lua, tudo me deixa desolado, imensamente triste, nesta noite de São João. Por cima, ainda sou forçado a permanecer neste quarto frio, entregue a pensamentos confusos, que rodopiam em tôrno duma só lembrança: um episódio longínquo da puberdade.

Agora soam as notas dum tango melancólico. Minha tristeza aumenta. Esqueço, por um instante, a festa de São João dos tempos em que eu corria de pés descalços, roupas estrangalhadas, a buscar flechas de foguetes, que desciam do céu. Logo depois o diabo do rádio toca música lá da terra. Ouço, ainda, canta uma cabrocha e um seresteiro diz que não existe luar como aquêle do sertão.

A noite está muito escura. É pena. Quisera fôsse noite clara, de lua cheia, com fogueiras ardendo no meio da rua, gente cantando, velhas repetindo histórias de Trancoso e casos do tempo do Senhor São João. Também me lembro dos batizados e do compadrio:

— "Por São João, por São Pedro, juro que Mariquinha é minha comadre". — Depois a gente pulava a fogueira, de mãos dadas. Eram risos, alegria, brincadeiras e inocência. Mas tudo isso vai tão longe! Nem sei por que fico a pensar em coisas antigas, rememorando fatos idos e vividos, que o tempo já vai cobrindo de esquecimento. Mas que hei-de fazer, se o pensamento é sutil e na gente se agarra que nem poeira! Também revejo a menina da casa cinzenta, ali da rua de São Cristovão. Como não lembrá-la se tudo se passou pelo São João!

Pois numa longínqua antevéspera de São João, eu vinha andando pela calçada da rua de São Cristovão, do lado oposto à casa cinzenta, pensando na menina. Já havia tempos, à minha passagem, ela me olhava e sorria, debruçada na janela. Era filha do negociante mais abastado da cidade e morava numa casa de frente larga, de platibanda, pintada de cinzento. A fachada rebrilhava ao sol, e eu tinha inveja daquela pintura de óleo lustroso, porque minha casa era pobre, pintada de tabatinga, lá perto dos Cambuís. A casa cinzenta tinha um jasmineiro sempre florido, um cão policial, que latia estrondosamente, e a peste dum moleque endiabrado, que me estendia a língua, fazendo munganga, só para bulir comigo, ver-me baixar a cabeça, confuso. Ela sorria do meu acanhamento.

— "Moleque ordinário! Espera, que te racho a cara, [illegible] dos diabos" — A ameaça ficava só no pensamento. Não fazia nenhum gesto de revolta, nem so menos um olhar atrevido. Ao contrário, era um constante baixar de olhos, mãos nos bolsos, fingindo indiferença. Todavia, um despeito danado me roía por dentro. Pensava cá comigo, magoado:

— "Afinal ela bem podia mandar o moleque sossegar, parar de mangar da gente. Mas é rica, filha de gente graúda. Sou pobre e pobre serve de brinquedo dêstes ricos bêstas. Mas hei-de mostrar para quanto presto. Qualquer dia racho a cara ao moleque. Juro que racho". — mas não rachava.

Quando eu vinha do meu emprêgo e passava defronte da casa cinzenta, lá estava a menina na janela, sorridente, os cabelos louros esvoaçando ao vento. Então eu cuidava olhar uma figura de livro, uma cara parecida com a artista menina que vira na "Cena Muda". Meu coração pulava, aos baques. Eu ficava trêmulo, enfiado e diminuía os passos, esperando nem sei o quê. A menina logo passava o olho ao moleque, que vinha "fazer patimonhas", estirar-me a língua, dar-me "[illegible]", soltar assobios longos, que até pareciam chiar de sagüim. Então eu sentia ódio danado de gente rica, e detestava o diabo da menina. Meus olhos se enchiam dágua.

— "Deixe estar, safado, que te racho a cara". — Dobrava a esquina, revoltado, triste. Sentia louca vontade de voltar, espancar o negro e depois beijá-la, só por atrevimento, para que vissem não se tratar dum trapo, dum qualquer Zé-Ninguém. E o tempo passava aumentando meu desespêro.

Ora, naquele dia, quando o pretinho repetiu a cena habitual, senti um ódio diferente. A raiva acumulada extravasou-se. Violentamente atravessei a rua. Cheguei bem defronte da casa, parei na calçada, pálido e hesitante, sem dizer palavra. A menina loura, de perto, me pareceu imagem de santa. Debruçada na janela sorria, um sorriso de dentes claros. Os cabelos louros esvoaçavam e os olhos azuis me olhavam dum modo esquisito. Era um olhar diferente dos olhares dos amigos, do olhar de mãe Inácia, do olhar do pai Juvêncio. O negro se encolhera sentado no limiar do portão.

— Vai falar não? — perguntou-me, a sorrir.

— A senhora não pense que sou qualquer àtoa, ouviu? Não bulam comigo, que não bulo com ninguém. A gente é pobre mas se sente.

Ela riu e acompanhou o riso com um balançar faceiro da cabeça. O moleque, animado pelo riso da menina, levantou-se, meteu os dedos mindinhos na bôca, arreganhou-a bem, fêz uma careta feia, e ficou a saltitar na minha frente, repetindo minhas palavras. Ela riu gostosamente. Olhei-a enraivecido. Medi o negrinho de cima a baixo e soltei-lhe a mão na cara. Ele caiu, levantou-se chorando e correu para mim, como fera. Esperei-o firmemente, acertei-lhe bem nas têmporas outro sopapo, que o derrubou na areia da rua. Quando se levantou, tentei agarrá-lo, mas foi tarde, porque o debochado correu, embarafustou pelo portão a dentro, fechou-o, e ficou lá do jardim florido a xingar-me, a chamar-me de "tabaréu bêsta".

— Cala a bôca, Prudêncio! — gritou a menina. Vou chamar mamãe e dizer que você anda bulindo com os outros.

— Mas não é a senhora que manda?

— Entupa-se, moleque atrevido! — e a voz da menina era firme, autoritária. O negrinho se calou, sumiu no jardim e o cão policial, atraído pelo barulho, latia doidamente, forçando a corrente.

— Que diabo de furdunço é êsse, gente? — gritou lá dos fundos uma voz de homem. Corri, dobrei a esquina da rua da Capela, ganhei o Alto da Areia e fui gozando a alegria que me inundava o coração. Afinal, ela punira por mim. — "Cala a bôca, Prudêncio!" — Gostaria de mim? Se não gostasse mandaria o negro calar a bôca? Mandaria, não. Xingar-me-ia, açularia o cão, chamaria o pai. Enfim, era rica, podia até mandar-me prender, chamar o guarda-civil, aquêle mulatão grosseiro que me batera uma vez nas festas de São Benedito. Mas que fizera? — "Cala a bôca, Prudêncio!" — Depois sorrira para mim, e até cuidei ver-lhe um gesto de aprovação quando eu batia no atrevido.

Naquela noite não fiquei na roda da esquina com os colegas, porque sentia uma agitação gostosa e nova, doida vontade de cantar e rir e também um medo de não sei quê!

No dia seguinte, véspera de São João, passei mais vagarosamente pela calçada oposta, esperando vê-la. Era cedo, e ela dormia, com certeza. Trabalhei a manhã vendo-a sorrir, descobrindo-lhe intenções nos gestos, gozando a humilhação do negro cretino, que me insultava sempre, como se eu tivesse medo dele. Tinha não era só respeito à menina bonita, rica, que ficava, nem sei porque, a olhar-me todos os dias, a sorrir-me, a provocar-me por meio daquele negrinho provocador.

Pouco antes do meio-dia deixei o trabalho. Saí alegre, o pensamento a divagar. Naquela tarde não voltaria à loja. À noite ia haver samba de côco, e lá em casa se preparavam folguedos esquentados, e o rancho das "Pastoras do Maruim" dançaria no tablado embandeirado na rua. Nossa fogueira seria a maior da redondeza, e o mastro de São João ia ser um pé de mamoeiro viçoso, que eu mesmo escolhera lá nos terrenos

(Cont. na pág. 48)

MÚSICA

A ESTRÉIA DE KOUSSEVITSKY

REUNIÃO DA COMISSÃO ORGANIZADORA DO CONCURSO DA JUVENTUDE — NOVE CANDIDATOS

De ROBERTO LYRA FILHO

Regida por Serge Kousevitsky, a Orquestra Sinfônica Brasileira atingiu um nivel artístico sem precedentes na história daquele conjunto, ainda relativamente novo, mas que já conta com um número apreciável de realizações e cuida, agora, de aperfeiçoar a qualidade das interpretações e renovar o repertório.

Durante os ensaios, Koussevitsky explica, analisa a partitura, vigia a execução da orquestra, instrumento por instrumento, cogita da articulação dos naipes num conjunto harmonioso e equilibrado, faz preleções sôbre estilo, aconselha, orienta — rege, enfim, esgotando tôdas as tarefas do maestro com uma segurança clarividente e, ao mesmo tempo, comprensiva, levando em consideração as possibilidades de cada um, procurando facilitar a atuação dos músicos. O resultado dessa atividade construtiva, quanto à O.S.B., foi uma colaboração entre regente e orquestra que a trouxe, transfigurada, para o palco do Municipal, num milagre musical que devemos a êsse grande artista — Serge Koussevisky.

E' preciso vê-lo e ouvi-lo, sentir a atenção, a vigilância, a mobilização de todos os seus abundantes recursos, para extrair da orquestra o edificio sonoro de uma sinfonia, na construção que funde os instrumentos num conjunto orgânico, transmite ao ouvinte o pensamento musical do compositor, apresenta-o puro, em tradução fiel, fazendo viver as notas com que êle aprisionou sua inspiração à espera dêsse esfôrço mágico do intérprete, que dá um sôpro de vida à obra.

O encontro com Beethoven, o autêntico, depois de ouvir tantos Beethoven, desfigurados por várias infidelidades, a audição da música portadora de uma emoção manifestada com poderosa eloqüência proporcionou ao público carioca momentos de entusiasmo. De pé, êle conferiu a Kousevitsky a consagração definitiva dos seus aplausos, mais uma vitória que se irá incorporar ao patrimônio artistico que se prende ao nome do maestro.

Exausto, ofegante, depois de empenhar-se, com tôda a fôrça de sua personalidade, no desempenho de sua função de regente, Koussevitsky há de ter recebido aquelas palmas como homenagem de brasileiros gratos, não só pela satisfação de ouvi-lo, como, principalmente, por vê-lo aplicar os tesouros de sua arte numa orquestra nacional, fazendo com que um frêmito da grandeza de Beethoven atravesasse o conjunto, soando na exuberância da Ouvertur eEgmont e na efusão dionisiaca da 7ª Sinfonia.

CONCURSO DA JUVENTUDE

A visita de Koussevitsky, porém, não será lembrada somente devido à magnifica série de concêrtos. Uma outra iniciativa fará com que a data auspiciosa não seja esquecida. Trata-se do concurso da juventude, promovido pelo maestro Eleazar de Carvalho, sob o patrocinio e com a colaboração da REVISTA DA SEMANA.

Como já foi divulgado, o maestro Eleazar de Carvalho quis criar, para todos os jovens compositores brasileiros, uma oportunidade. Tendo obtido, nos Estados Unidos, depois de um curso especial, sob a direção de Koussevitsky, o sucesso merecido pelo talento, que logo demonstrou, Eleazar de Carvalho, hoje um regente de prestigio internacional, voltou-se para o Brasil, resolvendo abrir caminho para os artistas nacionais. Não somente tem levado pâra o Berkshire Music Center inúmeros músicos brasileiros como, atendendo a um apêlo que lhe dirigimos, resolveu estender aos compositores essa proteção que dispensa, criando, através de um concurso, uma bôlsa de estudos.

O Ministério da Educação, prestigiando a iniciativa, incluiu, na lista de prêmios, Cr$ 10.000,00 que serão oferecidos ao primeiro colocado.

As possibilidades de divulgação da música premiada justificariam, por si só, a existência do concurso. A estréia da obra realizar-se-á, ainda na presente série de concêrtos, sob a regência de Koussevitsky e o maestro Eleazar de Carvalho a incluirá, em seus futuros programas, nos Estados Unidos.

NOVE CANDIDATOS

Com à presença de todos os membros da Comissão Organizadora, realizou-se uma reunião, durante a qual foram preparadas as partituras recebidas para o julgamento.

Verificou-se que nove trabalhos foram apresentados, sendo que um deles, infelizmente, ficou excluído, por não preencher requisitos exigidos pelas bases do concurso.

A ata dessa reunião, como das demais, será publicada, juntamente com o resultado do julgamento da Comissão.

A variedade e o número das obras apresentadas atesta o interêsse despertado pelo concurso, realizado exclusivamente como incentivo aos compositores jovens. Podemos anunciar, desde já, também, que o maestro Eleazar de Carvalho tenciona organizar outros certames semelhantes, no futuro.

TRÊS JOVENS COMPOSITORES

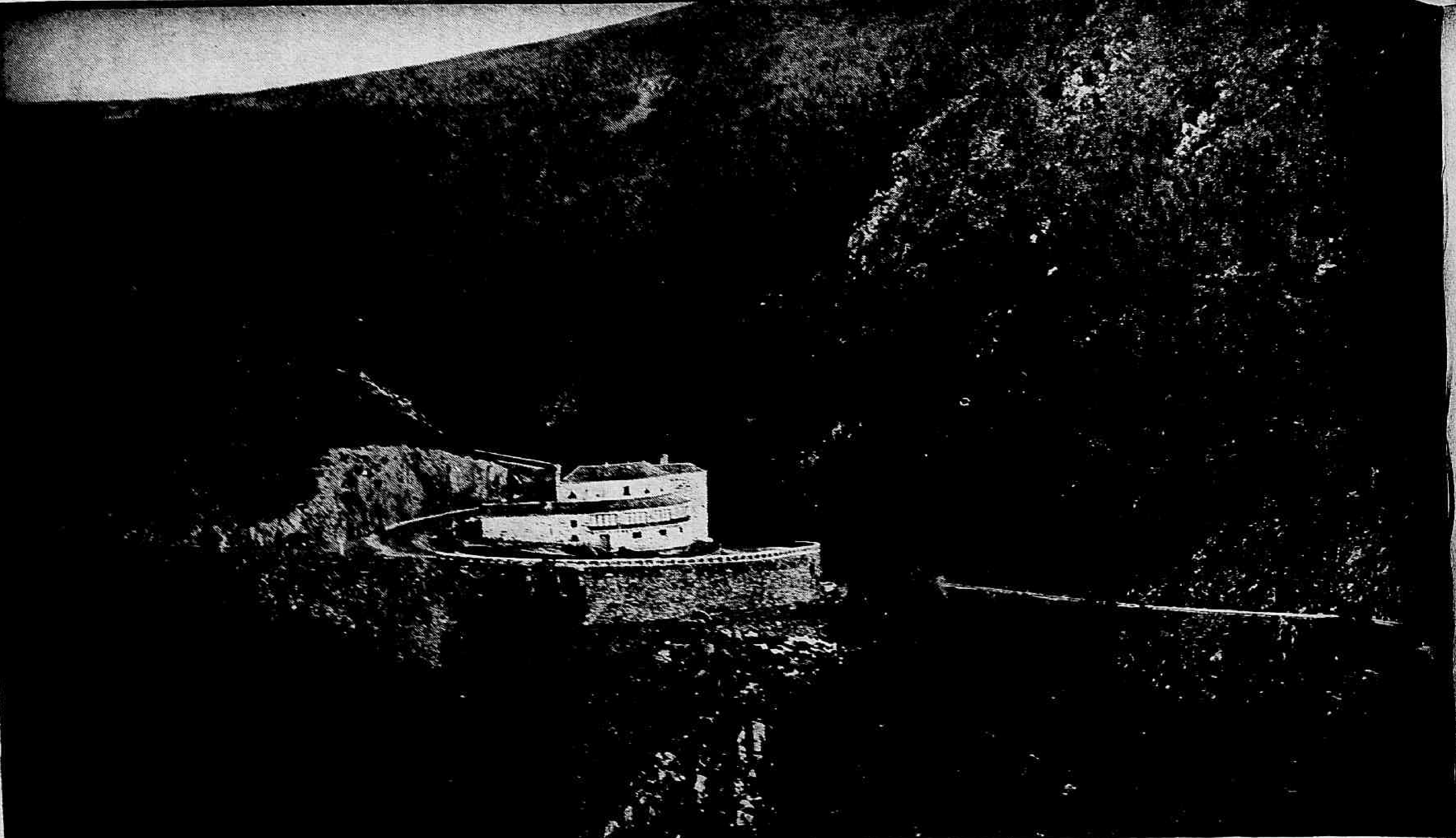
Constituiu uma agradável surprêsa a audição de piano promovida pelo profesor Oscar Adler, dia 8 do corrente, na A.B.I., para apresentação de seus três jovens alunos: Luiz Paulo Sampaio, Suzanna Klein e Eduardo Hazan. Êste, mostrou classe e personalidade num breve programa habilmente executado em que se destacaram os Três Prelúdios de Bach. Suzanna Klein foi brilhante na Fantasia em ré menor de Mozart, cantando ainda, com linda sonoridade, uma suite infantil do profesor Oscar Adler. Quanto a Luiz Paulo Sampaio, pode dizer-se que ali está a revelação segura, com todos os cabedais técnicos, de um futuro "virtuose". A sonata em dó menor de Mozart, as Escocesas de Chopin e o Impromptu em lá bemol maior de Schubert, foram executados com firmeza ritmica e justo equilibrio musical. Luiz Paulo Sampaio mostrou ser um artista em formação que faz despertar acentuadas esperanças, senhor de uma justa configuração das mãos, muito adequada.

Foi, enfim, uma audição por todos os titulos brilhante, motivando aplausos entusiásticos da platéia repleta.



Em cima — Eduardo Hazan ao piano, tendo a seu lado Luís Paulo Sampaio e Susana Klein. Na gravura inferior, os mesmos em companhia do Prof. Oscar Adler, que promoveu o recital de piano com êsses alunos, no auditório da Ass. Brasileira de Imprensa.





POUSADA DE SÃO GONÇALO

Está situada na Serra do Marão, a quatro léguas de Vila Real de Trás-os-Montes e a cinco da vila de Amarante. Fica a 900 metros de altitude e no inverno cobre-se de neve. De setembro a janeiro é permitida a caça aos coelhos e às perdizes; também se encontram raposas, porcos bravos e lôbos. De novembro a fevereiro pode-se pescar no Ramalhoso e na Aboadela

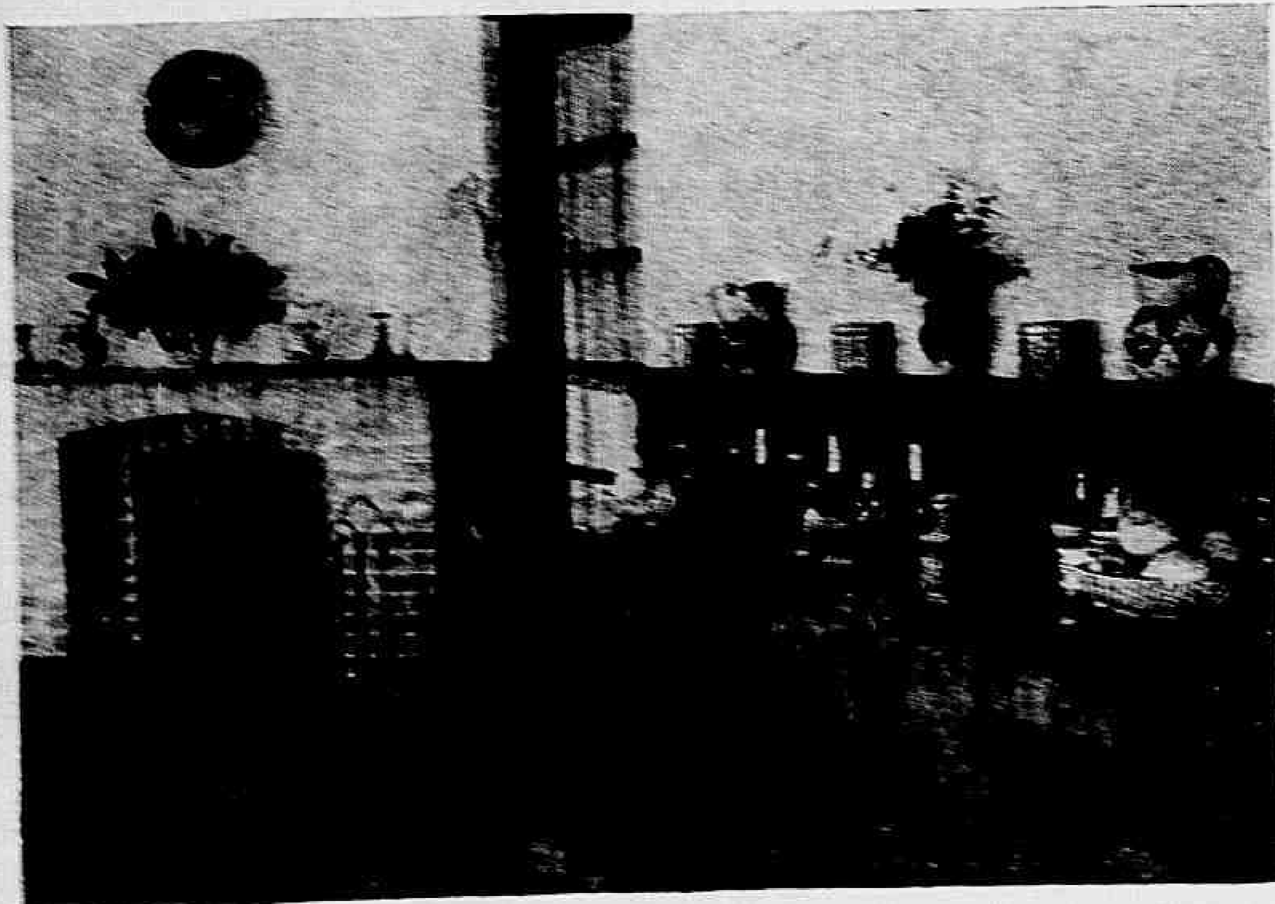
FLAGRANTES DE PORTUGAL

A SURPRESA DAS POUSADAS PARA O TURISTA ★ SEGRÊDO DE HOSPITALIDADE ★ ONDE TUDO E' CARINHO E ATENÇÃO PARA O BRASIL ★ IMPRESSÕES QUE FICAM



INTERIORES TIPICOS

Em cima, recanto da Pousada de São Martinho do Pôrto, perto de Alfeizerão, na Estrada Nacional que liga Lisboa ao Pôrto. Em baixo, lareira e cerâmicas na Pousada de Santo Antônio do Serém, entre o Minho e o Algarve. As faianças de Vista Alegre, louça popular e de forte expressão decorativa, predominam em tôdas essas regiões



A idéia de promover a construção de pequenos hotéis, em regiões distintas, mas hotéis despretensiosos, arquitetados e decorados ao gôsto de cada uma delas, modestos mas acolhedores, nasceu faz alguns anos, em Portugal — e vingou. Nada de aparatosos estabelecimentos comerciais, mas apenas hospitaleiras, pequenas, agradáveis e sorridentes mansões, onde o turista chega, descansa, faz uma boa refeição — e na manhã seguinte continua viagem. Mais adiante, quando tiver viajado o dia inteiro, encontrará outra pousada e renovará as fôrças. E poderá saborear os pratos característicos do lugar. E dormirá em macia cama, servido por gente humilde, dando-lhe a impressão de estar hospedado em casa de família amiga. Desenxovalhadas raparigas que lembram, na alegria e simplicidade dos seus trajes regionais, a própria paisagem, atendem ao visitante. A cozinha dessas casas rústicas mas asseadas, não tem a pretensão de imitar a chamada "cozinha francesa". Ela serve aos seus hóspedes eventuais, os pratos da terra, as especialidades regionais, imagens culinárias dos próprios recursos da província. Ali dentro o confôrto é rústico, tudo denota bom-gôsto fácil no aranjo das coisas, simplicidade amável, enfim. E tudo é repassado de poesia.

As pousadas têm o segrêdo da hospitalidade. Elas são os romances inocentes e suaves da paisagem lusitana. Quem as procura, quem nelas se hospeda um dia, tem a sensação de viver um capítulo de novela, numa pausa do cotidiano. E' um parêntesis de alegria e de bem estar.

Quando ali surge um hóspede "do Brasil", a palavra mágica, tudo parece ser ainda mais hospitaleiro e prestativo. E são várias: A Pousada de Santa Luzia, em Elvas, é um romance branco do Alentejo, como já foi chamada com acêrto. A de São Martinho do Pôrto, parece ela própria ter pintado, para contemplação de seus hóspedes, o vasto e tranqüilo panorama que se descobre das suas janelas. No Marão, vamos encontrar a Pousada de São Gonçalo. E há ainda a de São Braz, tão poética e fora da vida que mais parece um romance das amendoeiras em flor; a de Santo Antônio, no Serém, confortável camarote diante do Vale do Vouga e do seu rio, exposição natural de uma região que se deixa entrever e desejar; a de Santiago, com a gravura da própria vila como pano de fundo, pórtico do Alentejo; e, finalmente, a de São Lourenço, lá na Serra da Estrêla, por isso mesmo mais perto do céu, a pousada da neve.

★

O que mais encanta nessas pousadas, além do tratamento servido por uma família do lugar, sem nuances de casa de negócio, e do asseio — é o panorama. Em cada uma delas, abrem-se janelas para cenários ao natural que deslumbram os olhos do forasteiro e servem como um convite à Vida, mesmo quando ali chegamos exaustos e mal dormidos. O sono será reparador e o cansaço cederá a vez a uma disposição física integral.

Ali encontramos a confortável lareira dos velhos tempos, os candeeiros graciosos e as cadeiras cômodas, de madeira escura. As decorações são no mais belo estilo típico — os pratos pintados, os azulejos com motivos portuguêses, as pinhas invulgares transformadas em elementos de adôrno. A sala de jantar invariavelmente mostra-nos as traves não

menos típicas no teto, os bancos com assentos de corda, desenhados segundo elementos colhidos na região, as canecas de barro batido, o chão de tijolo sempre lustroso. Há gravuras nas paredes, fotografias que mostram exteriores da terra, num exemplo vivo de que o bom gôsto regional reside mais no campo do que na cidade.

★

Na Antiguidade e na Idade Média não havia indústria hoteleira organizada. A hospitalidade, cultivada como virtude e como dever, substituía, com vantagem, tudo o que hoje se pode fazer de moderno em matéria de hotelagem. Para os viajantes e para os peregrinos não existiam dificuldades, pois eram sempre recebidos de braços abertos nas casas particulares e tratados como pessoas de família.

Mas o tempo passou e a tradição morreu. Veio o progresso e com êle essa instituição cosmopolita a que se deu o nome de hotel. Êste, porém, só existe nas cidades, nos centros de maior movimento, enquanto o turista percorre as províncias e nelas procura um pouso. Foi daí que surgiu a idéia das Pousadas, para preencher uma lacuna — e a preencheu.

★

A alma do povo reflete-se nessas estalagens modernas, como está também nos museus populares que se encontram nos grandes centros portuguêses. Assim é, por exemplo, o Museu do Povo, situado em Lisboa. Quem pisar a capital lusitana, sem tempo bastante para excursionar às províncias, percorrendo as dependências dêsse museu, conhecerá o âue de mais típico sua gente produz. Lá estão desde as faianças, as cerâmicas, as figuras de massa e gêsso, até as filigranas e os trabalhos em ouro do Pôrto, habilmente realizados. Do Museu do Povo o visitante poderá trazer uma noção esclarecida de muito folclore português.

Mas, visitando as províncias é que êsse conhecimento assumirá proporções maiores e mais fundas. Se tiver a sorte de conhecer algumas festas e romarias, então, voltará de Portugal com um acêrvo de recordações que o acompanharão pelo resto dos dias. Se dormiu na Serra do Marão, encontrará, por exemplo, um sem número de aprazíveis excursões para fazer: o Alto de Espinho ou da Barra, a vinte minutos da Pousada, com vistas deslumbrantes por sôbre os começos do Vale da Campeã, e grande abundância de neve no inverno. O Pico da Senhora da Amoreira, com inolvidável panorama sôbre terras do Pôrto. O Pôsto Aquícola do Tôrno, à meia-hora da Pousada, na Ribeira de Carvalhosa, com ótimos viveiros de trutas para repovoamento dos rios do país. O Pico do Senhor da Serra, ponto mais elevado da Serra do Marão, a 1.415 metros de altitude. Dali poderá admirar as Fragas da Ermida, penhas com desníveis de mais de 150 metros, descortinando-se terras vastas de Vila Real, e mais longe, Santa Marta de Penaguião, de Além-Douro — e mais longe, nos dias claros, o mar.

Se estacionar na Pousada do Serém, poderá ir a Albergaria-a-Velha, distante seis quilômetros. Poderá conhecer Aveiro, a vinte e sete quilômetros, percorrendo parte da Ria, em barcos ou nas lanchas de gasolina. Conhecerá a vida pitoresca dos moliceiros nos seus barcos típicos; dos salineiros, nas marinhas; dos carpinteiros de machado e calafate, nos seus muitos estaleiros — e por aí adiante.

A Pousada de São Martinho do Pôrto, facilita uma excursão às Caldas da Rainha, distantes doze quilômetros. Ali visitará o Hospital da Rainha dona Leonor e a estátua da mesma soberana, o Museu Malhôa e tantos outros monumentos. Irá a Alcobaça, terra assinalada em todos os livros de turismo, devido ao seu notável mosteiro em que se encontram os túmulos de D. Pedro e D. Inês de Castro.

★

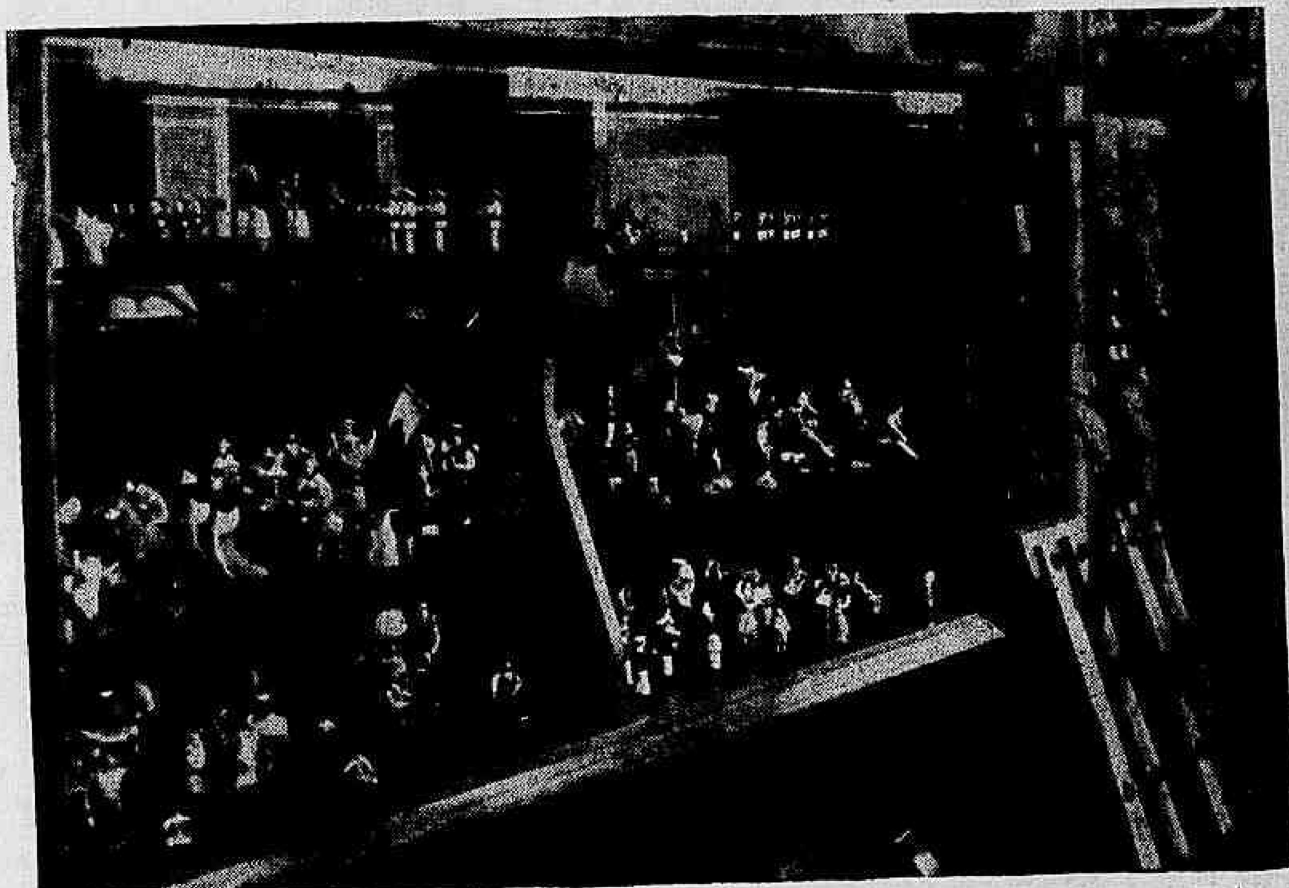
Mas, não é possível reunir neste apanhado, tôdas as excursões que nos oferecem as vizinhanças das Pousadas, onde quer que elas se encontrem. Partindo de Lisboa ou do Pôrto, elas existem, de longe em longe, acolhedoras, amáveis e generosas.

Não há exagêro quando se proclamam os encantos sem rival dêsse país de sol e neve, de feiras, festas e romarias, de trajes típicos e danças que também o são, de costumes regionais que atravessam séculos e gerações, de fisionomia inconfundível. Qualquer que seja a estação do ano, o panorama lusitano é um convite às mais amáveis excursões, feitas confortavelmente em leitos de estradas de rodagem que facilitam velocidades em outros lugares incríveis.



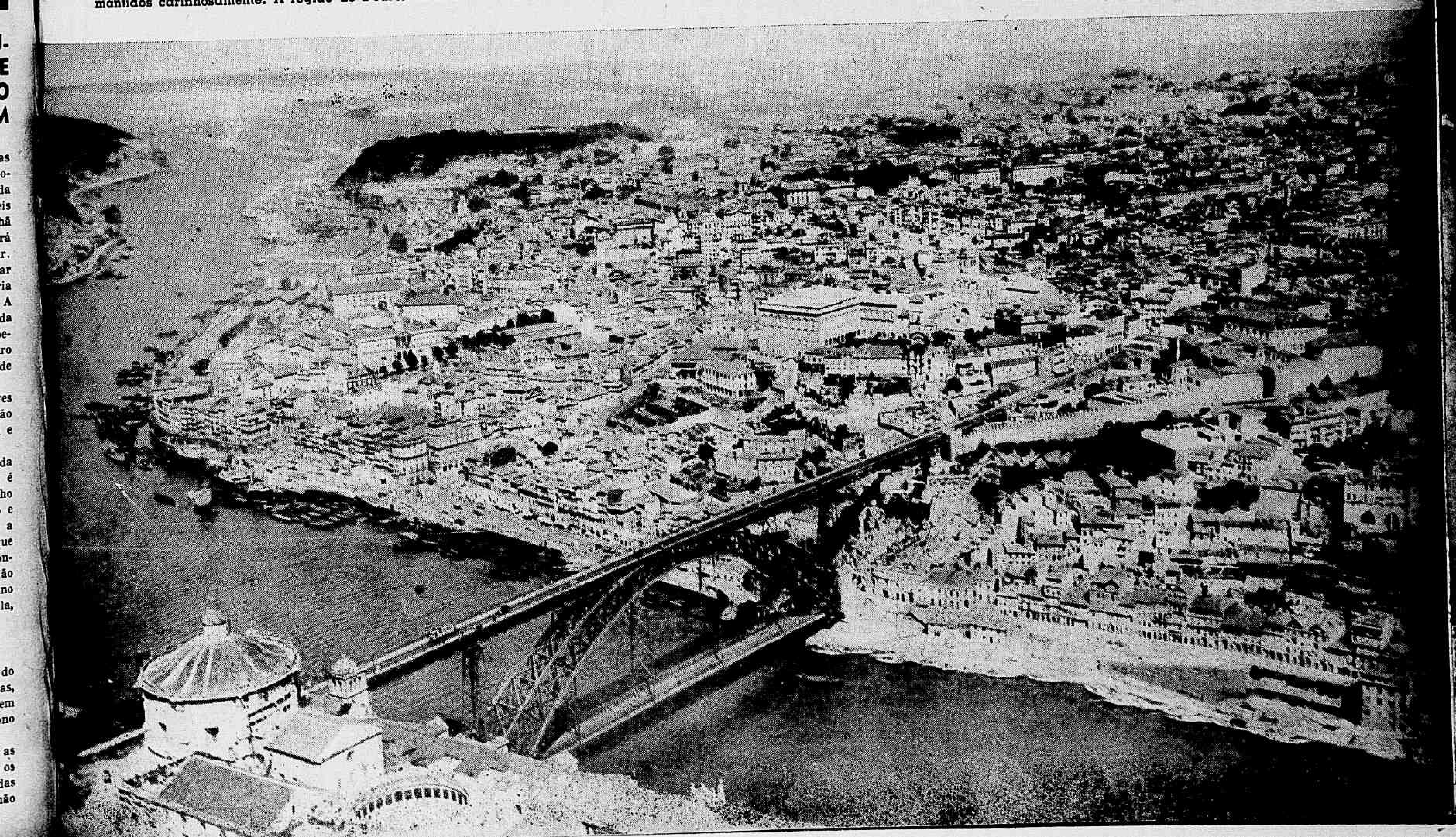
MUSEU DO POVO

Tudo quanto representa a arte simples e característica do povo, através das províncias de Portugal, pode ser admirado em Lisboa, em exposição no Museu do Povo. Aqui estão dois flagrantes com a variedade, mesmo parcial, dêsses produtos regionais, sempre avidamente procurados pelos turistas, como uma grata recordação de viagem



A INVICTA

Vista parcial da cidade do Pôrto, a capital do Norte, a terra por excelência dos vinhos e das festas típicas, predominando o São João, com seus desfiles pitorescos, tradicionais e alegres, mantidos carinhosamente. A região do Douro, caracteristicamente vinhateira, acolhe com hospitalidade o visitante. No Pôrto a Tôrre dos Clérigos, o Museu de Guerra Junqueiro e outros





ARLETE REVELA SEU INSTINTO MATERNO — MAS SEU CORPINHO COBERTO DE CHAGAS E OS PES COM EDEMAS GRITAM IMPLACAVELMENTE SEU FIM



CONTRASTE

Junto dos arranha-céus em que moram médicos de nomeada, altos comerciantes, industriais e gente de recursos, há um antro nesse pitoresco Bairro de Fátima. Nele imperam a miséria e a fome, à espera de um gesto humano em favor de quem vive nesse foco de endemias, sem a menor esperança de salvação

IMPRESSOES DE UM JURADO

HENRIQUE PONGETTI CONTA O QUE APRENDEU NO TRIBUNAL DO JURI DO RIO DE JANEIRO ★ O CRIME DO MORRO É CERCADO DE ABSOLUTO SIGILO ★ CADA ZONA TEM SEU "CHEFÃO" ★ MOLEQUE "19", JACÓ E SUAS MANHAS ★ SINHÁ TERESA, A PRETA VELHA QUE TODOS RESPEITAM ★ MALANDRO TEM SEU "CÓDIGO DE HONRA" ★ E A MISÉRIA DESCE DAS FAVELAS PARA AS VIZINHANÇAS DOS APARTAMENTOS ★ CURIOSAS REVELAÇÕES

Reportagem de TANIA

MUITO já se tem dito e escrito sôbre as favelas que, inegavelmente, representam o maior flagelo da ex-"cidade maravilhosa". Entretanto, até hoje nada se fez para amenizar o aspécto dessa dolorosa "chaga" que constitue o mais excêntrico cenário da capital da República. Entra Govêrno e sai Govêrno; todavia, a Favela continua a se alastrar pelos pontos mais pitorescos da cidade como se fôsse uma terrivel endemia que desafiasse todos os recursos da medicina moderna.

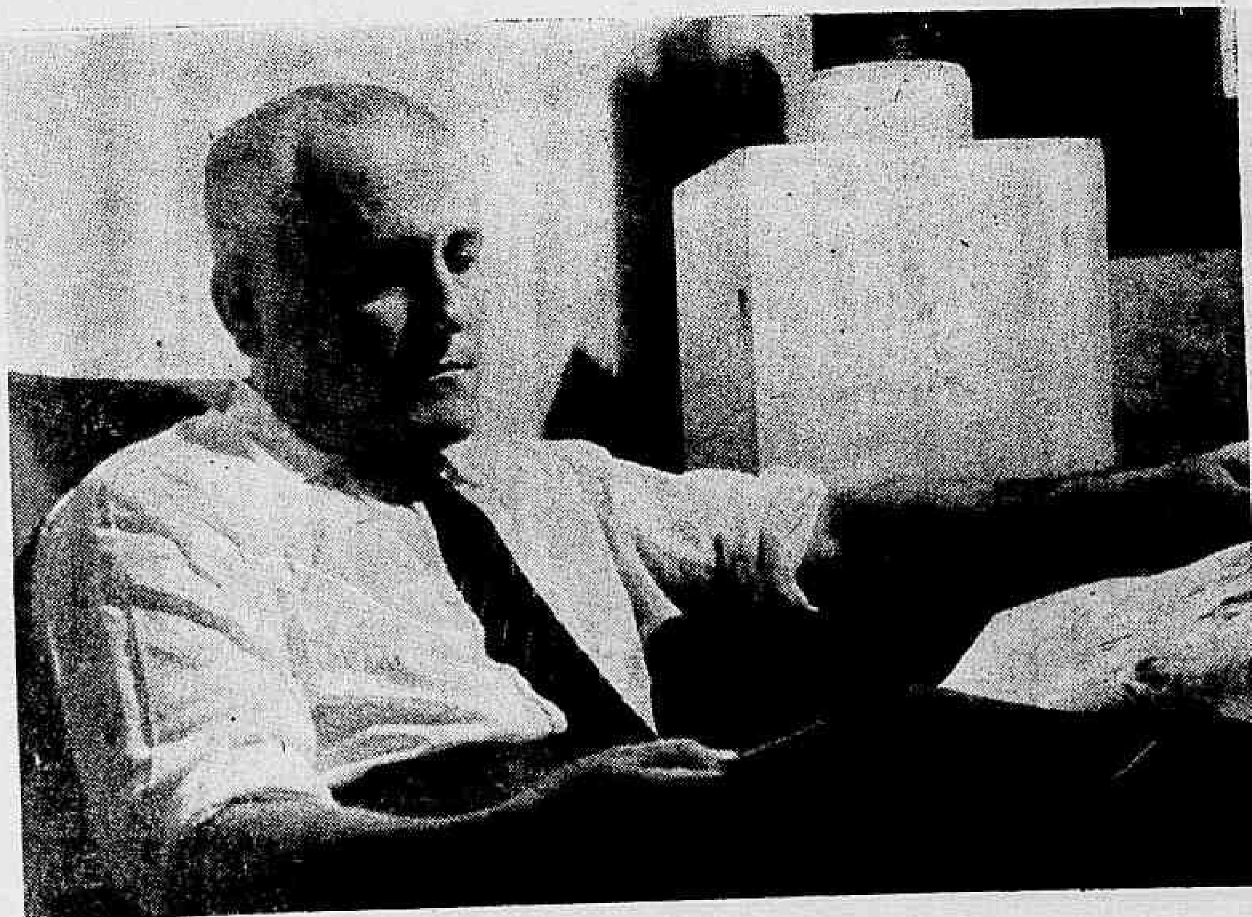
De vez em quando, surge uma "onda" de projetos benéficos em pról dos favelados; no entanto, à mais leve brisa, ela se desfaz e tudo continua na mesma. Esta modalidade criminosa, usada por certos politicos inescrupulosos, é um ponto que "dissecaremos" na próxima reportagem. Mostraremos que a maioria destas criaturas forma uma camarilha de "vigaristas" refinados que, sem nenhum pêjo, exploram e ludibriam o chamado homem ignorante.

As latadas dos morros saltam aos olhos, não sòmente dos próprios cariocas, mas também do visitante desprevenido, como se fôssem maléfica "erupção cutânea" que impiedosamente está se apoderando do "lindo corpo" de uma jovem mulher.

Entretanto, os "donos" dessa jovem mulher preocupam-se apenas em lhe cobrir a pele "dilacerada" com ricas joias e belos vestidos — as joias e os vestidos representam no caso, construções desnecessàrias de suntuosos edifícios, estradas de turísmo e gastos excessivos com coisas de que não precisamos — enquanto a "pobrezinha", a despeito de tudo, continua a ostentar a sua triste enfermidade.

De tudo encontramos nas favelas do Rio de Janeiro: a ociosidade, o banditísmo, a maconha e, principalmente, os dois fatores que mais concorrem para o embrutecimento do homem — o jôgo e o alcool. E' de lastimar, no entanto, que tudo isso nada represente para os administradores, que tanto poderiam fazer, se quizessem, em beneficio dêsses desajustados sociais, formando talvez 50 % da população carioca.

Explanada a nossa modesta opinião sôbre os favelados, vejamos agora as declarações fantasticas de um conceituado crônista, bastante esclarecido no assunto — Henrique Pongetti.



PONGETTI ESTUDA AS FAVELAS

Obstinado estudioso dos problemas das classes humildes, êle aproveitou um mês de Jurado para recolher maior soma de observações — e acabou inspirando esta reportagem



FLORES DO LODO

Onde andarão os garis da Limpeza Urbana que não enxergam tanta imundície? Nos restos dos habitantes de arranha-céus, as crianças procuram um velho brinquedo — mas encontram micróbios que irão devorar-lhes o organismo já demasiadamente exaurido pela fome. Tudo isso acontece a dois minutos da Avenida

Numa contagiante amabilidade, contou-nos as suas aventuras no morro da Providência, onde permaneceu durante doze dias por ocasião da filmagem da película "Favela dos meus amores". Na qualidade de estudioso do assunto, Pongetti conseguiu, nessa e em outras ocasiões, "armazenar" material de primeiríssima, sôbre a vida dos favelados. Nêle encontram-se aspéctos verdadeiramente pitorescos da vida do malandro de morro. Sendo hospede de honra da escola, de samba "Fica Firme", situada na zona denominada "pedra lisa", mereceu o escritor a proteção incondicional do "cherife" daquela jurisdição. A princípio, o preto de cara facínora desconfiou das intenções do "intruso branco". Entretanto, seu hospede e protegido foi mais hábil do que êle e com argúcia de homem inteligente, terminou ganhando-lhe tôda a confiança. Sòmente assim lhe foi mais fácil adquirir o precioso material de que hoje é possuidor. Compreendeu e amou aquela gente em tôda a sua rudez e excentricidade.

— Como jurado — afirmou-nos Henrique Pongetti — não me surpreendi absolutamente com o número elevadíssimo de criminosos das favelas e nem tão pouco com a maneira padronizada pela qual são praticados os seus crimes. Matam apenas com uma facada e de preferência na região abdominal. No entanto, — esclareceu ainda — sòmente



PERIGO

A alguém terá pertencido êsse irrigador jogado no lixo, serve de copo com que Arlete mata a sêde dessa criança



SEM LAR

Inteiramente ao abandono, sem teto nem higiene, sem leito nem carinho, as lágrimas refletem o infortúnio que a espera

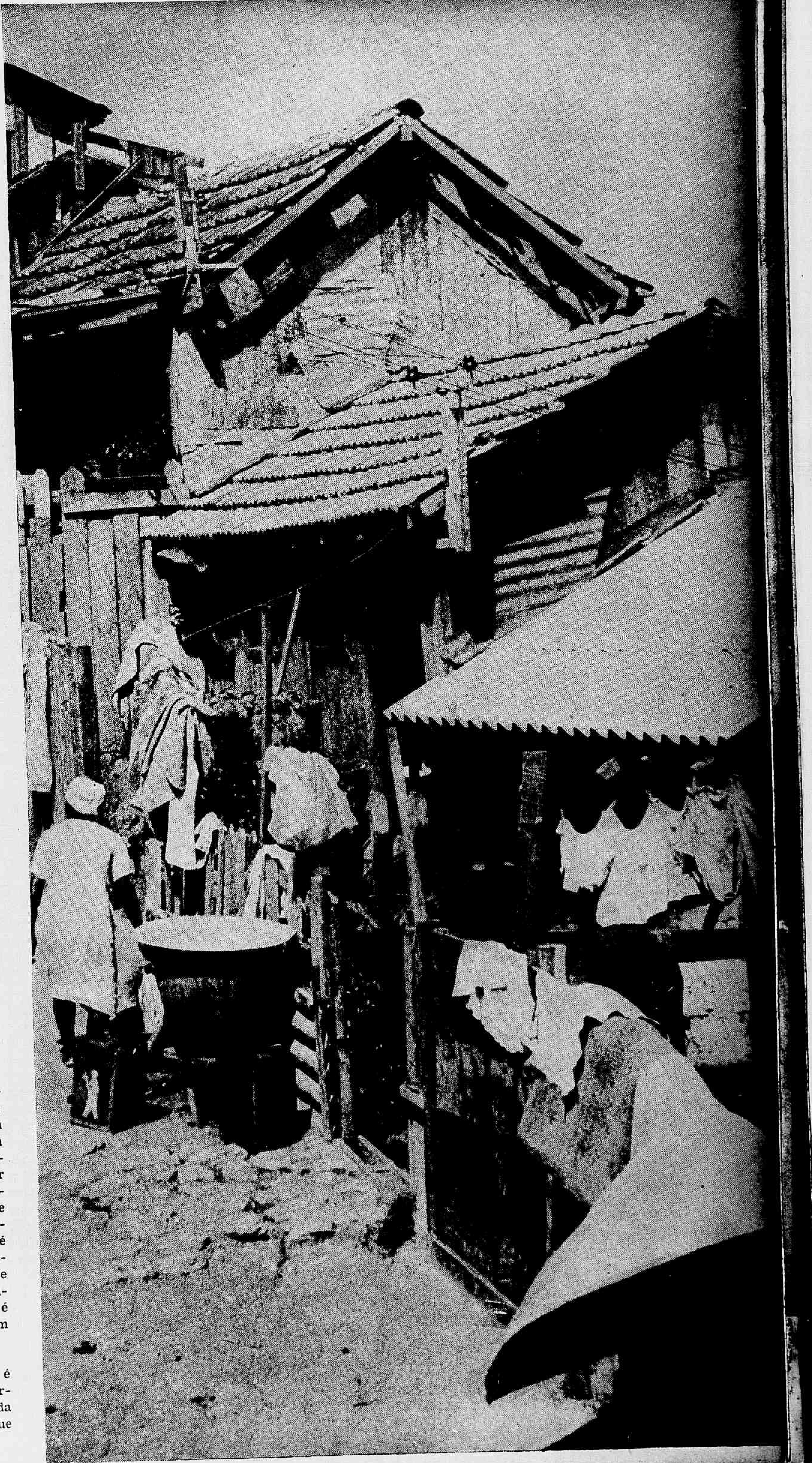


VAIDADE TRISTE

Mirando-se no espêlho, talvez ela faça a pergunta da bruxa: — "Você já viu alguém mais bonita do que eu?"

UM PROBLEMA

E' preciso morar — mas onde? Em qualquer parte. E as favelas proliferam, descendo dos morros, espalhando-se por tôda a cidade, gerando criminosos. Tradução — ociosidade, miséria, fome e doenças



quem teve contácto com essa gente pode compreender que ela não tem culpa dos crimes que pratica. O ambiente em que nasce, vive e morre é impregnado dos vícios mais degradantes. Nêle se formam continuamente verdadeiras legiões de ociosos, alcoólatras e toxicômanos. Sendo êsses homens abandonados à sua sorte, não podemos julgá-los como verdadeiros criminosos. Ao Govêrno, portanto, é que cabe a inteira responsabilidade dêste "artezanato de malandragem e de crimes".

★

Pormenor bastante curioso também observou Pongetti, no morro da Providência. A maioria dos crimes alí praticados são por meio de ciladas e cercados pelo mais absoluto sigilo. O desafeto é levado altas horas da noite para a pedreira e dalí é jogado; todavia, para todos os efeitos, foi "suicidio..."

Até as crianças do morro são integradas nas suas responsabilidades perante o crime. — Certo dia — acrescenta Pongetti — ignorando a "fronteira" que limitava a zona "pedra lisa" com o "ninho das cobras", tentei atravessá-la e fui sériamente advertido pelo "cherife" desta última. Entretanto, tive a oportunidade de vêr um homem todo ensanguentado, que estava sendo carregado por outros dois. Impressionado com o fato, interpelei duas crianças que brincavam nas proximidades e elas me responderam: "Ah, não foi nada não! Êle está com insolação". Deram-me as costas e retiraram-se. Um outro, foi profundamente golpeado no rosto por uma navalha. Dez pessoas testemunharam a agressão e apontaram o verdadeiro culpado, no entanto, a vítima negou categoricamente. Disse até que era muito amigo do outro e o caso foi encerrado. Todavia, quatro dias depois o acusado apareceu com uma navalhada no mesmo local. Com êles, — remata Pongetti — é na pena de Talião, "quem com ferro fére..."

★

Outro detalhe, bastante interessante, observado pelo confrade: Cada zona do morro possue um "chefão", e na maioria das vêzes um é inimigo figadal do outro. A irregularidade que êle praticou, por ter atravessado a "zona proíbida", acarretou uma séria divergência entre os dois "cherifes". Entretanto, a defesa dos protegidos de cada zona é algo que demonstra a fibra que possue cada um dêsses "chefões". Se um protegido é desacatado por outro de zona contraria, a desforra é rigorosa e quase sempre termina em assassinato.

★

A astúcia no homem da favela é um traço característico de sua personalidade. Todavia, no morro da Providência, encontrou, Henrique



MÃE

A mãe de Arlete é uma mulher forte, pagando pelo crime de ter dado ao mundo três vítimas da miséria. Só lhe resta viver na mais completa ociosidade. Outras vítimas virão. Ela continuará entregue ao seu infortúnio, apanhando as sobras dos mais favorecidos



ROUPA VELHA

Essa peça de roupa foi desprezada pelas crianças que têm pai e mãe, passando a ser o seu melhor vestido, guardado, não num armário, mas no amontoado de mulambos, debaixo de uma velha mesa. Assim mesmo Arlete dá-se por satisfeita e sonha com Papai Noel



Pongetti dois malandros que primavam por essa qualidade. Um dêles era o moleque conhecido pela alcunha de "19", por possuir apenas 19 dedos. Jovem ainda, com um homicídio nas costas e varias agressões por arma branca. Pertencente à zona da "pedra lisa", não lhe foi difícil localizá-lo. Ésse jovem, que conta apenas 18 anos, exerce, quando está cansado da ociosidade do morro, as funções de estivador. Entretanto, "préga" verdadeiras peças aos seus empregadores. Disse êle a Pongetti, que trabalha na descarga de carvão, serviço que considera bastante cansativo e irritante. Todavia, costuma usar um "truque" de magníficos efeitos. Depois de três ou quatro horas de trabalho, enfia na gengiva uma enorme agulha. Deixa que o sangue escôrra bastante na boca, depois começa a tossir uma tosse sêca, e dissimula uma hemoptise. Apresenta-se naquêle estado ao patrão e termina sendo indenizado por quinze dias, no mínimo. Embolsa o dinheiro e no dia seguinte vai explorar outro incauto. O moleque "Jacó", no entanto, usa de manha mais dolorosa, costuma propositadamente esfolar os pés com enormes pedras e quase sempre é também indenizado por acidente de trabalho.

★

A excentricidade das favelas, não se prende apenas aos crimes por agressões e assassinatos. Não. Ali também aparecem tipos de boa índole. Nêsse caso Pongetti encontrou ainda no morro da Providência, uma preta velha conhecida por "Sinhá Tereza". Essa criatura tem uma vida à parte. Preocupa-se exclusivamente em angariar donativos para a conservação do "Cruzeiro" do morro. A ela, não se estende os limites das "fronteiras". Uma vez por ano, percorre todo morro e o mais curioso é que é respeitada e acatada por todos os seus habitantes. Aqueles que se negam a colaborar com a quantia exigida, são "marcados" pela preta velha, e quando ela dá uma festinha no "Cruzeiro" os "caronas" são "barrados". Um desejo curioso que Sinhá Tereza, expressou a Pongetti, foi de não querer que penetrasse em seu barraco, no dia de sua morte, nenhum moleque do morro. O escritor, como era natural, achou o desejo descabido e lhe perguntou a razão. E ela, numa confissão extraordinária; — "O sr. compreenda, êles são bonzinhos e me respeitam muito em vida, mas garanto que quando eu morrer hão de querer fazer batucada no meu velório. Eu sou muito religiosa e não posso permitir uma coisa destas, o senhor não acha?"

★

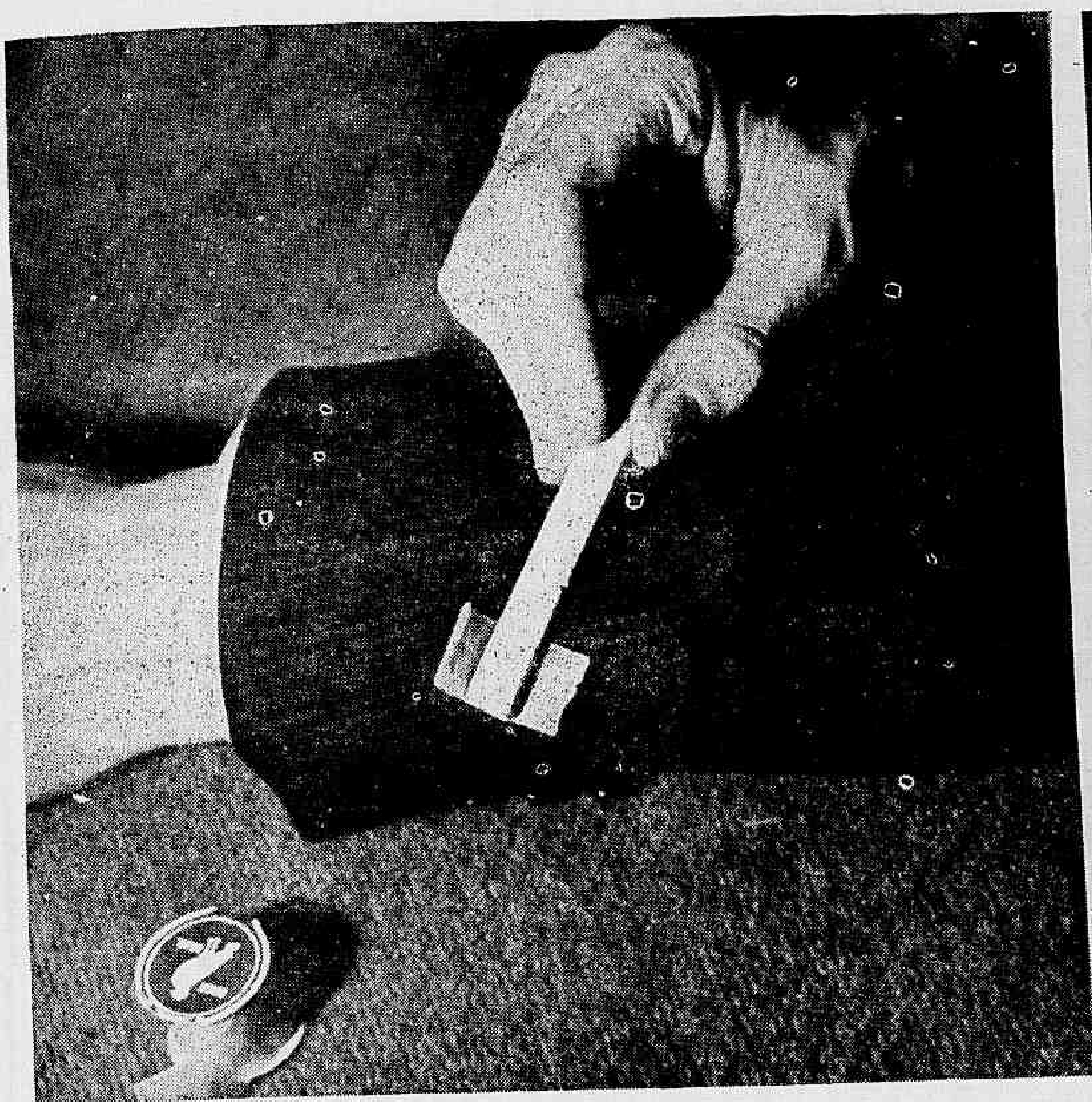
Outro traço forte observado pelo nosso entrevistado no caráter do

(Cont. na pág. 51)

FAMÍLIA SEM CHEFE

E aqui está o retrato que não vai figurar em album de família. A mãe de Arlete disfarça uma expressão desesperada, como se perguntasse: — "Meu Deus, teria eu nascido apenas para aproveitar os restos dos outros?" Que futuro aguarda a essas pobres crianças sem pai que as oriente?

VOCÊ PODE SE TORNAR UM GRANDE MÁGICO!





1 O único material necessário é um pedaço de fita gomada. O cigarro vai prêso nas costas do dedo médio. Curve depois, s.mplesmente, êsse dedo e ponha o polegar sôbre a extremidade com o cigarro colado, em cada vez que ela aparecer, e terá uma "exibição" de tal modo perfeita que seus amigos o julgarão rival do mágico mais famoso mundialmente. Observe que os preparativos devem ser feitos antes da exibição, em local onde não seja apanhado em flagrante pelos amigos e leigos no assunto

Aqui vai desvendado o segundo "truc" de uma série de mágicas — a cparição milag.osa de cigar.os. Aparentemente o mágico tira do ar um chapéu cheio deles e todos acreditam em que os levou na manga do casaco. Por meio de incrível agilidade em espalmar, o nosso herói faz surgir cada cigarro na extremidade dos dedos. No entanto o "truc" é dos mais fáceis, como se pode ver pelas ilustrações desta página e as respectivas legendas. Leia com cuidado, aprenda — e procure no número vindouro outro mistério.

2 E' preciso, naturalmente, estudar o ângulo de onde você pretende trabalhar diante dos espectadores. Uma vez encontrado o melhor ângulo, poderá dar conta do servico muito perto da assistência, sem qualquer receio de ser descoberto. Acompanhe a série de fotografias e veja como tudo se consegue com habilidade, desde que os movimentos sejam processados com rapidez, sem dar tempo a serem acompanhados em seus pormenores. Conserve sempre o cigarro colado à extremidade do dedo médio







3 A palma da mão pode ser mostrada ao auditório, bem aberta, sem que apareça o cigarro, mas com o cuidado de não voltá-la para o outro lado, ou então o "truc" estaria revelado. Use gestos largos, ponha na vitrola um disco de música melodiosa para fazer "ambiente", e vá apresentando os cigarros ritmadamente, mas com os movimentos lépidos. Na gravura não aparece o chapéu, nem é preciso; entretanto, dentro dele é que a mão se articula de modo a simular uma renovação constante de cigarros

4 Mas como encher o chapéu de cigarros? — perguntará o leitor. Muito facilmente. Êle é também preparado de antemão, colocando-se os cigarros sôbre a carneira, no lugar coberto pela outra mão, que o segura. Introduza a mão no chapéu, mostrando claramente o cigarro, depois solte um dos cigarros que estão na mão contrária, dentro da carneira — e retire a primeira, com cuidado, já com o cigarro nas costas do dedo, pronto para repetir a proeza. Evite que os cigarros caiam antes do tempo

5 E pronto, operou-se o milagre! Se os espectadores exigirem a repetição do "truc", tome precauções, porque no "bis" algum deles pode desvendar o trabalho. Mas não se negue a repetir, podendo fazê-lo quantas vêzes o solicitarem, desde que não se precipite. Tenha ainda o cuidado de usar cigarros iguais, para evitar confusões — e prontifique-se a dar lições de mágicas aos amigos. Outros interessantes "trucs" continuarão sendo revelados nesta página, nas edições vindouras da REVISTA DA SEMANA

O MINISTRO DANIEL DE CARVALHO NA ARGENTINA

ÊSTES aspectos fotográficos foram apanhados na República Argentina durante a recente visita que o sr. Daniel de Carvalho, ministro da Agricultura, realizou, em caráter oficial, àquele país vizinho. Ali o sr. Daniel de Carvalho e sua exma. espôsa foram alvos das mais expressivas manifestações do mundo oficial, da sociedade e também da colônia brasileira domiciliada no grande país irmão. A visita do ministro da Agricultura do Brasil não se limitou apenas à capital argentina. S. Excia. fêz uma excursão pelo interior, onde não foi menos homenageado do que em Buenos Aires.

★

Visita do ministro Daniel de Carvalho ao presidente Perón





À esquerda: Recepção na Embaixada do Brasil, oferecida ao ilustre patrício. À direita: Na grande Exposição de Palermo, o sr. Daniel de Carvalho assiste ao desfile





À esquerda: No Parque Nahuel Huapi, em companhia de pessoas amigas. À direita: Outro flagrante do ilustre casal em Nahuel Huapi



GETÚLIO VARGAS e SALGADO FILHO — a fórmula que anda nos sonhos e na imaginação de todo petebista que se preza. Conseguirão transformá-la em realidade? E' o que com tempo viremos a saber. As perspectivas são ainda vagas e sombrias, não se conhecendo, a rigor, o rumo que as coisas tomarão, podendo modificar-se de um momento para outro

A MARCHA PARA O CATETE

PASSANDO EM REVISTA OS CANDIDATOS PROVÁVEIS E OS NÃO PROVÁVEIS ★ POR ENQUANTO TUDO É TEMOR E PREPARAÇÃO ESTRATÉGICA ★ OS FAVORITOS E OS QUE SE FAZEM PASSAR POR ISSO ★ QUAL SERÁ O HOMEM ESCOLHIDO?

Por HÉLIO FERNANDES

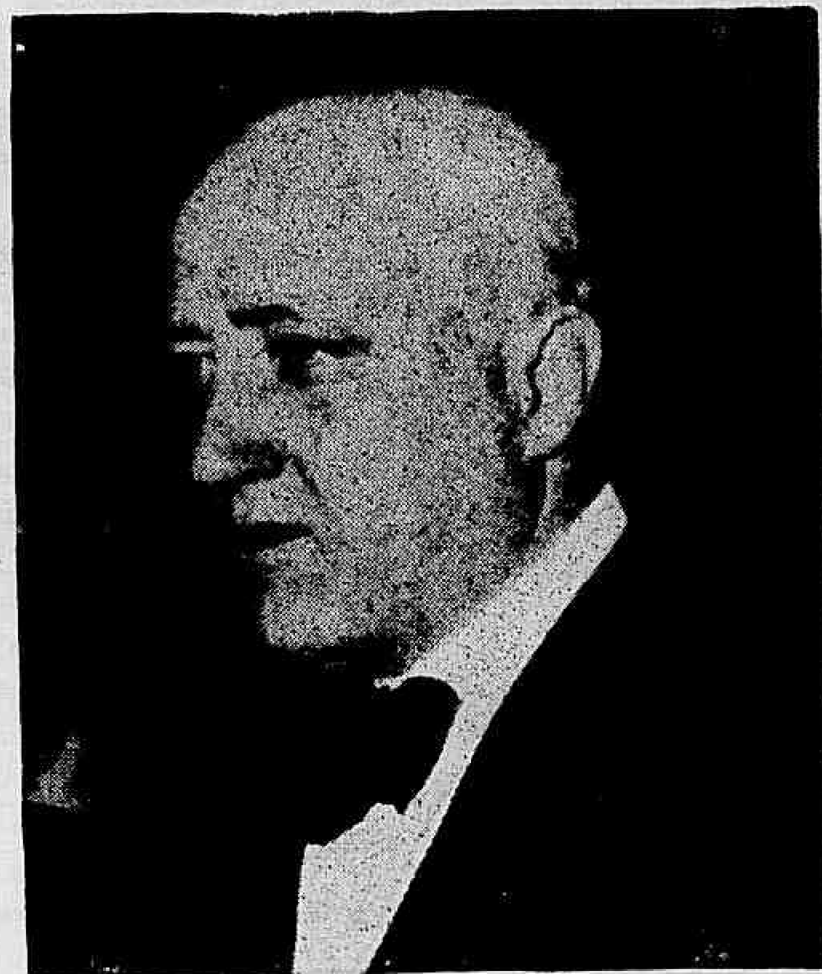


CANROBERT começou com muita fôrça. Para avaliar suas possibilidades é preciso saber com quem poderá contar nas altas esferas políticas

A sucessão continua a ser o assunto e o problema do dia. Como assunto ainda ficará no cartaz uns doze meses, que tantos nos separam do juízo final das urnas. Como problema, desafia a inteligência e a sagacidade dos "três grandes" e dos inúmeros pequenos que se rotulam a si mesmos de chefes políticos nacionais, e não será tão ràpidamente solucionado.

Pelo menos até o momento nenhuma tentativa séria de solução foi encontrada ou simplesmente aventada, continuando o problema a ser colocado e discutido em têrmos absolutamente municipais, com a apresentação de nomes que mais parecem talhados para a presidência de sociedades recreativo-dançantes.

Consultados líderes importantes e sem importância, auscultados chefes reconhecidamente populares e outros sem nenhuma base eleitoral, acalmados e mesmo destruídas algumas ambições, encerrou-se o chamado primeiro ciclo das negociações sem que nenhuma possibilidade de conciliação fôsse ao menos vislumbrada. Feita sem base e sem método, a consulta aos partidos não poderia mesmo ter proporcionado resultado algum, pois para começo de conversa, a sondagem foi feita em têrmos tão vagos — "concorda V. Excia. em colaborar para a solução do problema da sucessão?" — que todos ou quase todos não demoraram em responder afirmativa-



E O PREFEITO Mendes de Morais, embora sem ter o nome em evidência no cartaz dos candidatos, parece encerrar uma possível surprêsa. Virá mesmo?

ADEMAR é a sensação da política brasileira, pelo número extraordinário de interessados que consegue movimentar. Há quem proclame certa a sua vitória

PLINIO SALGADO conseguiu reaparecer quando já parecia inteiramente sumido. Movimentaram-se certas correntes a seu favor. Mas terá de fato possibilidades?

mente. Nem poderia ser de outra maneira, pois seria muito de ver-se que algum partido ou chefe de partido respondesse que não estava disposto a colaborar.

Mas, mesmo sem ter saído da estaca inicial, passou-se à segunda fase, pomposamente anunciada... da escolha do nome e do programa do candidato.

Iniciada com festas e música, bandeirolas e discursos reciprocamente laudatórios, esta segunda etapa continua se arrastando com a mesma lentidão da outra e, possivelmente conduzirá ao mesmo resultado, isto é, a resultado algum.

Marcada de início por uma grande atividade, inclusive com a ida do sr. Benedito Valadares a Minas em avião particular do presidente, caiu rapidamente em ponto morto, e agora arrasta-se penosamente, sob o olhar indiferente da maioria.

Pode-se dizer mesmo, que, neste momento, só os medíocres desenvolvem atividade incessante, cada qual procurando obter apoio para candidaturas imaginárias e inexpressivas, muito bem classificadas pelo sr. João Mangabeira como candidaturas de quinta classe.

Êsses — os medíocres — vivem num estado de euforia delirante, numa gritaria e num atropêlo que chegam a assustar os mais sóbrios e respeitáveis. E é bem possível que os demagogos e os aventureiros, escondidos e embuçados, mas espiando atentamente os acontecimentos, venham afinal a ser os únicos beneficiados, como têm sido tôda vez que se anuncia luta eleitoral.

MEDO: CARACTERÍSTICA PRINCIPAL

Mas, apesar de todo barulho e das inúmeras candidaturas que andam se ensaiando nas entrelinhas e nas "manchettes" dos jornais, ninguém se atreveu ainda a botar a máscara inteira, e sair por aí gritando oficialmente o que faria se fôsse presidente da República.

Entredevoram-se de longe, espiam-se medrosamente, insultam-se indiretamente, sem tomar a iniciativa dessa coisa tão simples numa democracia, que é o lançamento de uma candidatura.

Vivem aterrorizados, trânsidos de pavor, trêmulos de medo. O que os apavora? O Catete, naturalmente.

Temem o Catete como os supersticiosos recuam diante de uma casa mal assombrada. E em parte não deixam de ter razão, pois em 60 anos de República, o Catete tem sido a cornucópia de graças despejando favores e bênçãos, sôbre a cabeça dos protegidos.

E é precisamente o que todos êles querem ser: protegidos do Catete.

Em busca dessa proteção, lutam com unhas e dentes, aplicam todos os recursos, convencidos que aquêle que conseguir decifrar primeiro êsse enigma, já terá pelo menos 50 % de possibilidades de alcançar o cobiçado pôsto de sacrifício.

GETÚLIO, ADEMAR, NEREU E MILTON

Nereu foi o primeiro a surgir nesse páreo extra-oficial. Dizem que seu nome foi lançado maldosa e apressadamente por Benedito, desejoso de "queimá-lo" logo de saída. Outros dizem que essa apresentação é um imperativo nacional, decorrente da sua posição de presidente do partido majoritário. E alguns observadores, chegam a adiantar que será o único nome capaz de abrigar-se sob o denominador comum do acôrdo interpartidário.

Seus inimigos — e são muitos — manejam habilmente os argumentos contrários, firmando-se principalmente numa propalada incompatibilidade com a copa e a cozinha, o que lhe roubaria o apoio do Catete.

Mas a verdade é que, com todos os prós e contras, a "candidatura" Nereu tem revelado uma surpreendente vitalidade, resistindo a tôdas as idas e vindas da maré política, chegando mesmo, em determinados momentos, a reaparecer carregada na crista da própria onda que deveria submergi-la. No momento em que escrevemos continua forte e bem disposta, parecendo em condições de resistir a quaisquer temporais inesperados, do sul ou mesmo do centro.

Ademar é outro candidato natural. Quase ninguém tem dúvida sôbre isso. Fôsse de outro modo e não se justificaria a tremenda onda de publicidade que vem desenvolvendo em tôrno do próprio nome, chegando mesmo a usar em seu benefício as campanhas hàbilmente articuladas pelos inimigos, como foi o caso do "populismo" e da "caixinha".

O lançamento oficial da sua candidatura depende apenas de detalhes técnicos, sendo certo que já está assentada há muito tempo nos altos círculos do seu partido — Social Progressista — o que afinal de contas não chega a surpreender ninguém, pois sabe-se que a conquista do Govêrno de S. Paulo, sempre foi considerada por Ademar, como a primeira fase para a batalha do Catete.

Seu maior problema — que tem lhe roubado noites de sono e anos de vida — é a desincompatibilização. Tendo que deixar o cargo em abril — seis meses antes — para poder candidatar-se, colocará a máquina governamental nas mãos do genro Noveli, precisamente o seu maior inimigo. E em seis meses — Ademar sabe disso melhor que ninguém — pode-se desmontar inteiramente qualquer máquina eleitoral e montar em seu lugar outra novinha em folha, igualzinha à anterior, obedecendo apenas a outra palavra de ordem.

E é disso que Ademar tem medo. Mas como o medo não é solução, procura desesperadamente aproximar-se do Catete, embora salvando as aparências, tentando deixar a impressão de que êle é que está sendo procurado. Por outro lado, habilmente contorna um possível fracasso dessa reaproximação, chegando-se manhosamente a Getúlio e a Jobim. E há quem diga que tem um pacto secreto com Canrobert, o qual só seria usado em última instância, como argumento decisivo.

Mas de qualquer maneira, Ademar vai ser um obstáculo difícil para qualquer candidato, principalmente em virtude dos fabulosos recursos financeiros de que dispõe e que vem usando com a máxima prodigalidade. E isso — não esqueçamos — é decisivo, num país que chegou ao estado de insensibilidade moral do nosso.

Getúlio é ainda o grande desconhecido da política brasileira. Depois de 25 anos de vida pública — 15 dos quais no govêrno — continua tão inédito como no dia em que foi eleito deputado estadual no Rio Grande do Sul. Ninguém sabe o que êle quer ou pensa. Seus rumos são incertos e hesitantes e seu destino, um tormento e um problema. A quem êle apoiará?

Nereu? Canrobert? Ademar? Preferiria uma candidatura partidária como a do Senador Salgado Filho? Muitos observadores de responsabilidade e de visão dizem que êle não será candidato. Ou melhor: só será candidato, na certa, sem risco de derrota

Mas para isso, para disputar as eleições como favorito absoluto, teria que ser apresentado por uma coligação poderosa com verdadeira base de massa. E onde conseguirá êsse apôio popular sabendo-se que em S. Paulo e Minas — 3 milhões e quinhentos mil votos — seu prestígio é menor?

Teria então que voltar-se decididamente para Ademar e Milton Campos. Com Ademar é possível que consiga estabelecer uma aliança sólida que os leve — por si ou por seus homens de confiança — ao mesmo tempo ao Catete e aos Campos Elíseos. Terão dado assim um golpe de mestre pois ficarão donos da situação no período 1950-55, colocando-se ainda em posição favorabilíssima para influir na futura sucessão de 1955.

Mas terá que fazer certas concessões a Ademar pois é evidente que no momento, o chefe paulista é o mais forte. Depende de como serão conduzidas as demarches entre os dois, sabendo-se que neste momento elas já foram iniciadas e caminham com menos dificuldade que a esperada. Já com Milton Campos, Getúlio não conseguiria nada, pois o chefe do Executivo mineiro é a nova estrêla da política brasileira. Mas uma estrêla de verdade, com luz própria e irradiando calor, um calor que chega a desesperar e assustar os seus adversários.



NEREU conta, inegàvelmente, com grandes recursos por ser o presidente do partido majoritário. Conseguirá firmar a própria candidatura? Nem êle mesmo poderá dizer



VALADARES, outro que se movimenta desde a primeira hora em que a fervura começou. Às vêzes, parece assustado com a presença de Milton Campos, outras, bastante seguro

Pelos seus atos e pelas suas atitudes, pela sua extraordinária fôrça moral — mais que pelo discernimento político — o Sr. Milton Campos colocou-se na posição de grande esperança, de salvador da pátria, e para êle se voltam todos os que ainda lutam por uma solução digna para êsse problema tão importante da sucessão. Pode-se dizer que êle incarna hoje os princípios que o Brigadeiro representou tão bem na eleição de 1945. Sua recente resposta ao convite do Sr. Valadares, ao mesmo tempo que ratifica o homem digno que êle sempre foi, mostra-nos também um homem esclarecido e com visão política, ao contrário do que andaram propalando.

E não poderia ser de outra maneira, sabendo-se que o Governador Milton Campos sempre foi um intelectual dos mais puros, voltado constantemente para as coisas do espírito.

Mas não são muito grandes as possibilidades do Sr. Milton Campos, pois infelizmente não há teto para vôos a tal altura. Porque, em política e principalmente no Brasil, os vôos baixos ainda são os mais recomendados. E para essa mentalidade, o Sr. Milton Campos atingiu uma altura extraordinária. O que talvez lhe seja fatal. Terá que esperar então por melhores épocas, aquelas saudosas épocas do Império em que havia estadistas de verdade, e não essa multidão inédita de sub-homens.



O SR. EUVALDO LODI, ao que se afirma, também anda manobrando, e como é hábil e tem prestígio pessoal, não seria impossível que acabasse no palácio do Catete



OS DOIS BERNARDES ainda são um caso sério. Em Minas Gerais contam com seu prestígio real, mas só em Minas. Será bastante para se imporem ao eleitorado?



BRIGADEIRO E MILTON CAMPOS — uma fórmula que encheria os olhos de todos os udenistas. Para êles, e para muitos outros, representariam uma solução honesta e digna. O nome do primeiro foi pôsto em evidência maior na última semana, provocando um movimento dos estudantes em seu favor. Apareceram paredes pintadas. Houve prisões logo relaxadas. Afinal, que virá por aí?

OUTROS NOMES

Mas se os acima citados são os favoritos para o páreo presidencial, não podem ser considerados os únicos. Por que há muita gente com vontade de ser candidato, mesmo sem credenciais. E ainda outros que poderiam resolver muito bem o problema, mas que ainda esperam a sanção dos fatos.

Entre os mais fortes dêste segundo grupo, iremos encontrar Mangabeira, Canrobert, Juarez Távora, César Obino, José Pessoa, Euvaldo Lodi, Pereira Lira, Osvaldo Aranha, Salgado Filho, o Brigadeiro, e alguns outros. Mas para êsses — que não têm uma base sólida de massa — tudo depende dos rumos que tomarem os acontecimentos. Candidatura única. Candidato partidário. Ou luta de verdade.

COMUNISTAS E INTEGRALISTAS

Os comunistas — colocados fora da lei — ainda não começaram o leilão político, esperando naturalmente que os adversários façam o primeiro lance. E é certo que o lance se fará, procurando os comunistas — em troca dos seus possíveis 400.000 votos — obter uma relativa liberdade para os seus líderes e talvez algumas concessões eleitorais.

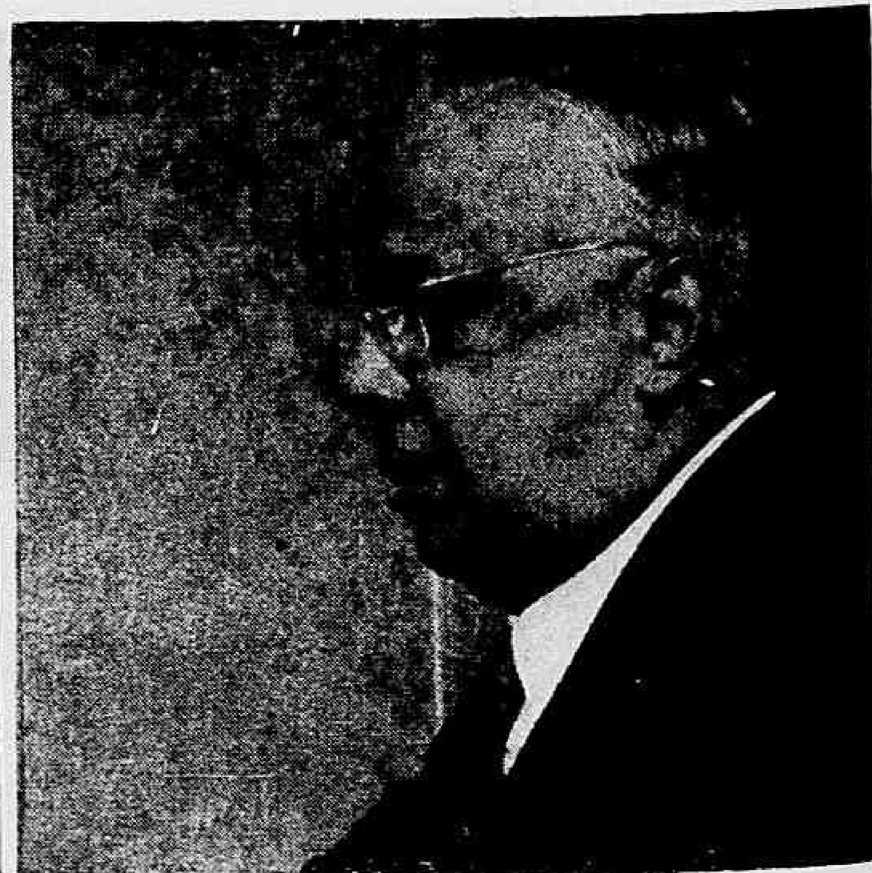
Já os integralistas — estranhamente consultados pelos chefes do acôrdo interpartidário — andam se assanhando desusadamente, muito esperando da luta eleitoral. Mas não conseguirão muita coisa pois já são muito conhecidos de outras casas. A reorganização do fascismo indígena — com ou sem apôio oficial — não representa perigo para as instituições. Constitui — isto sim — um ultraje àquêles 456 bravos que descançam definitivamente em Pistóia, e aos milhares que andam por aí arrastando uma muleta, um defeito físico qualquer, ostentando as suas orgulhosas condecorações de sangue.



DIZEM QUE Pereira Lira também sonha com o **Catete**, embora já viva dentro dele. Mas seu **sonho** tem outra significação. Outra incógnita



OSVALDO ARANHA talvez gostasse de ser candidato. Dizem que seu nome é simpático ao velho Góis. Tudo, por enquanto, não passa de suposições...



MANGABEIRA tem um enorme prestígio político, uma poderosa capacidade de insinuação. Poderá a velha Bahia dar a nota nas próximas eleições?



O CIGARRO

CONTO DE **ANATOLE RAMOS** ★ ILUSTRAÇÃO DE **OSWALDO DA CUNHA**

SIM, não restava a menor dúvida, era o cigarro que lhe estava roubando a companhia do filho. Antes era o namôro. Frederico saía para namorar e só voltava tarde da noite. Inúteis tôdas as rogativas. Inúteis mesmo as ameaças. O filho não o escutava. Só tinha uma preocupação: a pequena que o esperava na esquina. Depois ela se foi. Partiu para a casa dos pais, que viviam no Estado do Rio. As duas cartas que escrevera para Frederico foram desviadas. O filho de nada sabia. E passava algumas noites em casa, conversando ou escrevendo contos, como era de seu gôsto.

Agora, agora era o cigarro. Como voltara êle a adquirir êsse vício? Passara oito meses sem fumar, contra tôda a descrença dos que o conheciam. Mostrara que possuía uma boa soma de fôrça de vontade. De repente o vício volta a dominá-lo.

— "Se ao menos eu tivesse coragem de dizer ao Fred que êle pode fumar em minha presença..." — pensava Alfredo. Mas como? Educara o filho sempre longe, nos internatos. Sufocara com a distância e com o seu gênio excêntrico tôda e qualquer intimidade com o filho. Agora era suportar as consequências. Não poder conversar livremente, procurar têrmos adequados, evitar assuntos que não correspondessem à liberdade que consentia ao filho.

Alfredo ouviu a porta do quarto bater. Frederico ou Clarisse? Depois do jantar, todos desapareciam. Era difícil saber quem estava em casa.

Frederico apareceu, vindo pelo corredor. Procurou a irmã com um rápido relance dos olhos. Dirigiu-se ao pai:

— Onde está Teresa, meu pai?

Alfredo deu de ombros.

— Estará por aí, pela rua... — notou que o filho estava sem paletó: — Você não vai sair?

— Não, vou dar um "bordejo" por aí. Quero dormir cedo hoje.

Não disse mais nada. Dirigiu-se para a porta da rua, com a mão no bôlso, de onde o pai adivinhava, iria tirar o cigarro.

Novamente só, Alfredo procurou distração na leitura do jornal4 As idéias, porém, perturbavam-no confusamente. A filha, a irmã, o cunhado... o namôro de Frederico, o cigarro...! Céus! Porque ficara êle só, para criar e educar dois filhos e ainda ter que cuidar de uma irmã com um marido vagabundo? A espôsa, por que morrera tão jovem? Frederico era o mais velho. Quanto trabalho para encaminhá-lo na vida, nem se podia imaginar. Sempre quisera ser escritor. Acabara em um emprêgo modesto no comércio. Era o que êle mais deplorava: não poder continuar os estudos; tirar um curso superior. Só para ilustração, dizia êle. Seu destino era escrever. Tolices ou o que fôsse, mas escrever.

Alfredo lembrou-se das cartas que escondera ao filho. Estavam fechadas ainda — guardadas na sua mala. Como pai devia ter o direito de as ler. Ver até que ponto chegara o namôro do filho. Por causa daquele namôro Frederico deixara o ginásio para tentar a sorte no comércio. Estragara a sua vida.

Levantou-se pesadão para buscar as cartas. Dirigiu-se ao seu quarto de dormir. Ao abrir a mala, ainda titubeou. Seria decente ler as cartas que eram para o filho? Sacudiu a indecisão com um argumento que julgava irrespondível: então não era seu pai?

A primeira missiva chegara há uns dois meses atrás. A outra, mês e meio depois, mais ou menos. Pegou a primeira e rompeu o envelope. Carta de namorada, igual às muitas que se vêem por aí. "Meu querido e inesquecível Fred." sempre o mesmo início — saudades, lembranças do namôro e... Como? Seria possível!? O rosto de Alfredo, já enrugado pela idade, ficou lívido. Seus olhos não queriam crer no que liam. Não! Seu filho era um maluco, mas nunca um irresponsável! Mas estava patente, dito naquela singela linguagem de menina que não passou do curso primário: — "... para o mês eu já poderei dizer se é menino ou menina. Papai gritou muito e mamãe chegou a chorar mas eu disse que não era nada que você era muito bonzinho. Você não me enganou, não foi Fred? Vê se arranja êsse emprêgo depressa para mandar me buscar, sim? Já contou tudo a seu pai? Êle não gosta de mim, não é? Não sei porque. Você fala com êle e diz tôda a verdade. Êle não parece mau e creio em Deus que êle é bom como você. Meu noivado eu acabei porque eu vi que não gostava do Tito, mas êle quer casar comigo assim mesmo, sabendo de tudo. Eu contei para êle desistir porque eu só quero você e não gosto do Tito. Escreve sim Frederico? Eu espero suas cartas todo dia. Queira aceitar um beijo e um abraço bem apertado da sua que muito lhe ama. Vera."

Alfredo tinha lágrimas nos olhos. Seu filho... O que fizera êle! Por isto deixara os estudos, para trabalhar. Por isto pusera de lado suas ambições, tentando procurar uma situação definitiva, embora medíocre. Não sabia o que fazer. Chamar Frederico e recriminá-lo? Oferecer-lhe ajuda? Escrever para a pobre moça, mandando-lhe algum dinheiro? Como agir? Eram estas as consequências de uma educação mal orientada. Estava colhendo os frutos, os primeiros frutos maduros da sua imprevidência. Criara o filho longe de casa. Matara-lhe a infância nos internatos. Agora era como um estranho para êle. Pai e filho, mal se conheciam. Tratavam-se cerimoniosamente.

A porta da frente bateu com violência. Rápido, Alfredo guardou as duas cartas no bôlso do pijama e fechou a mala. Que faria com a outra carta? Entregá-la-ia ao rapaz? Ainda estava em tempo. Diria que a guardara no bôlso e se esquecera. Sim, era a melhor solução. De nada saberia sôbre a outra. Extraviara, pensaria êle.

Ergueu-se do chão e caminhou para a sala de jantar. Sentado à mesa, escrevendo qualquer coisa, Frederico nem deu pela entrada do pai.

Foi você que entrou agora, Fred.

— Foi.

Alfredo tirou a carta do bôlso. Embora quisesse conhecer o seu conteúdo, não hesitou em estendê-la ao rapaz.

— Olhe, esta carta chegou na sexta-feira. Tinha-me esquecido de entregá-la a você.

O filho ergueu a vista um tanto perturbado. Pegou a carta, leu o sobrescrito como que desconfiado e logo abriu o envelope cuidadosamente.

O pai acompanhava suas expressões, à medida que êle progredia na leitura, sob um ligeiro sentimento de culpa. Sob a iluminação artificial era um pouco difícil de se afirmar, mas Alfredo juraria que o filho ia aos poucos perdendo a côr. Seus lábios se crispavam até se tornarem lívidos. Os olhos lacrimejavam. Alguma coisa de terrível estaria naquela carta que êle retardara tanto. Os músculos faciais de Alfredo estavam rígidos como se sustentassem um pêso extraordinário.

Por fim, Fred terminou a leitura. Ao dar com os olhos do pai, fixos sôbre êle, perturbou-se. Tentou sorrir a despeito das lágrimas que rebrilhavam prêsas às pestanas. Estendeu a carta ao velho em um gesto de autômato.

— Leia, meu pai. Depois eu explico...

Falava entre-dentes, com as mandíbulas cerradas, como a conter a explosão de lágrimas.

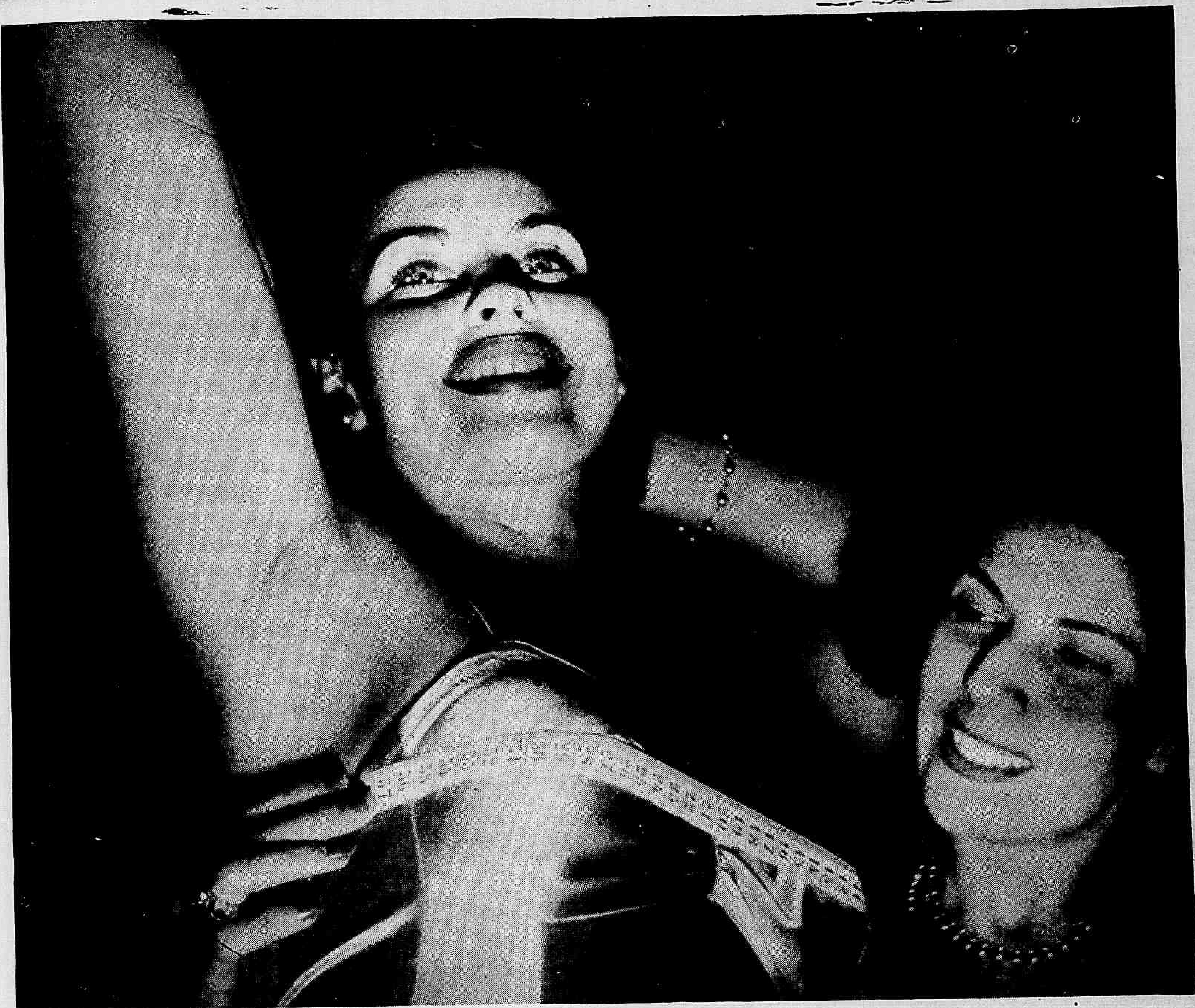
O outro segurou as fôlhas sem nada falar. Doía-lhe na consciência o arrependimento de haver prendido as duas missivas. Desceu os olhos para a página escrita.

"Meu Fred, espero que você não esteja esquecido de mim". A letra era trêmula e por ela percebia-se o nervosismo da mão que escrevera. "Eu mandei para você uma carta há dois meses atrás. Você não me respondeu nem um bilhete; por que? Eu demorei a escrever outra porque estive de cama muito doente, sabe? O pessoal daqui não quis me dizer nada, mas hoje mamãe me disse que nosso filho morreu pouco depois de ter nascido. Você não sabe como eu sofri, Fred. Por favor, me escreve; papai diz que você depois de tudo não quer saber de mim. Que o melhor é eu casar com Tito que não me deixa. Êle vive aqui, prometendo cuidar de mim direito. Eu não quero, Fred, prefiro morrer se você não me quiser mais. Escreve sim Fred? Eu não tive culpa dele ter morrido, não é? As vêzes eu acho que até foi bom, que foi Deus que quis. Você já explicou tudo a seu pai, não foi? Se você soubesse como eu fico pensando em você. Quando eu rezo de noite só peço a Deus para pro-

(Cont. na pág. 51)



VAI COMEÇAR O DESFILE — APRONTAM-SE OS MANEQUINS DE CARNE E OSSO



A MODÊLO DEVE TER UM CORPO DE PROPORÇÕES EXATAS. EXEMPLO, MARIA GRACINDA: BUSTO E CADEIRAS, MEDIDAS IGUAIS, 87 CMS.

OS MODELOS VÃO À EUROPA

OBSERVANDO DE PERTO A RAINHA DA "MI-CARÊME" E AS PRINCESAS DA FESTA DA PRIMAVERA ★ RIGORES ANATÔMICOS, IGUALANDO A VÊNUS DE MILO; BUSTO E CADEIRAS, 87 CENTÍMETROS; COXA E CINTURA, 60 CENTÍMETROS ★ A PROPÓSITO DO DESFILE PATROCINADO PELA PREFEITURA DO DISTRITO ★ MAS SÓ O TRABALHO DE "MANEQUINS" É INSUFICIENTE PARA O SUSTENTO DE UMA VIDA DECENTE!

Reportagem de **Sabino Canalini** ★ Fotos de **Arnaldo Vieira**



LEGÍTIMO "BROTINHO" DE JAMBO, 100% NACIONAL

No sábado, 1 de outubro, à noite, promovido pela Associação dos Cronistas Carnavalescos e sob o patrocínio da Prefeitura do Distrito Federal, realizou-se o desfile da Primavera.

Tomaram parte, em carros alegóricos, a Rainha da "Mi-Carême" e sua côrte de Princesas.

A Prefeitura incumbiu-se de estender festões de lâmpadas através de tôda a Avenida. Deveria ter sido comemorada também a Festa da Primavera, isto é, das flores. Pelo menos, houve uma tentativa de reviver esta tradicional e bela festa de outros tempos. Mas o espetáculo a que os cariocas assistiram foi fraco, pois, na realidade, constou apenas de um desfile de dois carros enfeitados de flores — isto é, de algumas flores e muitas samambaias. No primeiro encontrava-se Maria Gracinda, eleita Rainha da "Mi-Carême", e no segundo vinham seis garôtas, constituindo o séquito de honra, as Princesas. Em frente ao edifício do "Jornal do Brasil" houve uma parada, para permitir aos fotógrafos tomar as suas poses, e aproveitou-se o momento para soltar uma vintena de foguetes como saudação a Sua Majestade e Suas Altezas, as Princesas. Conforme o desfile ia passando, o povo, depois de ter admirado e aplaudido, foi debandando, e tudo acabou em mais um dos tantos bailes em uma das várias "boites" existentes na cidade.

Só o desfile, de maneira alguma daria assunto para



NINGUÉM PODE VIVER APENAS COM O SALÁRIO DE MODELO. É PRECISO TRABALHAR NA "BOITE" PARA SE MANTER



EM SONS LÚGUBRES E SENSUAIS, NUM CRESCENDO RÍTMICO, OS TAMBORES INICIAM OS RITUAIS DA NOITE



A DAS CORRENTES VAI EXIBIR UM NÚMERO ORIENTAL — A DO CENTRO DARÁ CONTA DE UM BATUQUE AFRICANO



UMA COMPOSIÇÃO EM QUE HÁ DE TUDO: SILHUETA, ODALISCAS, TENDA ÁRABE E SUGESTIVO JOGO DE LUZES



O OLHAR PERDIDO, IMÓVEL, AGUARDANDO O MOMENTO DA CHAMADA, ELA PARECE DIZER: — "QUANTO CUSTA FAZER JUS AO SALÁRIO."



OS MODELOS VÃO À EUROPA



O DEVER DO MANEQUIM E' SABER APRESENTAR-SE COM [...] SIMPLES "[...]

uma reportagem. e, então, sabendo que as moças que haviam tomado parte na festa eram também modelos profissionais, ficou resolvido focalizá-las no seu trabalho diário.

Quem ouve falar em modelos pensa logo em criaturas do outro mundo. Fica imaginando figuras de moças lindas moças, louras e morenas, tôdas muito bem feitas de corpo e principalmente com pernas bem proporcionadas. Imagina também que essas moças devem levar uma vida muito boa, pois o trabalho delas deve ser gostoso. Sim, o que custa vestir algumas das melhores produções das principais casas de moda estrangeiras? que é que custa volutear graciosamente pelos estrados, subir e descer com elegância dois ou três degraus artisticamente dispostos, andar com passos delicados como se estivessem pisando veludo, fazer gestos naturais e ter um permanente sorriso de felicidade nos lábios? É o suficiente para provocar essas agradáveis reações apenas ter a ventura de poder vestir uma daquelas fabulosas criações dos costureiros franceses, por exemplo, que tão bem ficam numa mulher bela, que tantos olhares de admiração e inveja provocam e que tantas bôlsas esvaziam.

Assim pensam muitas das cabecinhas que andam por aí. Bonitas sim, mas ainda um pouco desmioladas, facilmente impressionáveis pelas manias de luxo e de querer imitar as mulheres da alta roda.. E, além de tudo, há os concursos de beleza, de onde saem dezenas de rainhas. E, afinal, um título de Rainha sempre impressiona, mesmo quando estamos vivendo numa época em que êsse título pode ser causa de desterro ou coisa pior. Mas aqui se trata de ser Rainha de graça e beleza, por sufrágio popular, por meio de votos, cuja compra reverte em benefício de alguma obra de caridade, ou por decisão, quase sempre unânime de um juri composto de literatos, de jornalistas, de artistas, de senhoras da alta sociedade, enfim, da nata pensante desta nação feliz. O principal é ter graça e beleza. [...]

o que n[...]
podia d[...]
"brotinh[...]
própria,[...]
graça d[...]
Ora, [...]
coragem[...]
encoraja[...]
legas e[...]
Uma [...]
vai até[...]
ou o m[...]
tivo e [...]
êsse in[...]
ciment[...]
Mais [...]
valor, [...]
mais re[...]
Essas[...]
horas [...]
as Prin[...]
Por [...]
de hor[...]
para s[...]
nais, [...]
mestre[...]
obriga[...]
lhes [...]
mil c[...]
como [...]
Algu[...]
de ba[...]
acum[...]
lhes [...]
que [...]
de te[...]
justo [...]
porta[...]

NOS RAPIDOS MINUTOS DE DESCANSO, ENTRE UMA APRESENTAÇÃO [...]

A UROPA



AR-SE COM UM SIMPLES "MAILLOT" OU COM UMA SOMBRINHA ENTREABERTA

o que não falta. País onde há de tudo, a natureza não podia deixar de contemplá-lo também com saborosos "brotinhos" tropicais, atraentes, com uma verve tôda própria, nos mais variados matizes e numerosos, pela graça de Deus.

Ora, tendo beleza, isto é, corpo, só faltaria mesmo a coragem. Esta vem ao poucos, uma palavrinha hoje, um encorajamento amanhã, depois o apoio das e dos colegas e, enfim, o consentimento almejado da família.

Uma vez lançada a idéia, ninguém mais a segura e vai até o fim. Depois, alcançado o título de Rainha ou o mais modesto de Princesa, está conseguido o objetivo e então começa-se a viver dos louros. O tempo, êsse infalível entorpecedor, acaba por jogar ao esquecimento também as lindas e festejadas rainhas de hoje.

Mais uma quimera desmoronada, mais um título sem valor, mais uma corôa sem realeza, mais amarguras e mais recordações tristes de uns dias felizes.

Essas as reflexões sugeridas pelo convívio de algumas horas com as simpáticas modelos da Wahyta Brasil, as Princesas, e com a Maria Gracinda, a Rainha.

Por causa desta reportagem elas tiveram que abdicar de horas de repouso e ir até a "boite" em que trabalham, para se deixar fotografar. Além de modelos profissionais, apresentando com exclusividade as criações que os mestres da tesoura franceses mandam para cá, são obrigadas a procurar outros empregos, pois, do contrário, lhes seria absolutamente impossível viver com apenas mil cruzeiros por mês, e que é o quanto elas percebem como "manequins".

Algumas são funcionárias, outras pertencem ao quadro de bailarinas dos teatros de revistas da cidade. Devem acumular vários trabalhos para se sustentarem. Sobra-lhes pouco tempo para descansar e, por isso, sempre que procuradas pelos jornalistas, mostram-se desejosas de terminar com a entrevista em poucos instantes. E' justo e é natural, pois deve ser bem desagradável suportar as exigências dos fotógrafos e as perguntas tolas

TRE UMA APRESENTAÇÃO E OUTRA, MARIA GRACINDA CUIDA DO PENTEADO







DAS TRÊS, NORMA, A DO CENTRO, MONOPOLIZOU AS ATENÇÕES DO POVO NO DESFILE DA PRIMAVERA, APLAUDINDO A SUA GRAÇA MORENA

e às vêzes indiscretas dos repórteres, com o sono atrasado, caindo de cansaço e, ainda por cima, apresentar o indefectível sorriso sempre que espouca um "flash".

As qualidades físicas de um modêlo devem ser perfeitas e a escolha é feita com a fita métrica na mão. Não existe propriamente um tipo padrão. Wahyta Brasil prefere um tipo médio, de modo a satisfazer a tôdas. Ela exige apenas que haja proporção nas formas, elegância de porte e medidas mais ou menos de acôrdo com as clássicas da Venus de Milo.

Uma das modelos que maior proporção apresenta entre suas medidas, e portanto que mais se aproxima da perfeição da estatuária grega, é a Gracinda, cujos flagrantes de medição ilustram estas páginas.

As outras modelos, isto é, as Princesas, depois de terem apresentado as cópias dos originais parisienses, continuam em números especiais artísticos com quadros do folclore nacional e de tipo oriental.

Não há canto nem dança, na verdadeira acepção da palavra, apenas umas contorções ao som de músicas adequadas, uns passos mais ou menos cadenciados, roupa, isto é, pouca roupa, a caráter e uma boa dose de coragem.

Quase sempre chegam em cima da hora, de modo que têm que se aprontar em poucos minutos. O camarim, se é que pode ser chamado assim, é pequeno, e na afobação do momento apresenta bastante confusão.

Corre daqui, corre de lá, está faltando uma peça, agora é um alfinete que sumiu. — "Mas bem que eu o tinha deixado aqui!" — "Cadê meu sapato? E o colar? Coitado, está no chão e partido, e agora?"

Outra, que já se vestiu, pega da escôva e do pente: — "Sai da frente do espêlho, pois tenho que arrumar o meu cabelo". — "E eu, onde é que vou acabar a "maquillage"?"

— "Tudo pronto? Não,, ainda falta... Ah! A pulseira para o tornozelo!"

Agora sim. Descem por uma escada estreita, de ferro e em caracol, e aparecem no "grill". Vai-se até o terraço. Mas o tempo não estava bom, chuviscava.

Assim mesmo uma delas, a Olga, prontificou-se a posar

(Conti. na pág. 52)



ABRINDO O DESFILE, EM CARRO DESCOBERTO, WAHITA BRASIL, ORGULHOSA PELA BELEZA DAS SUAS MODELOS



MARIA GRACINDA RECEBE AS HOMENAGENS DOS FIÉIS ADMIRADORES À PASSAGEM DO CARRO PELAS AVENIDAS. EM CIMA, OUTRAS PRINCESAS

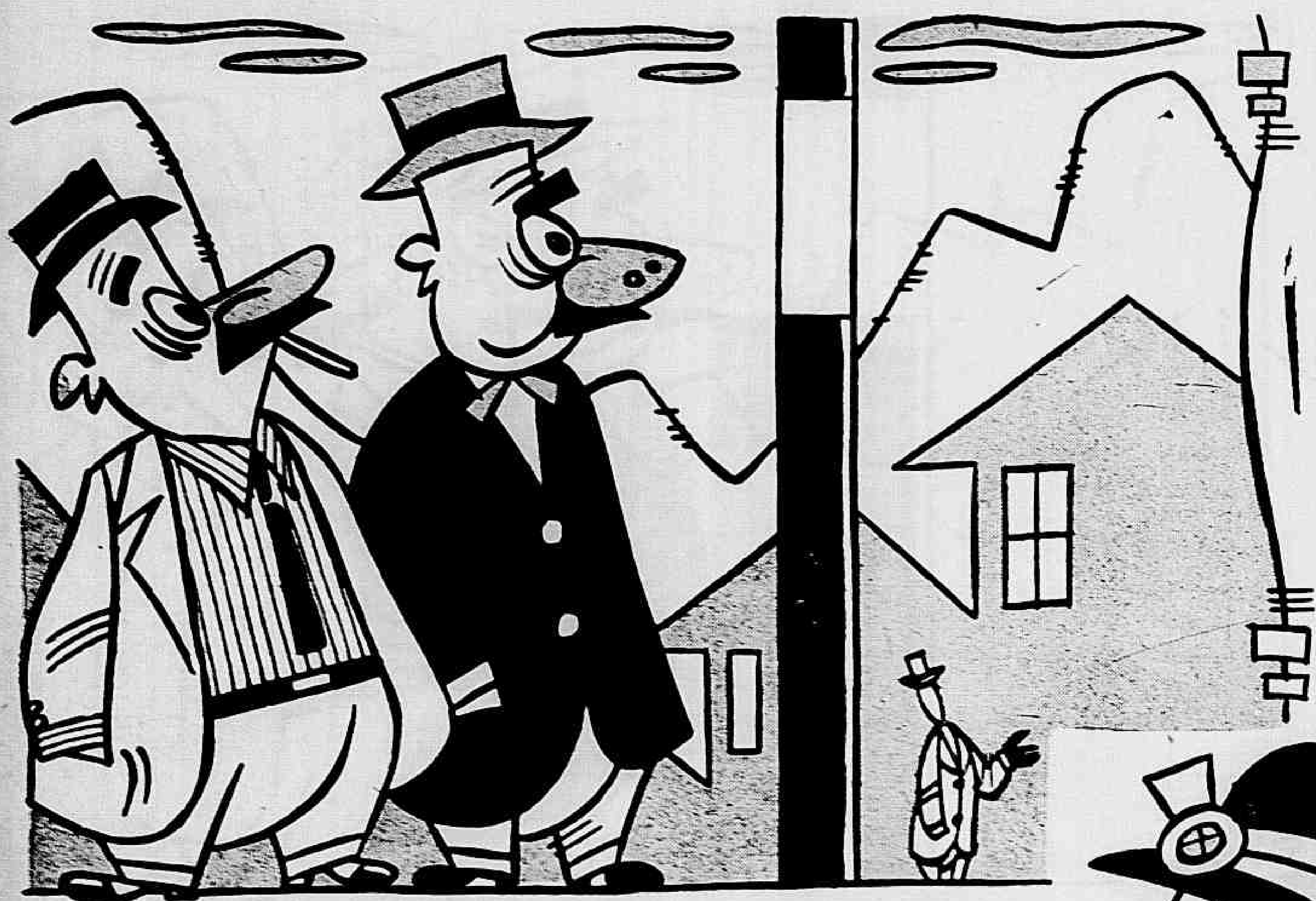
NOVIDADES



Nada há de novo sob o sol, diziam os antigos, e de fato acabaram de descobrir tabelamento de gêneros tipo C.C.P. entre as inscrições dos assírios e babilônios...



— Falam tanto em deflação, mas vão emitir milhões de cédulas!...
— Mas são cédulas eleitorais...



O prefeito está dificultando a campanha contra o jôgo do bicho. Importando animais para o Zoo, dá tanto palpite...



Dizem que não há racismo no Brasil e, no entanto, continuam perseguindo o câmbio **negro**...

— Qual é a **última** "seu" Inocêncio?
— Hoje não há piada, madame. Estou por conta da Campanha Nacional da Criança.

2ª REPORTAGEM DA SÉRIE "AS 7 CIDADES ENCANTADAS"

EU ENCONTREI A ARCA DE NOE'!

UM FEITICEIRO, ÚNICO HABITANTE DE PIRACURUCA ★ JOSÉ CATIRINO, VERDADEIRO CASO DE POLÍCIA ★ O CASTELO DO REI E A FAMOSA FONTE DOS MILAGRES ★ A ARCA DE NOÉ ANCOROU NESSE LUGAR E JUNTO DELA AINDA EXISTEM ANIMAIS PETRIFICADOS...

Texto e fotos de **Vinicius Lima**
(Enviado especial da REVISTA DA SEMANA ao Piauí)

QUANDO atingimos as Sete Cidades Encantadas, nossa primeira impressão foi diferente da que esperavamos. Falavam os sertanejos em fantasmas e encantamentos; no entanto, o que primeiro nos surpreendeu foi um amontoado de ferro. Pirâmides e mais pirâmides do precioso minério... Possivelmente filões de ouro nas crostas das montanhas. O geólogo Schwennhagen disséra que as Sete Cidades possuiam inestimáveis jazidas de ouro. Não tinhamos conhecimentos técnicos para comprovar essa afirmativa, mas o ferro dispensa exame minucioso para ser identificado. O cristal, também. Nada de fenicios, portanto. Os vestígios proclamados de uma civilização que teria existido nêsse lugar, não passavam de méra fantasia. As garatujas espalhadas pelas paredes das rochas, éram apenas sinais evidentes de que alguém nos precedêra naquelas paragens — e mais nada.

Galgamos a encosta de uma colina e fotografamos um pôço de água quase termal — sulfurosa. Sua temperatura, medida a rigôr, não passou de 16.º: éra a fonte dos milagres procurada por gente de todo o nordeste. Aquela água é o padre Antônio da região — auxiliada pelo enxôfre produz curas de fé.

Do cume do morro o panorama é deslumbrante. Mas nada de cidade petrificada. Nada de antigo esconderijo dos fenícios. Não resta dúvida que, com muito boa vontade, pode-se ter a ilusão de que se está diante de edifícios e ruas de granito. E' extranho que cientistas hajam admitido a possibilidade de vida civilizada naquelas paragens .

JOSÉ CATIRINO, UM CASO DE POLÍCIA

Elias nos havia falado da existência de um estranho personagem, único habitante das Sete Cidades. Fomos visitá-lo. Éram quatorze horas e Catilino ainda dormia. Parecia um bicho deitado sôbre fôlhas sêcas de carnaúba. Acordou e expulsou a caravana do interior de sua palhoça. Do lado de fora imploramos que surgisse à porta. Catirino foi buscar sua espingarda e ameaçou-nos: — "Eu vou mas mando chumbo na frente".

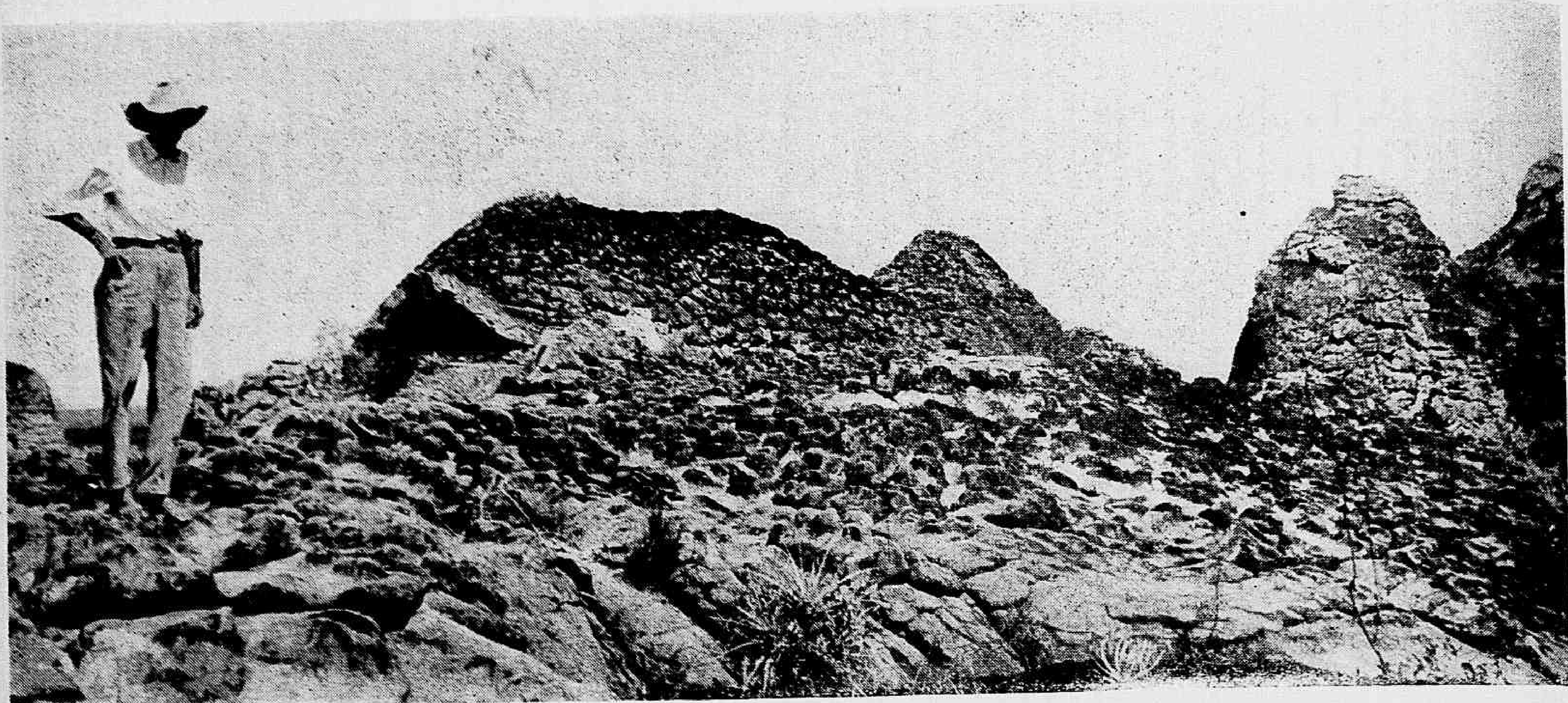
Felizmente, possuindo máquina capaz de disparar por sí, a reportagem graduou-a para determinado tempo. E num ângulo em que pudesse aparecer o feiticeiro, conseguiu que êle surgisse, medrosamente.

UMA HISTÓRIA CURIOSA

José Catirino habita as Sete Cidades porque tem mêdo da justiça. Vivia numa cidade pró-

A "Arca de Noé" teria ancorado em Piracuruca? E' o que parece quando se depara com aquêles penhascos das "Sete Cidades Encantadas". Aí está uma pedra que muito se assemelha à barca que o homem bíblico construiu. À esquerda, um dos animais petrificados, "specimen" completamente desconhecido neste século





Elias, o grande herói desta jornada, o guia que nunca esmoreceu. Tem catorze filhos e ainda quer mais, é proprietário de ótimas terras, delicado e prestimoso. Sua maior aspiração consiste em possuir uma espingarda belga de dois canos. A família estava ausente, mas Elias ali ficara, prêso à terra dura

xima à Piracuruca onde se dava ao luxo de retirar os "bichos" das pessoas enamoradas, principalmente de moça. Mas em vez dos "bichos" Catirino tirava-lhes coisas mais preciosas. Quando ficou esclarecida a malandragem do astuto sertanejo, Catirino fugiu com a mulher e uma filha para as Sete Cidades onde construiu a choupana que aparece na foto. Em lá chegando também sacrificou a filha, o que levou a mulher a abandoná-lo. Hoje Catirino é um solitário. Quando vê alguém procura ocultar-se. Durante os dois dias seguintes em que permanecemos nas Sete Cidades, Catirino internou-se no mato, de onde naturalmente só regressou depois que partimos. Voltamos a sua choupana sórdida no segundo dia, a procura de água, visto só termos encontrado depositos estagnados. O interior do recipiente em que o homenzinho deposita água é tão sujo como sua vida. E para completar, a água do pote de Catirino era sulfurosa. Positivamente era da fonte mais próxima, atestando a preguiça do feiticeiro.

Esta é a famosa Fonte dos Milagres. Sua temperatura permanente é de 16 graus. Muita gente caminha léguas para atingí-la, vencendo os perigos da jornada. E' uma espécie de Padre Antônio, e ajudada pelo enxôfre, produz curas de fé, autênticos milagres



A ARCA DE NOÉ?

Num dos penhascos das Sete Cidades encontra-se uma das pedras mais curiosas. Trata-se da "Arca de Noé", como foi batisada. Realmente, há semelhança conforme fixou a nossa objetiva. E para confirmar o acertado batísmo, nas proximidades encontram-se outras pedras que, têm a forma de animais. A Arca de Noé fica à margem do caminho, em terras que pertencem ao Govêrno Municipal, e limita-se com o latifúndio do Elias.

UM MUNDO DE MEU DEUS

As Sete Cidades ficam a sudoéste de Piracuruca. Seus terrenos abrangem uma área retângular de 25 hectares. O clima é instável, as terras férteis e acossadas por chuvas constantes. Nota-se que a vegetação das Sete Cidades é a mais densa, assemelhando-se em muitos pontos com as matas amazónicas, tal a massa compacta de vegetais que se ergue, principalmente do lado norte. Em qualquer lugar que se faça um fôsso, surge água em abundância. E a camada mais profunda de areia não excede de dois metros. Encontra-se logo a resistência das rochas, sendo de pensar que tôda a região é constituida de uma única pedra.

O CASTELO DO REI

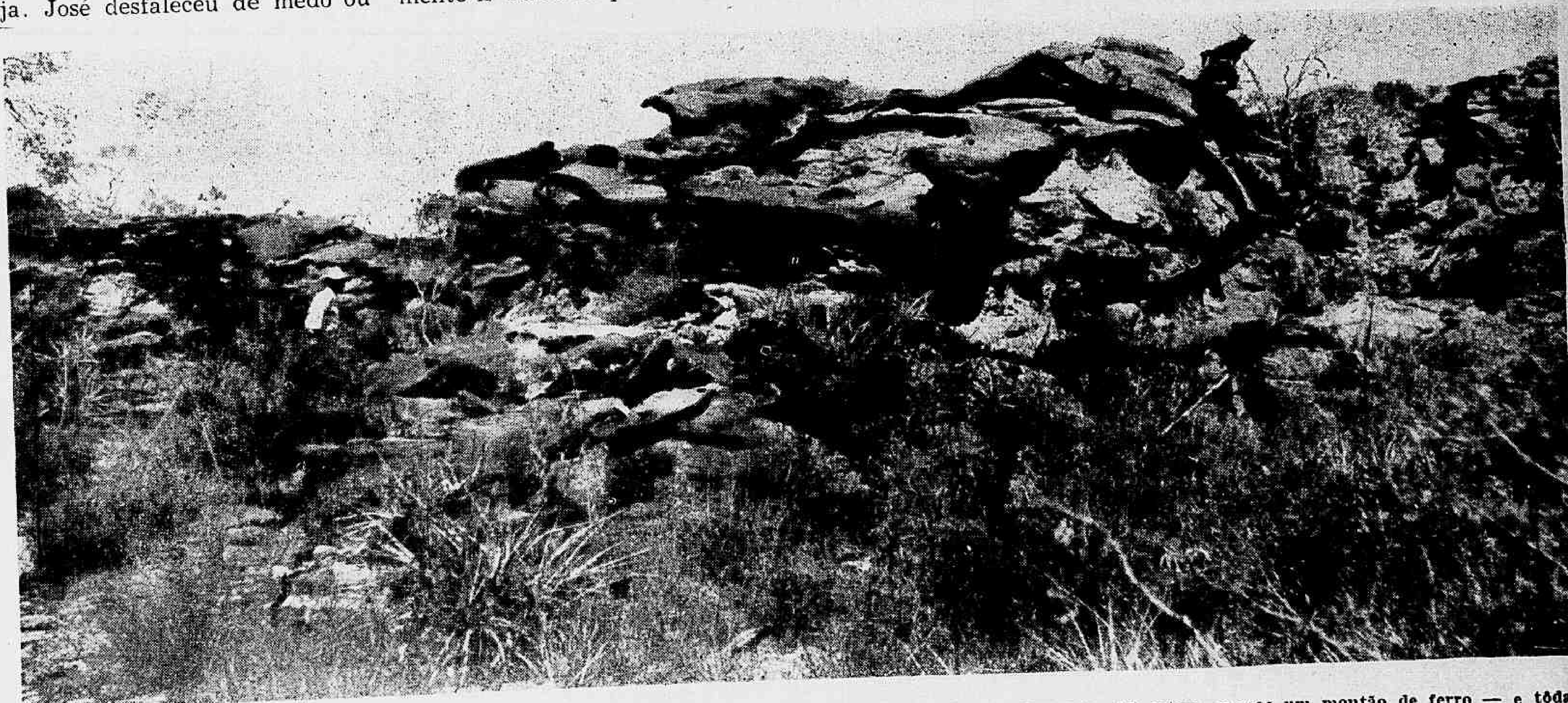
Os sertanejos crêem piamente que as Sete Cidades são encantadas e que nelas uma civilização existiu. Alguns naturalistas chegaram a admitir tal coisa. Mas é difícil crêr em tamanho absurdo. A quantidade de pedras existente no local é assustadora. Ali, há milênios, as águas oceânicas penetraram. E como "água mole em pedra dura tanto dá até que fura", claro que a pressão submarina, a erosão e fatores outros contribuiram para o amoldamento de muitas rochas, dando a ilusão de animais e edifícios. No chamado "Castelo do Rei", onde Ludovico afirma que a ilusão é perfeita e que utensílios e móveis, tais como tronos, mesas e cadeiras são encontrados, tudo é imaginação e farsa, sendo de lastimar-se tal afirmativa. Não resta dúvida que muita coisa interessante foi depredada por mãos criminosa. Mas, as paredes laterais possuem marcas identificáveis de água, e vestígios da erosão constante. Ali pode ter havido um reino de peixes, isto sim.



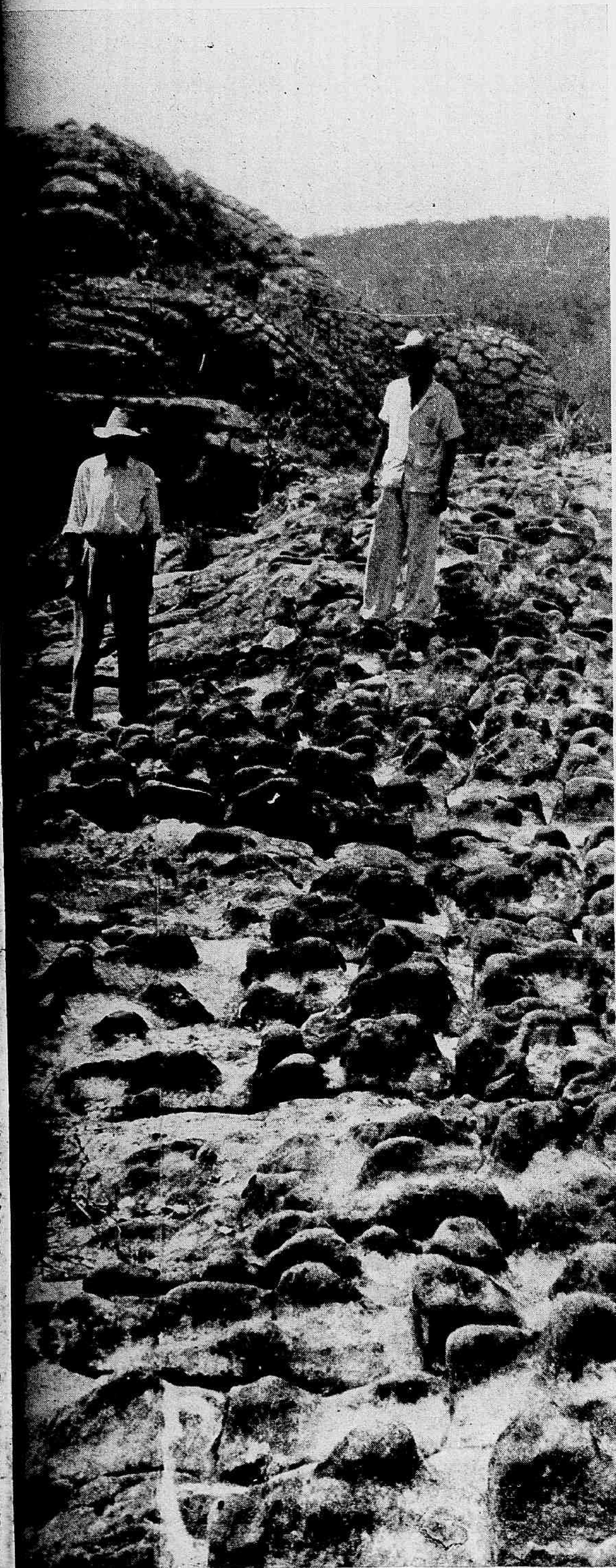
A choupana em que vive José Catirino, único habitante em tôda a região das "Sete Cidades". Êsse homem sacrificou a própria filha, usando suas manhas e feitiçarias. Ficou dentro da palhoça, ameaçando "passar fogo" no repórter se ousasse penetrar ali

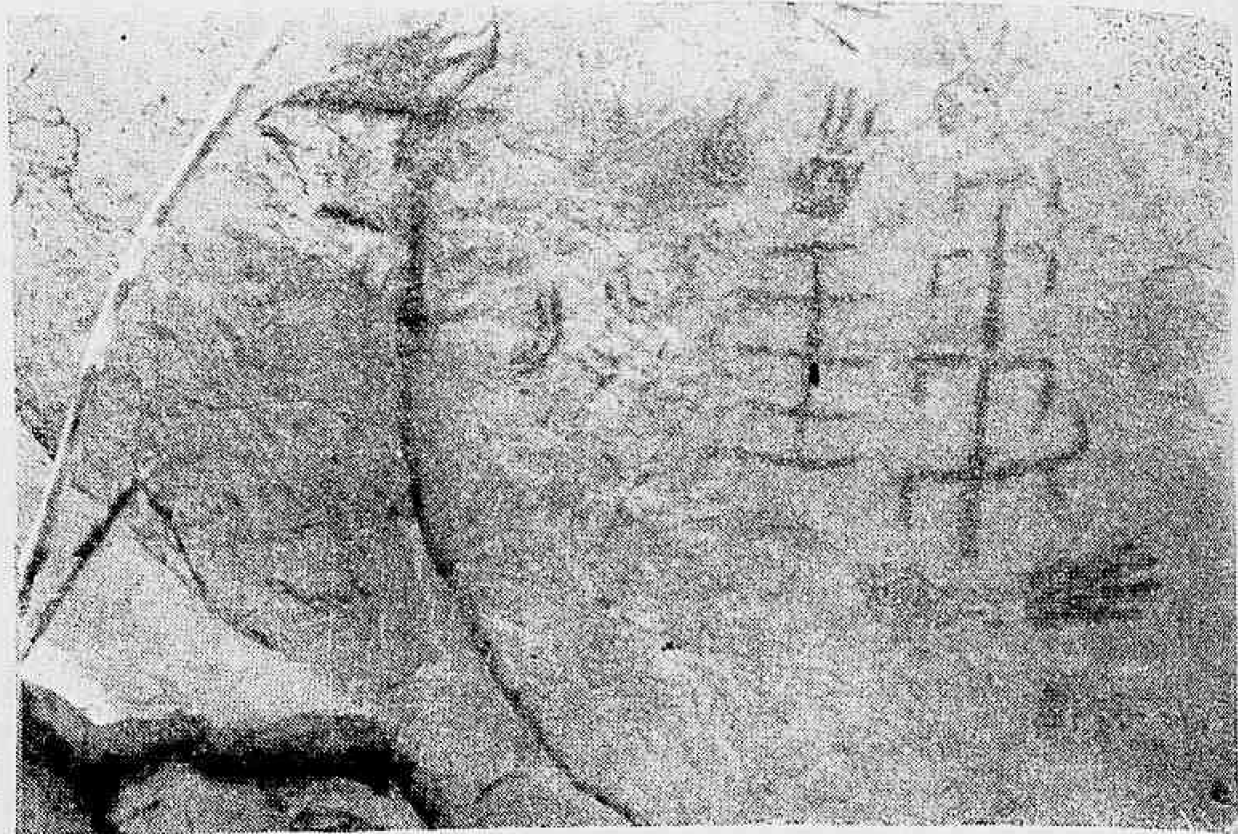
UM GUIA DESISTE

José Dias vinha demonstrando acabrunhamento dêsde o início da caminhada. Por acaso, atiramos numa coruja que revoou as proximidades e gritando apavorada provocou arrepios. Nêsse instante, o vento tinha parado de sibilar. Um silêncio aterrador precedeu os gritos da coruja. José desfaleceu de mêdo ou de calôr. Supômos que das duas coisas Elias sentia ameaças de insolação em virtude de se achar fortemente gripado. O reporter gotejava suor e a custo respirava. Contudo, o interêsse profisional duplicava-lhe as fôrças. Era preciso prosseguir. Levamos José para uma sombra e recomeçamos a visita. Tinhamos em mente ir buscá-lo quando melhorasse, pois não nos afastaríamos muito. Êle gritaria naturalmente. Mas nos enganamos. Ao recobrar os sentidos, José teve mêdo de acordar o sortilégio das Sete Cidades, e foi à nossa procura em silêncio. Quando fomos procurá-lo; cadê José?... Tinha desaparecido. A cara de Elias estava pálida. Nós lhe adivinhamos o pensamento: Elias estava começando a crêr em fantasmas. E porque não confessar que até o repórter pensou. Pensou em alguma onça matreira. Uma onça havia carregado um dos guias. Mas José não suportou por muito tempo o isolamento. Gritou como se todos os demônios lhe houvessem aparecido. Gritou apavorado e as Sete Cidades não se desencantaram.



Quando nossos olhos penetravam nas "Sete Cidades", quebrou-se a ilusão de encantamento que até elas nos levaram. Ali estava apenas um montão de ferro — e tôdas as lendas que ouvíramos antes, se desfaziam sem maiores esperanças. Que remédio senão dar novo rumo ao nosso serviço! Mas, quanto ferro abandonado, senhores!





À esquerda: — José — o guia que esmoreceu — faz uma pose em companhia de Elias. Horas mais tarde regressava, jurando nunca mais voltar às "Sete Cidades" — Ao alto: — os primeiros sinais de vida milenar que encontramos: hieroglifos rudimentares gravados na rocha viva. Aqui houve uma civilização!

O PRIMEIRO CREPÚSCULO

Quizemos dormir nas Sete Cidades. José selou seu cavalo às escondidas e num galope galgou a estrada. Elias sorriu e apontou para o caminho. — "Êsse diabo num é hôme, seu repórter!"

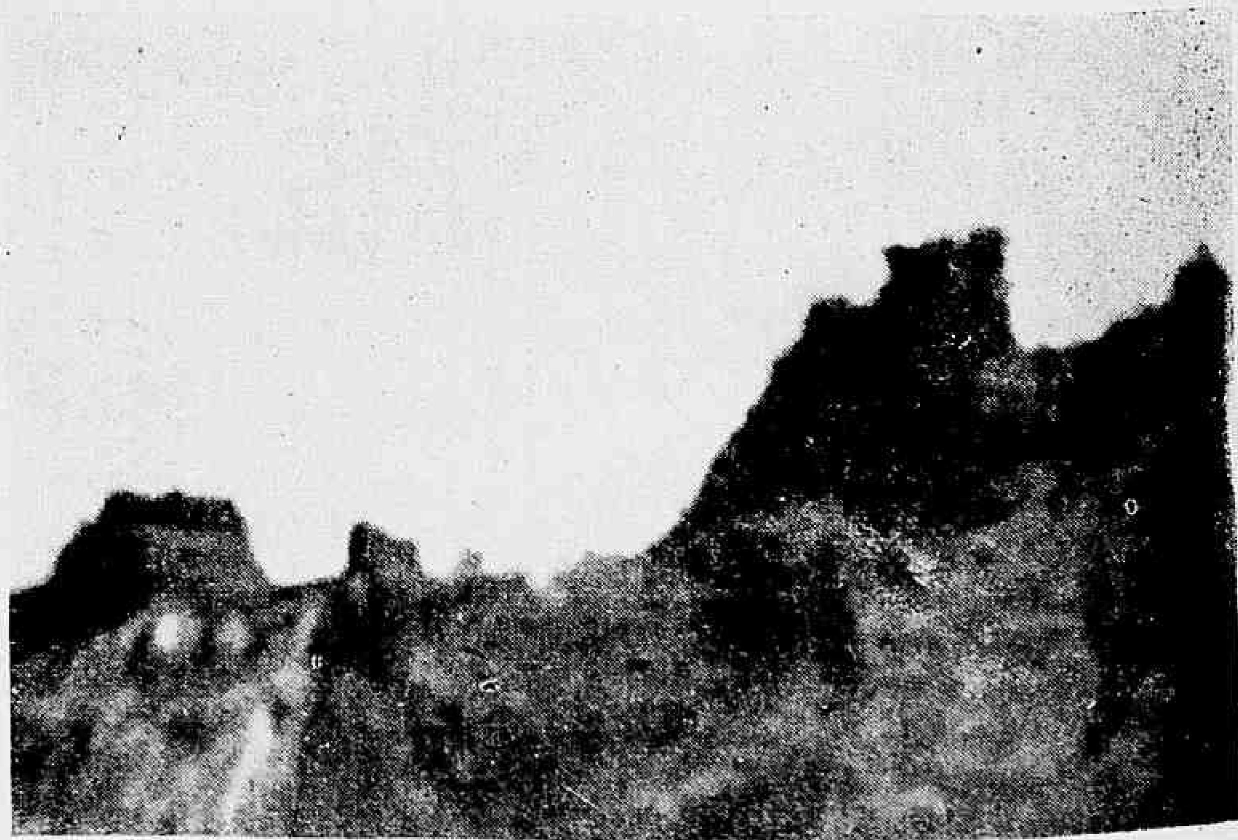
Escureceu, com a noite a visão do Castelo foi mais acentuada. Bastaria um pouco de ótimismo para sentir vida no castelo que a penumbra envolvia. Uma chapa foi batida. Que teria fixado a objetiva? Se existisse revelador alí por perto... Havia tantas câmaras escuras!

Não tínhamos equipamento para o pernoite. Uma tenda seria o ideal. Acendemos uma fogueira para que os animais não se aproximassem. As armas foram reexaminadas. Tudo em ordem. E o sol desapareceu.

Um quatí passou correndo por perto. Elias lembrou-se de que o farnel não era suficiente para os dias subsequentes. Mas errou o tiro e o quati sumiu. Do meio do mato veio outro tiro. Elias explicou que aquêle tiro tinha sido disparado por José Catirino a fim de mostrar que êle também tinha arma. Queria amedrontarnos. Elias prosseguiu: "êle pensa que estamos à sua procura".

Dormimos, revezando-nos na vigília. Elias vigiava um pouco e acordava-nos. Porém, quando chegou o terceiro "quarto" do repórter seriam duas horas da manhã. E a imprensa dormiu. Elias acordou com o sol e gargalhou: — "Se uma onça comesse a gente, o senhor era o curpado!"

Visão fantástica do famoso Castelo do Rei. O sol havia desaparecido e dentro da penumbra, parecia ver-se o castelo. Pura miragem — ou a ilusão provocada pelo medo. Entretanto, muita gente que nunca ali chegou perto, jura existir o Castelo do Rei



ESCOLA DOMESTICA

PARA HOMENS E MULHERES

"Nunca, na história da educação tem havido uma tão grande procura de pessoas aptas a contribuírem para a manutenção de um lar. Tenho o propósito de concorrer para a satisfação dessa procura, porque uma nação forte só pode ser forte quando repousa sôbre lares felizes e bem administrados"...

Com estas palavras, Miss Ellen Wilkinson, famosa educadora inglêsa iniciou o seu plano de reformas na educação de "post guerra". Durante os últimos anos as autoridades se contentaram — salvo casos excepcionais — em instruir a juventude, administrando-lhe uma base sólida de conhecimentos, desde a escola primária até a universidade. Atualmente, as atividades educativas alcançaram tôdas as idades e tôdas as classes sociais, na Grã-Bretanha, é visto. Mesmo depois de terminados os dias escolares, a educação tenderá a cobrir tôdas as fases da vida, tornando-a mais feliz e eficaz e incluindo todos os aspectos da existência doméstica.

Para levar a cabo seus planos, o Ministério de Educação informou às autoridades educativas locais sôbre a necessidade de facilitar a instrução de artes domésticas para as mães e donas de casa para as jovens que pensam em casar-se e para os maridos e pais. Ao mesmo tempo, estão sendo instruídos os professôres em tais conheciemntos. Se bem que antes da guerra existissem cursos especializados dedicados à cozinha, aos trabalhos manuais, etc., essas organizações eram em muito pequena escala e seus efeitos atingiam somente à uma pequena parte do povo.

A última guerra, com a necessidade de se obter o máximo do pouco existente, lançou a base para a ampliação dêsses cursos. Agora, o govêrno trata de utilizar todos os seus recursos educativos na consolidação e ampliação do trabalho começado durante a guerra. Interpretando as artes domésticas com um critério amplo, o ministério de Educação propõe a instrução na seguinte série de temas: nutrição e cozinha; preparação de conservas alimentícias;

(Cont. na pág. 52)



BARBARA BRITON (Foto Columbia)







MODELOS SÓBRIOS

PARA o seu elegante guarda-roupa, aqui estão algumas das mais sugestivas criações francesas, onde a sobriedade das linhas em nada altera a elegância dêstes modelos, dando-lhes, pelo contrário, maior encanto e beleza. Os mais famosos nomes da costura de Paris são os responsáveis por estas criações. Ao alto, temos: "duas-peças" de Robert Piguet, em seda branca, casaco curto traspassado na frente, tipo colête. Também de Piguet é êste outro "duas-peças", desta vez em linho azul-marinho. Em baixo, à direita, em tecido quadriculado modêlo de Carven, guarnecido com fiqué branco; à seguir, de Madeleine de Rauch, modêlo em fina lã cinza, saia pregueada, blusa tipo túnica, manga três quartos.





O "POIS" NOS CHAPÉUS



TECIDO considerado clássico, o "pois" ressurge com maior intensidade em cada primavera. Nesta, como no próximo verão, êle novamente ocupará papel saliente e, agora, não só nos vestidos como também nos chapéus, como podemos aqui verificar. As vêzes é o chapéu todo confeccionado em tecido com "pois" e outras vêzes é apenas guarnecido com o mesmo combinando com lenços ou "echarpes", algumas das quais saem do próprio chapéu.

















"TAILLEURS" DE PRIMAVERA

APRESENTAMOS aqui um grupo de "tailleurs" claros, próprios para a estação que atravessamos. Os mesmos "tailleurs" poderão ser usados no verão, pois, naturalmente serão confeccionados em linho, tropical, shantung, tussor ou fustão. À esquerda, em cima, dois originalíssimos modelos em linho, sendo um deles bordado a côres, o outro, também em linho, tem como complemento um lenço de côres vivas. Em baixo, dois outros modelos. O da direita tem como originalidade os grupos alternados de pregas na saia. Ao alto, modêlo em fina lã, gola ampla, bôlsos largos.



Elegante êste modêlo de Marcelle Dormoy em "shantung" havana, com grandes "pois" amarelos. Gola traspassada e drapeados na saia, são a sua nota original

PARA TODAS AS HORAS



Elegantíssimo modêlo de Dior, em linho azul escuro, com grandes bôlsos na blusa e na saia. Cinto em couro, botões forrados do mesmo tecido

Finalmente, em baixo, vemos um elegantíssimo "tailleur" em linho branco. Saia com machos na frente, dupla carreira de botões



Muito juvenil êste modêlo em linho branco, mangas bem curtas, gola redonda. Saia bordada em flores de tons vivos. De Carven



A

ação
na-
stão.
bor-
ôres
upos
gos.



DE HOLLYWOOD Em cima, temos Ann Blyth apresentando um juvenil modêlo em lã azul-claro, com aplicações e gola branca. Em baixo, Virginia Mayo, com dois sugestivos modelos para passeio, o primeiro em linho beige de linhas sóbrias, o segundo em seda, saia bem franzida. Fotos Universal e Warner).



week-end NA COZINHA

SOPA JULIANA

Para 2 litros de caldo, tome 150 grs. de cenouras, 100 grs. de nabos. 1 alho porro, 1 galho de aipo e um punhado de vagens. Parta os legumes em tirinhas de 3 cms. de comprimento e vá deitando em água fria com algumas gôtas de limão. Depois escorra num pano, tempere com 1/2 colher de sal, 1/ de açúcar. leve ao fogo numa frigideira com um pouco de manteiga e deixe passar um pouco sem fritar. Jogue no caldo quente e deixe cozinhar até os legumes ficarem tenros, sem se desfazerem.

★

BACALHAU COM QUEIJO

Tome 1 quilo de bacalhau sem espinhas, lave e deixe de môlho para inchar. Depois leve a cozinhar em água com rodelas de cebolas e cheiro. Estando macio, retire espinhas e pele e corte em lascas. Deite numa caçarola 1 colher de manteiga, 1 de farinha, toste no fogo e vá desmanchando com 3 xícaras de leite; junte as lascas do bacalhau e deixe a cozinhar um pouco em fogo fraco. Estando cozido, junte 3 colheres de queijo parmezon ralado e 3 ovos duros picados. Despeje num prato de ir ao forno, cubra com queijo ralado e leve a tostar.

★

BOLINHOS DE PÃO

Tome 250 gramas de miolo de pão embebido em leite e sal, junte 3 ovos e misture bem. Tempere com 1 colher de chá de salsa picadinha e frita na manteiga e com uma pitada de



cuminho. Tire pequenas colheradas e vá fritando em banha quente e pondo em papel pardo.

★

MOLHO DE CHOCOLATE COM GEMAS

Bata 4 gemas com 150 gramas de açúcar, junte 2 xícaras de leite quente, fervido com 4 paus de cho-



colate ralado. Leve ao forno mexendo até querer ferver.

★

BANANAS EM RODELAS

Tome 10 bananas prata, parta em rodelas de 1 cm. e leve em calda rala, com 1 pedaço de canela em pau, em fogo muito fraco, até tomar ponto. Quanto mais demorar no fogo, mais vermelho fica o doce. Se quiser claro é só cozinhar as bananas com casca, depois partir em rodelas e despejar em calda quente com gôtas de limão e ferver depressa.

★

BONS-BOCADOS DE LEITE

Bata 12 gemas com 325 gramas de açúcar como para gemada e vá juntando aos poucos 1/2 garrafa de leite fervido com um pouco de baunilha. Deixe repousar uns vinte minutes e adicione 2 colheres de manteiga, deite em forminhas altas untadas e leve a assar em forno regular. Desenfôrme depois de frio.

★

PÃO DE MINUTO COM QUEIJO

Misture 14 colheres de farinha, 1 de manteiga, 1 de açúcar, 1 de fermento, sal, 2 ovos e leite até formar uma massa mole. Adicione 2 colheres de queijo aos pedacinhos e leve a assar no forno em forminhas untadas ou frite às colheradas em banha quente.

★

LACINHOS FRITOS

Bata 1 colher de manteiga com açúcar até ficar bem leve, junte 1 ovo, 2 colheres de leite. 1 pitada de limão ou de noz moscada, misture bem e adicione 250 gramas de farinha com 1/ colher de fermento. Amasse, estenda fino e corte como fitas de 1/2 cm. de largura por 8 de comprimento. Dê um nó no meio e leve a fritar em bastante banha até ficarem louros. Sirva polvilhado com açúcar.

O mais belo edifício do século de Luiz XIV, construido por Liberal Bruant e Mansart, para alojar os oficiais e soldados "estropiés et caduques" encerra hoje o Instituto Nacional dos Inválidos, o Museu do Exército e alguns serviços da Primeira Região Militar e do Govêrno Militar de Paris.

A igreja do Dome, cuja agulha se eleva a 107 metros de altura, guarda hoje a tumba de Napoleão, de Turenne, de Vauban, de Foch e as cinzas do Rei de Roma. Encontram-se também ali, quadros de Lafosse, Boulongue, Jouvenet e Coypel.

O Museu do Exército ocupa as construções situadas ao Oriente e ao Ocidente do Pátio principal do Palácio. E' construido pela junção feita em 1905 do Museu de Artilharia, cujas primeiras coleções, devidas ao Marechal d'Umières, remontam a 1685, e do Museu Histrico do Exército, criado em 1896 pelo General Vanson. Correspondem, pois, a estas duas origens as duas seções do Museu.

Do lado oriental estão as recordações históricas, representadas por troféus e emblemas franceses, bandeiras e estandartes da Grande Guerra de 1914-1918, condecorações e medalhas, uniformes e cabeleiras; coleções de Edouard Detaille e do Principe de Moskowa; recordações de Napoleão e outras; pinturas e desenhos.

Do lado ocidental estão armas e armaduras, coleções de armas ofensivas e defensivas desde a antiguidade até aos nosos dias. Magnificos exemplares de espadas e de armaduras dos séculos XV e XVI, pequenos modelos de artilharia e nas galerias e diante da Esplanada, belos canhões antigos.

Para os estudiosos da história militar francesa, êsse Museu encerra documentário dos mais interessantes, farta visão das armas de vários séculos que já se apagaram na voragem do tempo.

Diante daquela armadura metálica de Luiz XIII, por exêmplo, quantas lições não seriam ministradas a estudantes e curiosos da época em que viveu o filho de Maria de Medicis!

Com apenas nove anos de idade subiu ao trono da França, precisamente a 14 de maio de 1610.

Surgiram na Côrte as maiores intrigas, logo após a morte de seu pai, Henrique IV, que, apesar de ter deixado disposições testamentárias, foi dada a regência, sem condições, a Marie de Medicis, sob presão do duque d'Epernon.

Grandes embaraços e intrigas marcaram êsse reinado, com certos tipos ambiciosos e fracos de caráter como o italiano Concini, espôso de Leonora Galigái, todos ávidos e incapazes.

A anterior politica de Henrique IV foi abandonada pelos válidos da Côrte, todos se aproveitando da idade infantil do novo soberano e da tolerância e incapacidade dos mandões do Paço.

Maria de Medicis, submissa a tais intrigas, vivia humilhada diante dos grandes e lhes distribuia pensões e poderes governamentais.



DECORAÇÃO
Águia de grandes dimensões confeccionada com folhões de espadas e baionetas de fuzil e que decorou o Arsenal de Bayonne quando da visita de Napoleão III àquele estabelecimento. Tem iluminação apropriada e de real efeito



VOLTOU DO SENA
Êste monumento de Napoleão I é de autoria de Seurre fundido por Grozatier em 1833. Na guerra franco-prussiana, em setembro de 1870, foi jogado ao Sena pelo exército invasor, mas em março de 1911 era recolocado no Pátio de Honra do Palácio dos Inválidos e ali se encontra até os dias de hoje. Impressiona, tem nobreza e tem história

UMA VISITA AOS INVÁLIDOS

TROFÉUS HISTÓRICOS NO MUSEU DO EXÉRCITO FRANCÊS ★ ARMAS, BANDEIRAS E ARMADURAS ★ A ESTÁTUA DE NAPOLEÃO FOI JOGADA AO SENA MAS VOLTOU ★ RECORDANDO O TEMPO DOS MEDICIS

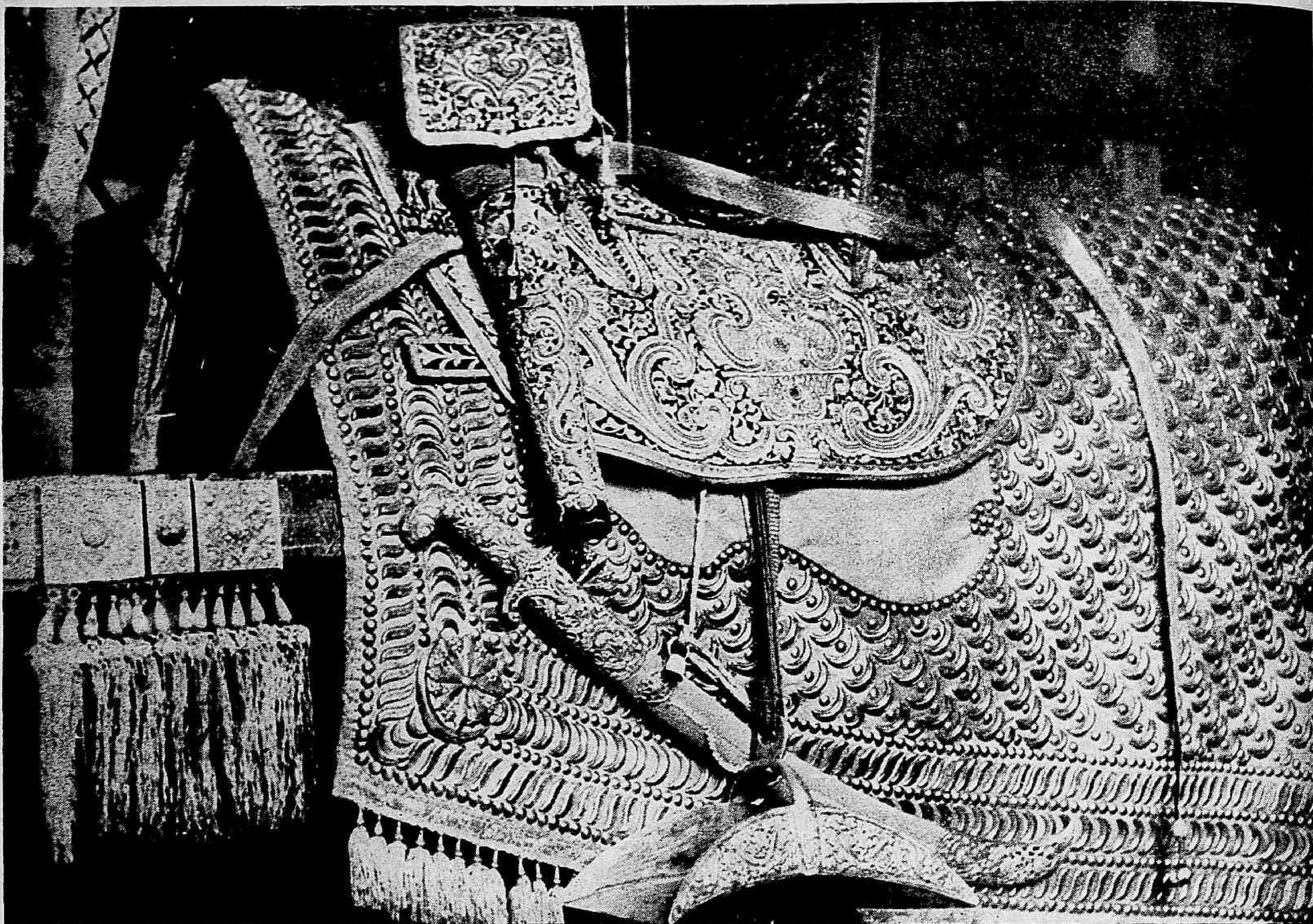
Por JEAN BOISSON (Fotos S.F.I.)

Esas inquietações atingiram o auge quando o jovem soberano desposou a Infanta Anne d'Autriche, aproximando-se a França da Espanha, determinando isso a maior inquietação dos protestantes franceses, organizando-se então a Asembléia de Saumur.

Envôlto em intrigas cada vez maiores, êsse Rei se deixa levar pelos conselhos do favorito Luynes e manda assassinar o antigo cortesão e válido da Côrte, Concini, italiano que manteve naquele meio a maior influência.

Com o seu deparecimento, ao invés de Luiz XIII assumir o govêrno, caiu nas mãos de Luynes, substituto do assassinado.

Muitas revoltas se manifestaram durante seu reinado, em virtude da fraqueza de sua administração, até que ir-



DESDE AS PIRÂMIDES

Êste selim pertenceu ao rei Mameluk, da antiga dinastia egípcia. Foi arrebatado pelos franceses na batalha das Pirâmides em 1798. As tropas de Napoleão Bonaparte o conquistaram para ser oferecido ao Corso pelo seu estado maior. E' uma peça de extraordinária riqueza, trabalhada com todo o esmero. Vale mais do que pesa

rompeu a guerra religiosa em Bearn, terminando com a paz de Montpellier, tendo morrido em ação o famoso Luynes.

Data desse época a subida do Cardeal Richelieu, nomeado Primeiro Ministro, que passou a dirigir o Rei e a França como bem quis.

Outra curiosidade do Museu é aquêle selim todo trabalhado do Rei Mameluk dos egípcios, colhido pelas fôrças de Napoleão, depois da batalha das Pirâmides.

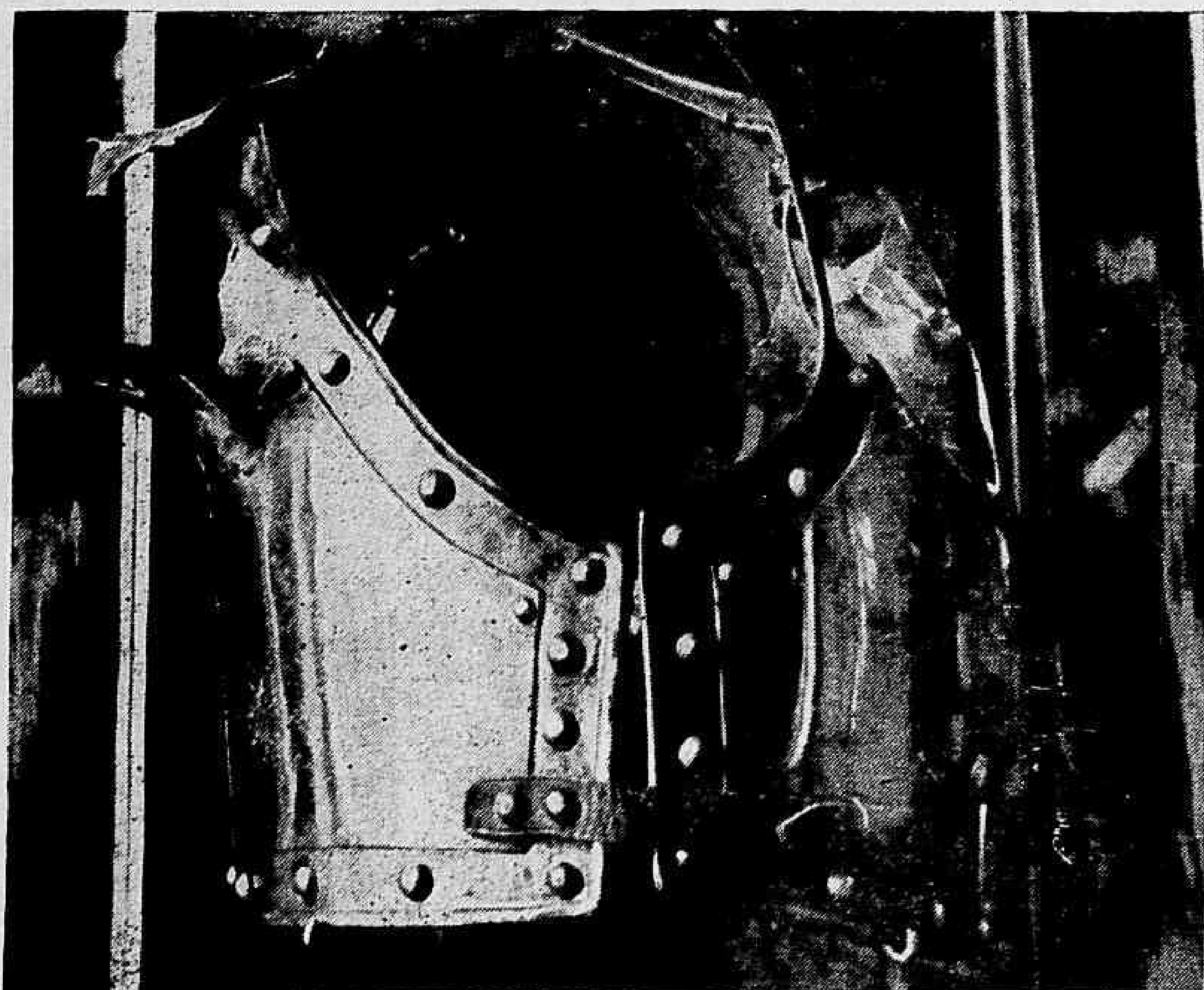
Êsse nome designava uma milícia egípcia fundada pelo Sultão Melik-Saleh nos começos do ano de 1200 e que foi destruída em 1811 por Mehemel-Ali.

Napoleão criou também uma guarda de "mameluks", tendo os franceses passado a designar com êsse nome todo aquêle que se tornasse fanatizado pelo poder.

Os objetos de um Museu, na sua posição estática, muda, silenciosa, constituem, por vêzes, páginas inteiras da história de um povo.

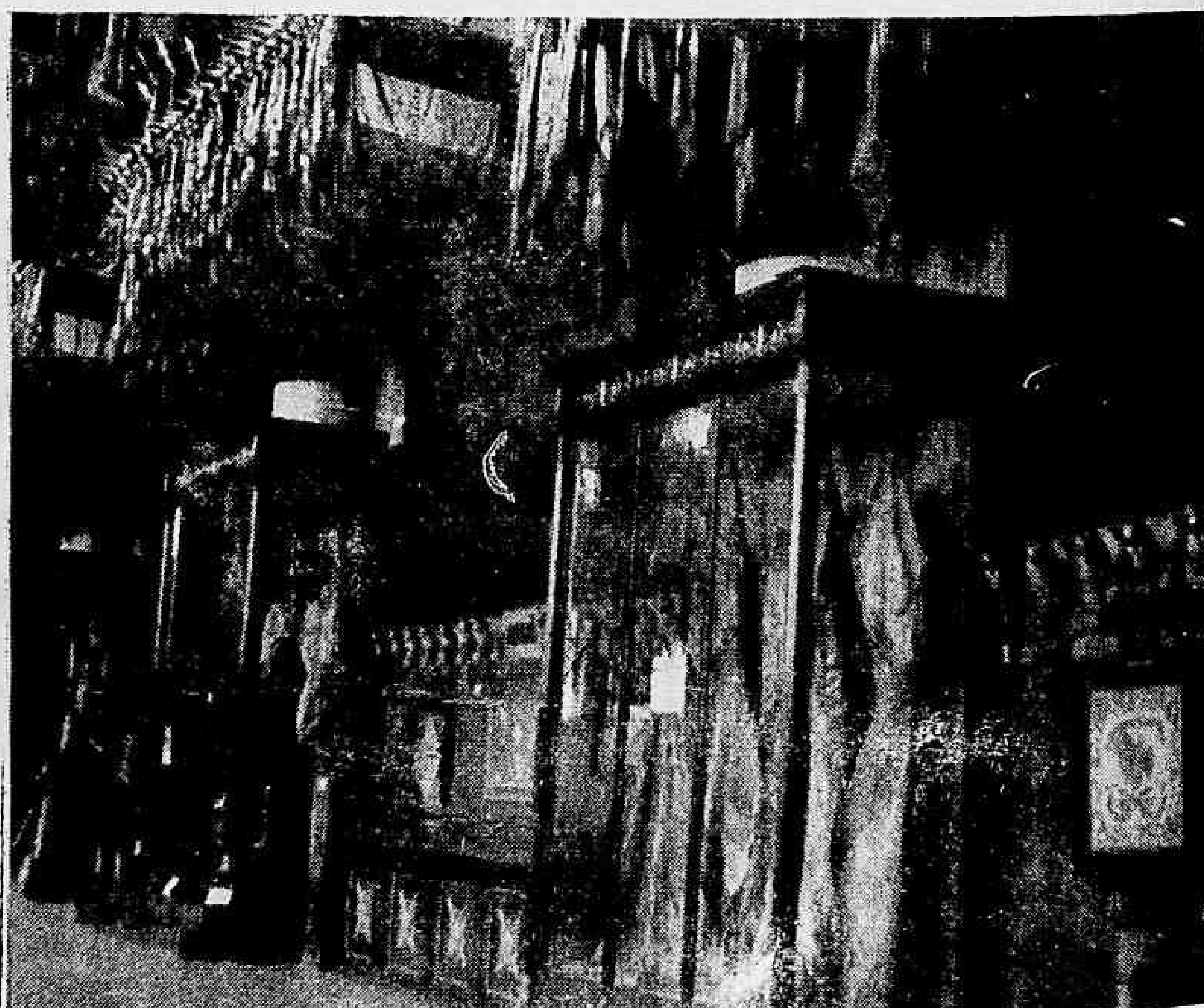
As bandeiras da França em todos os períodos de suas agitações históricas, representam lições belíssimas de patriotismo, renúncia, intrigas da Côrte, paixões, derrotas e vitórias nos campos de batalha.

Despertar nas gerações novas o interêsse pelos Museus de História, seja a geral, seja a particular, é dever de todos os govêrnos, e êsse Museu do Exército no Palácio dos Inválidos em Paris, é, no gênero, um dos mais dignos de ser visto e analisado com paciência e tempo.



CONHECEU WATERLOO

Couraça encontrada no campo de batalha de Waterloo pertencente ao carabineiro do 2.° Regimento, 4.° Esquadrão, Antoine François Fauveau, morto a 18 de junho de 1815 e cujo nome ficou perpetuado graças a essa relíquia



SALA DAS BANDEIRAS

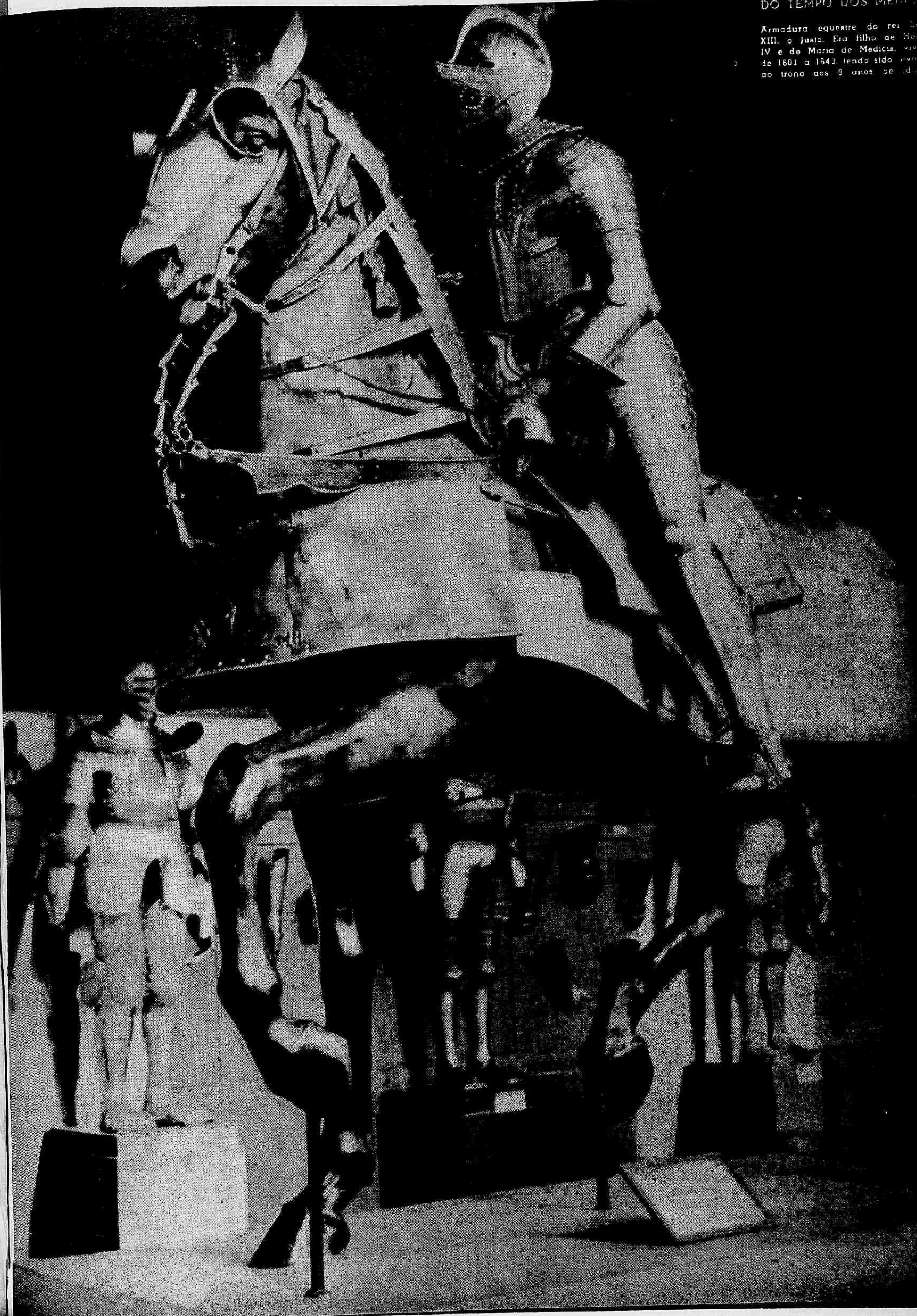
Parte de uma das faces da Sala das Bandeiras, vendo-se no teto os pavilhões do Segundo Império, e em baixo os que tomaram parte na guerra de 1914-18. Nas vitrines as mais gloriosas bandeiras das campanhas de Napoleão Bonaparte

naparte
pesa

e suas
de pa-
as e vi-

Museus
e todos
dos In-
nos de

ões
-18.
arte



DO TEMPO DOS MEDIC

Armadura equestre do rei Lu
XIII, o Justo. Era filho de Hen
IV e de Maria de Medicis, vivi
de 1601 a 1643, tendo sido
ao trono aos 9 anos de id

CORPO ESBELTO E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO, que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquillagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor

(Exigir a embalagem verde)

E LEMBRE-SE QUE O SEGRÊDO DE UMA LINDA CABELEIRA SEM CASPAS E CABELOS BRANCOS ESTÁ EM

EUTRICHOL ESPECIAL

EXPERIMENTE-O E VERÁ

MULTIFARMA

PRAÇA PATRIARCA, 28-2.° S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

A BELEZA DOS SEIOS — BÉL-HORMON

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 53 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ...
CIDADE .... ESTADO.......

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

HEMORRÓIDAS E VARIZES

Hemo-Virtus

USE A POMADA NO LOCAL E BEBA AO MESMO TEMPO O LÍQUIDO

Por causa de duas palavras

(Cont. na pág. 10)

baldios dos Cambuís. Tôda a tarde seria de preparativos. O pior é que o pessoal lá de casa também queria que eu ajudasse a descascar côco para a cangica e a pamonha. Então iria fazer serviço de mulher? Ajudar na fogueira, trazer o mastro, enfeitar a latada para o samba — estava certo, era serviço de homem. Mas ajudar na cozinha, isto não, que homem não se mete em serviços de mulher. Iriam as meninas, por acaso, buscar lá nos Cambuís o mamoeiro? Pois que se lixassem na cozinha. Gostaria de passar na fogueira com a menina! — "Por São João, por São Pedro, juro que..." — O nome dela? Era preciso saber o nome. Estaria na janela a esperar-me? Convinha esconder tudo de mãe Inácia. Se desconfiasse logo viria o sermão enjoado: "Cada macaco em seu galho, meu filho. Branco com branco, prêto com prêto, rico com rico e pobre com Jesus, que é pai de todos". — Fôsse só o sermão, ainda bem. Mas tudo terminaria na chibata, que menino só aprendia apanhando, que nem burro de carroça. Estava cansado de surras, de trabalhar, de viver me encolhendo pelos cantos, temendo ponta-pés dos mandões, fugindo do chicote de mãe Inácia. Mas agora tudo mudara. Tinha uma namorada bonita, loura e rica.

Ao entrar na rua de São Cristovão encurtei os passos, fiquei marombando, como quem não quer andar. O sol queimava, e fina poeira rebrilhava no ar incendiado. Nas pessoas, um jeito de festa, e a cidade até parecia engalanada. A areia alva era mais alva ainda à luz do sol causticante. Das casas saía o cheiro de milho verde assado, e no ar rescendia o perfume adocicado da cangica e pamonha. Ao chegar perto da casa de fachada cinzenta, sempre andando na calçada oposta, o coração me pulou no peito. A menina lá estava. Tive vontade de passar bem debaixo da janela, olhá-la de perto, apertar-lhe as mãos, beijá-la nos lábios róseos, que até me lembravam a cocadinha puxa que mãe Inácia fizera para festejar São João. O negro já não fazia macaquices. Estava até de cabeça baixa, acocorado, fingindo brincar com qualquer coisa no chão. Ela me sorriu. Tive impulso de atravessar, mas olhei minha roupa: surrada, às mangas poídas nos cotovelos, e a gola já se esgarçava. Senti forte calor abrasar-me o rosto. Enfiado, baixei os olhos, tentei parar, mas prossegui, vagarosamente, sem olhar atrás, o pensamento fixo na menina, sempre debruçada na janela. Os braços muito alvos apoiavam-se numa almofada brilhante, que bem combinava com a refulgente côr de seus cabelos. Cheguei à esquina e parei, de costas, como quem se orienta. Depois, lentamente, olhei atrás, e ela sorria para mim. Fêz-me sinal com a mão que esperasse. Ah! a terra me pareceu sumir. Desejei correr, largar aquela esquina, onde a vergonha queria abrir um socavão para tragar-me. Todavia nada fiz. Esperei, o coração agitado, o corpo trêmulo, um medo danado de que descobrissem minha alegria e imensa vergonha de que ela visse a gola poída do meu paletó.

Vi o moleque fazer gesto de recusa, a menina intimá-lo, energicamente. Depois o pretinho correu para mim, sorrindo. Logo pensei, a alegria transformada em raiva:

— "Está aí prá que presta gente rica. Fica mangando da gente. Mandou o safado bulir comigo outra vez. Mas êle vai ver com quantos paus se faz uma canoa" — Tomado repentinamente duma raiva danada da menina, do moleque, e até daquela rua que a abrigava, esperei o negrinho. Amassá-lo-ia. Pai Juvêncio aprovaria o ato: — "E' isto mesmo, não quero maricas em casa. Desacatado, meta o pau. O mundo só respeita dinheiro e fôrça bruta. Meta o pau". — Pois meteria.

— Aqui está o que dona Inês mandou! — entregou-me um papel muito alvo, de linho, dobrado. De longe ela me sorriu. O pretinho, correndo, voltou para junto da menina. Senti uns estremeções. Agarrei o papel tremulamente. Virei as costas para a janela, donde a menina me olhava. Abri, vagarosamente, e li:

"Ósculos. Amplexo. Inês."

Fiquei parado, algum tempo, os olhos lacrimejantes, olhando o papel. Ósculos! Que diabo era aquilo? Amplexo! Estava mangando de mim, com certeza. Então não bastava provocar-me, brincar comigo que nem gato com rato? Agora mais aquela gracinha: papel escrito com desaforos. Porque era desaforo, certamente. Ósculo... Sabia lá que diabo era ósculo! Amplexo... Gente idiota, fazendo pouco dos pobres. Devia ser coisa ruim. Afinal, se fôsse coisa boa logo se entenderia. Quando a gente quer dizer coisa agradável usa palavra que se entenda. Não vai buscar ósculo, nem amplexo.

Sem olhar atrás, dobrei a esquina, corri pela areia fôfa, fugindo da casa cinzenta. Os pés escaldando ao calor do sol do meio-dia. O coração confrangido. Raiva danada me transtornava.

— "Ósculo. Amplexo. Inês."

Ora vissem, menina rica, bonita, a debicar da gente! Fôsse um menino e eu tiraria a limpo aquela história de ósculos e amplexo. Fôsse xingar a mãe, cachorra! Mas se não fôsse xingamento? Se ali estivessem palavras boas, de amizade? Afinal, como eu iria saber, se lá em casa o pessoal era pior do que eu? Poderia perguntar à professôra Rosinha. Mas se fôsse coisa feia? Fuxiqueira, logo diria à mãe Inácia, e o chicote me lamberia a pele. Na Biblioteca Pública, o Juvenal... Mas o peste haveria também de querer saber como conhecí as palavras. Que diria eu? Titubearia com certeza, diria mentira, e a coisa se descobriria logo. Fôsse coisa boa, muito bem, era só me gabar:

— "Pois foi aquela menina, a Inês. Inês, aquela da casa cinzenta ali da rua de São Cristovão..." — Os amigos se ralariam de inveja, haveriam de chamar-me felizardo. Mas se fôsse coisa ruim, xingamento, cairiam na minha pele:

— "Bobão, servindo prá debique de gente boa! Faz mal não, pobre metido a troço, querendo namorar menina rica!"

E lá me vinham as palavras de mãe Inácia:

— "Meu filho, cada macaco em seu galho. Branco com branco, prêto com prêto, rico com rico, e pobre com Deus, que é pai de todos."

À noite não festejei São João, nem sambei, nem fui ver as pastoras. E até a fogueira e o mastro, tão carinhosamente instalados, não me deram alegria. Estranharam aquêles modos amalucados, mas ninguém adivinhou minha luta tremenda para descobrir, em vão, o significado daquelas palavras: "Ósculo. Amplexo. Inês".

Troquei de caminho, amargurado, convencido de que fôra ofendido. Nunca mais passei pela rua de São Cristovão. Meses depois mudei de terra, bati com os costados pelas cidades grandes, sofri, e quando aprendi a doce significação de ósculos e de amplexo, já Inês era mãe duma filhinha loura. E agora êstes foguetes e estas bombas impertinentes me vêm recordar o sofrimento de outrora e a felicidade que não gozei por desconhecer duas palavras de amor: ósculo, amplexo.



SRTA. MARIA TEREZINHA FONTES — Transcorreu na semana anterior, o natalício da Senhorita Maria Terezinha Fontes, chefe de seção da "Casa Pimentel", do Méier, e filha do Sr. João Fontes Filho e da Sra. Milagres Fernandes Fontes, já falecido. Por tão grato acontecimento, a aniversariante recebeu os cumprimentos das pessoas de suas relações de amizade, assim como as manifestações de aprêço e carinho de seus colegas de trabalho, onde desfruta da maior simpatia, pelos seus dotes reais de coração e inteligência.

VIVER COM AMOR

(Cont. da pág. 54)

disse que afastasse Bill da casa, para Tom despedí-lo incontinente. Seria uma forma de vingar-se de Evelyn, baixando-lhe o orgulho pueril. Nunca Tom recusara um pedido de Thelma. Que deveria então fazer Bill?

E como passou êle a recordar-se de seus anos de casado com Carol, tão diverso dos tempos já vividos com Evelyn! Via Carol sempre alegre a cozinhar na pequenina cozinha... Carol a rir com as graças dele... Carol economizando níqueis para comprar o presente de Natal com que la mimoseá-lo... Carol e êle a ir apreciar um filme num cinema modesto... única diversão nos seus primeiros anos de casados...

E como era dedicada, sincera, ajuizada, educadíssima e social! Bill se recordava de todos os seus dias de venturas ao lado de Carol e se deixou ficar ali, diante do cais, como um sonâmbulo...

Continua

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

Uma linha completa de *móveis*

Dormitório "RÚSTICO"



Folheado em imbúia e caprichosamente acabado, êste conjunto com 6 peças transmite ao ambiente uma nota de singular encanto. O guarda-roupa tem espelho interno e cortina de voile.

CR$ 5.995,00

COLCHÃO DE MOLAS DRAGO MAIS CR$ 1.767,00

Dormitório "CHIPPENDALE"

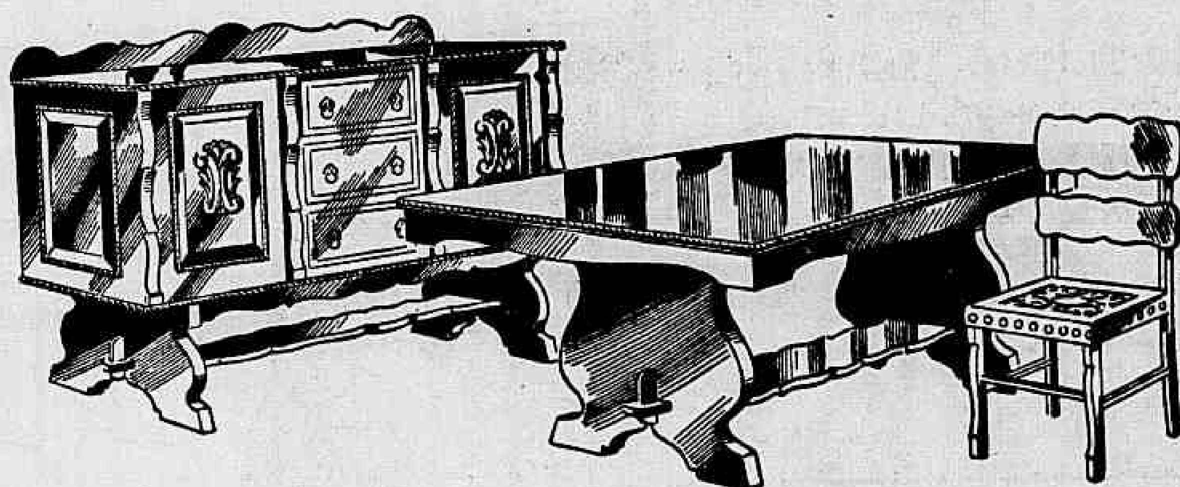


Êste dormitório constitue um brinde que oferecemos aos nossos clientes. Compõe-se de 6 peças de esmerado acabamento, notável beleza e absoluto confôrto.

CR$ 8.490,00

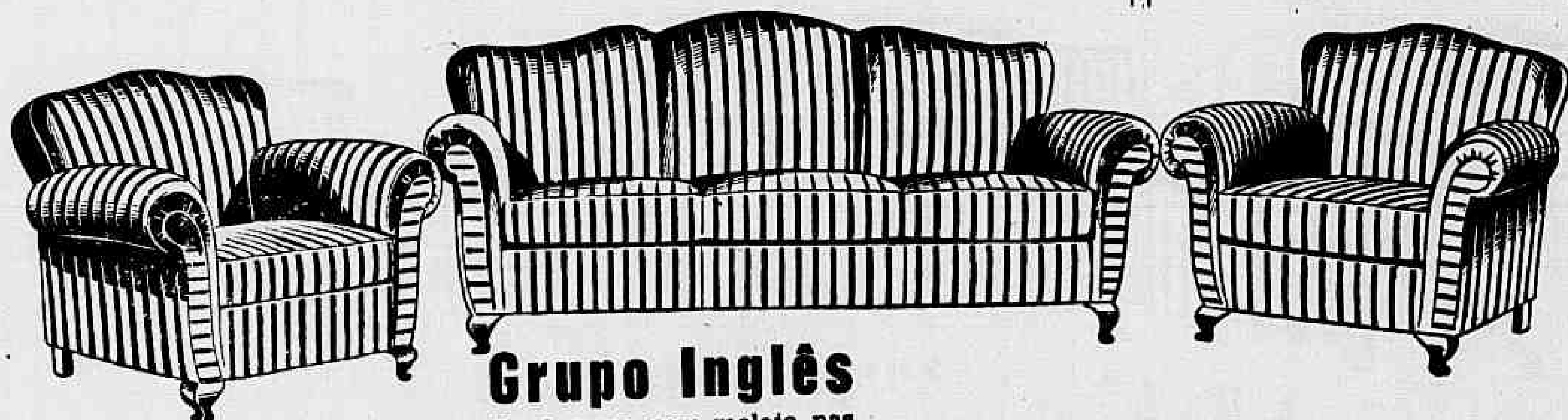
COLCHÃO DE MOLAS DRAGO MAIS CR$ 1.767,00

Sala de Jantar "RÚSTICA"



Esta linda sala de jantar, folheada em jacarandá, ou imbúia compõe-se de 8 belas e sólidas peças: mesa, buffet com gaveta especial para faqueiro e 6 cadeiras com assento de couro cinzelado.

CR$ 5.555,00



Grupo Inglês

Majestoso e confortável grupo, com molejo nas almofadas soltas, no assento, no espaldar e nos braços. O sofá mede 2,10 mts. de largura comportando 3 pessoas

CR$ 6.595,00

Em nossa nova loja, exclusiva de mòveis DRAGO, á rua 7 de Setembro 164, os casados, solteiros, noivos, ricos e pobres, encontrarão uma extensa e variada linha de móveis, em todos os estilos e para todos os fins. Os móveis DRAGO se distinguem pela solidez, beleza e esmerado acabamento. Os nossos preços desafiam qualquer competição, porque somos fabricantes. Vendemos em suaves prestações mensais. Venham honrar-nos com uma visita, pois temos de tudo, ao alcance de todos.

DG-68 INTER-AMERICANA

Móveis



DIRETAMENTE DE NOSSA FÁBRICA PARA O CONSUMIDOR

7 de Setembro, 164 - Tel. 43-8704

Indústrias Reunidas *Sofá-Cama* DRAGO Ltda.

RUA 7 DE SETEMBRO, 209 ★ AV. PRINCESA IZABEL, 72-A ★ RUA DO CATETE, 141-A ★ Informações Tel. 23-3430

A SAÚDE DO BEBÊ

DR. SABÓIA RIBEIRO

CAUSAS DE INSUCESSO NO ALACTAMENTO ARTIFICIAL

Quando se dispõe de um leite de vaca bom e se procede a um preparo conveniente das mamadeiras, o alactamento artificial, na maioria das vêzes, preenche plenamente a necessidade do alimento infantil correto e compatível com um desenvolvimento satisfatório da criança.

Observado, com o indispensável rigor, o horário das mamadeiras e a quantidade destas (120, 150 e 180 gramas, conforme a idade), tudo corre em regra sem acidentes.

Os fracassos que se verificam na vigência do alactamento artificial de ordinário, são devidos ao seguinte:

a) Ora fazem-se diluições que tornam o leite fraco, aguado. Há, porém, um limite para as diluições: até o terceiro mês, metade leite metade água; acima, 2/3 de leite e 1/3 de água. A quantidade do leite deve ser relacionada com o pêso da criança (consultar as tabelas), e corresponderá à décima parte do pêso da criança; assim se determina a quantidade para 1 dia, e para cada mamadeira, dividindo-se o todo por 6.

"Hoje não se costuma mais dar, no início da lactação, leite de vaca ao têrço ou quarto e sim sempre ao meio. Também não se deve dar somente leite com água e açúcar e sim adicionar, desde logo, também hidratos de carbono, sob forma de farinhas. O recém-nascido dispõe, para a sua digestão, de todos os fermentos necessários, e além disto, está provado, in vitro e in vivo, que a presença de farinhas torna mais fácil a digestão da mistura alimentar" (Chiaffarelli).

A criança criada com leite muito diluído vive em regime de subnutrição. Tende à atrofia e oferece resistência diminuta às infecções. Pálida, temperatura abaixo do normal, dormindo mal, pranto.

b) Ora, o alimento é mau preparado porque o leite é dado puro e exclusivo. E' fora de tôda dúvida que o leite dado puro à criança não é bem tolerado nos três e mesmo nos seis primeiros meses. As gorduras do leite animal exigem para a sua boa digestão um acréscimo de farinhas, sem o que a criança caminhará para a prisão de ventre. O quadro que então ela apresenta é o da **Distrofia Lactea**.

No leite de vaca os carbohidratos, sempre necessários à digestão normal das gorduras, acham-se reduzidos em relação ao leite de mulher — no primeiro 0,54, no leite de mulher, 1,20 (grama) — e essa redução traz, como consequência, a demora no trânsito dos resíduos fecais. Como êstes permanecem um tempo mais longo no grosso intestino, dá-se, então, ali o ressecamento das fezes que passam a ser expulsas somente com evidente esfôrço da criança. Os pigmentos biliares sofrem a ação fermentativa da flora intestinal, sendo transformados em urobilogênio, que é incolor. Há, ademais, um excesso relativo da taxa de albumina do leite, favorável à putrefação; daí o olor pútrido das fezes.

Estas, por tudo isso, se apresentam duras, quebradiças, branquicentas, de cheiro fecalóide. Com a êxtase das fezes criam-se estados congestivos do anus da criança, e até fissuras, produzidas pelas fezes duras.

Como sofre com a defecação, a criança chega ao ponto de evitar a evacuação (prisão de ventre adquirida). Muitas vêzes, mais tarde, sobrevém a diarréa, principalmente, quando misturas fermentescíveis são introduzidas na alimentação, sem prévios cuidados (normalização da flora intestinal pela dietoterapia).

c) Ora o alimento, ou melhor, o regime foge ao padrão de alimento completo e é de uma unilateralidade evidente; é o que ocorre com um regime rico de farinhas ou de açúcar, caso por exemplo do uso abusivo do leite condensado. Nestas condições ao bebê quase só lhe são ministrados os hidratos de carbono (farinhas, açúcar); daí a carência da alimentação. Nas classes onde predomina o pauperismo e a ignorância, não é raro o tipo alimentar da criança constituir-se de farinha de mandioca e sal (pirão), ambos de grande avidez pela água.

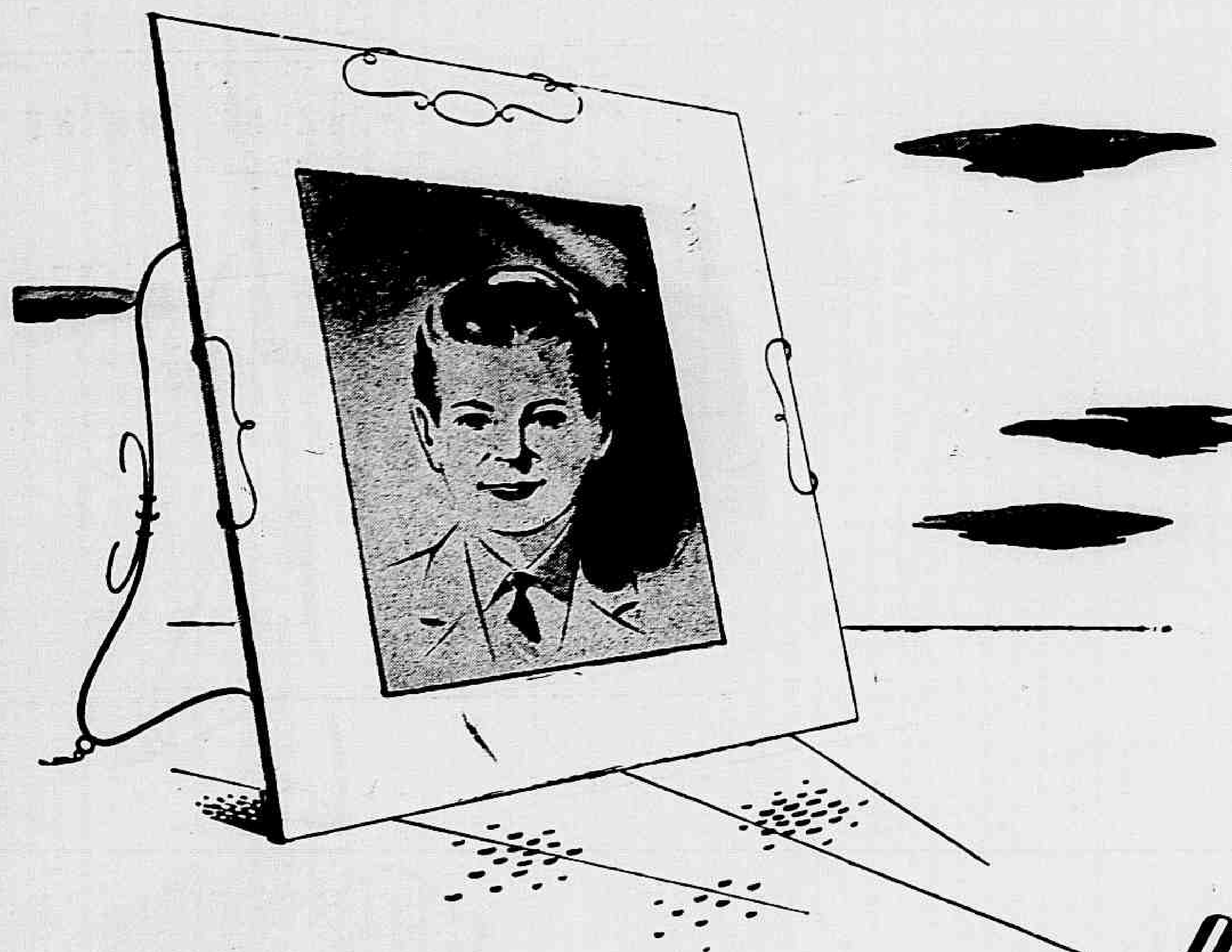
Êsses diferentes modos de alimento levam à **Distrofia Farinácea**, onde às vêzes, a criança apresenta um pêso até acima do normal, mas isso é devido à infiltração ou retenção da água que as farinhas, o açucar e o sal determinam; no mais é uma gordura balofa, mole, anêmica, onde as frequentes infecções da pele mostram a pouca resistência da criança (piodermites, furunculose).

Quando um bebê é alimentado a farinhas, com ou quase exclusivamente, êle só recebe uma única espécie de alimento: hidratos de carbono (o amido das farinhas é um hidrato de carbono, e assim o açúcar que entra como elemento básico no leite condensado); gorduras, albuminas, partes essenciais do "alimento completo", tendo ambos uma ação indispensável na fisiologia do ser, quase não contam nesse regime; daí que "resulta impossível a elaboração de matéria organizada dotada de seu pleno valor, ou tal ou qual vez, de tôda a elaboração de matéria organizada". Daí faltar à criança, sob um tal regime a farinhas, carnes enxutas, firmes.

Sob um tal regime a criança, mais tarde, acaba deixando de engordar; sobrevém a perda de apetite, a anemia, provocando o alarme dos pais, antes muito satisfeitos com a aparente gordura da criança.

Nessa fase um dos sintomas que mais chamam a atenção do pediatra é a **hipertonia** dos músculos; quando palpados, mostram-se duros; se imprimimos movimentos passivos à criança (dobra uma perna, por exemplo) ela opõe uma resistência que não era de esperar. De resto, a despeito do emagrecimento, o sistema muscular se desenha, salientando-se debaixo do tegumento com todos os seus contornos. E' uma musculatura de atleta.

A fim de prevenir essas manifestações da moléstia a farinhas na criança, cumpre ao leite ao meio ou aos 2/3 acrescentar sempre uma quota de farinhas e açúcar, regulando aproximadamente uma colher de chá de cada, bem cheia, para cada 100 gramas de leite diluído.



Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

Impressões de um jurado

Cont. da pág. 18)

malandro do morro é o que se faz sentir pelo empenho da palavra. Constitui algo de verdadeiramente impressionante o cumprimento da palavra dada. Para êles, isso significa uma espécie de "código de honra". A coisa mais banal, trágica ou perigosa que êles prometem fazer, hão de cumprir, nem que isso lhes custe a vida. E motivado por êste "codigo de honra" teve origem a maioria dos crimes praticados nas favelas, no periodo de 1949. Para o malandro da favela, não existe lei, pois quem faz a lei é êle mesmo.

E assim vivem os habitantes dos morros — se a esta série de tragédias podemos classificar de vida — esquecidos de um Govêrno que foge comodamente às suas obrigações, porque o problema das favelas é inegavelmente um dos que reclamam sérias e imediatas providências. Entretanto, para que tanta pressa? O que êles querem é voto e isso os malandros do morro podem lhes oferecer. Que não trabalhem, que sejam alcoólatras e assassinos, que sejam, enfim, uns párias da nação, ao Govêrno não importa, dêsde que nas eleições êles possam eleger os candidatos apresentados pelo partido X. Que continuem, portanto, a aumentar a "plastica da miséria" da pitoresca e magnífica "cidade maravilhosa".

Bingo - passatempo ou jôgo...

(Cont. da pág. 8)

Tentamos, agora, outro ângulo da questão para indagar se não havia nenhuma brecha na lei em que se pudesse enquadrar o "Bingo", e o antigo jogador de futebol do grêmio dos "diabos rubros", denominação que tem o América nas rodas esportivas, respondeu:

— "O senhor não me deixou concluir a frase anterior, porque, como eu estava dizendo, penso que fecharia os olhos para essa distração, que está a merecer a atenção do poder legislativo, para exclui-lo da proibição, como acontece com as corridas de cavalos. E' êsse o meu parecer."

"BINGO" NÃO TEM ASPECTO PERIGOSO DO JÔGO DE AZAR

Aproveitamos a sugestão do dr. Maximiliano Gomes de Paiva e decidimos ouvir a palavra de um legislador, conhecedor do ambiente esportivo, o deputado federal, Manuel Vargas Neto, que também exerce a presidência da Federação Metropolitana de Futebol, e que não se fêz de rogado:

— "Acho que o "Bingo" é uma loteria a curto prazo. Está sendo usado com fim social, para ajudar os clubes. Portanto, deve ser tolerado porque não é apenas para a vantagem de um ou outro explorador. Não tem o aspecto perigoso do jôgo de azar comum, onde o cidadão consome somas fabulosas. Comprando um cartão de vinte cruzeiros o cidadão se distrai a noite inteira."

Inquirimos o dr. Vargas Neto sôbre se seria possivel, de acôrdo com o parecer do dr. Maximiliano Gomes de Paiva, elaborar uma lei que excluisse o "Bingo" da proibição do jôgo, tal qual a vantagem que usufruem as apostas sôbre as corridas de cavalos; e a sua resposta foi a seguinte:

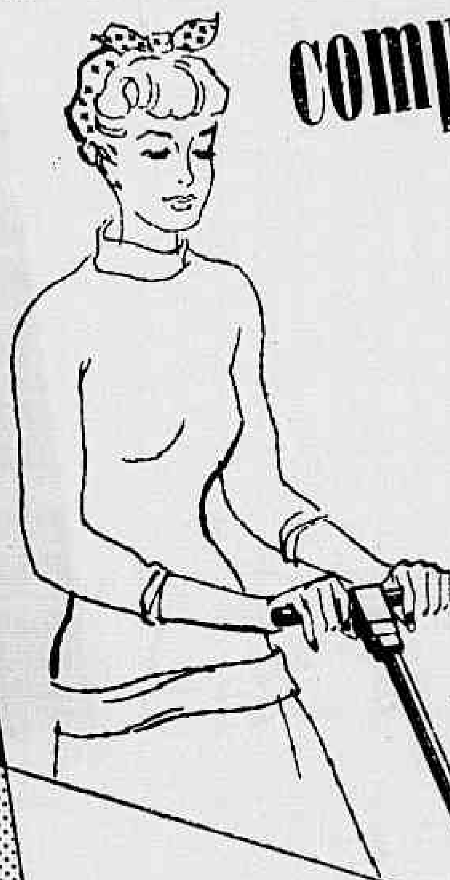
— "Podia ser feita a lei, não resta dúvida, e depois seria acrescentar um êrro, um êrro igual à proibição do jôgo em geral. Um intelectual brasileiro disse, com muita graça, que o Brasil é o único país do mundo, onde se pensava que com uma simples penada de decreto é possivel varrer um vicio milenar. Os Estados Unidos fizeram a lei séca, e suas consequências foram tão desastrosas, que tiveram que voltar atrás, porque proibições violentas trazem muitos prejuizos. Há séculos proibiu-se a prostituição na China, e as consequências foram tão perigosas que as autoridades tiveram que implorar a volta das meretrizes. Elas se recusaram de tão ofendidas com a lei, tanto que depois foram consideradas "sagradas". Considero o Casino uma necessidade, nunca joguei, não jogo um tostão, não jogo em loteria. O jôgo irrita-me e dá sono, tenho verdadeira alergia por êle, porém, considero os cassinos tumores de fixação. Com o fechamento dos grandes, surgiram milhares de casinos particulares por tôda a cidade. Nunca se jogou tanto como hoje. Joga-se por todos os cantos. Sabor exquisito para os iniciantes e praticantes porque êle é um fruto proibido. Fechar os cassinos significa tapar os tumores de fixação, o que vem provocar septicemia, infecção geral do organismo social."

"BINGO" — JÔGO DE AZAR

Por último, nos encaminhamos à Delegacia de Jogos e Costumes, onde fomos atendidos pelo delegado Pereira da Costa. Após nos declarar que o assunto "Bingo", estava entregue à Chefia da Policia, que, por sua vez, o passara para a Corregedoria, a fim de que fôsse dado o parecer juridico, fêz as seguintes declarações:

— "E' um jôgo interesante para os clubes, porque reúne grande número de associados. No entretanto, olhando a parte que me diz respeito, tratando-se de um jôgo em que o fator sorte predomina, não poderia deixar de ser classificado como "de azar". Nessas condições, parece-me também não ter a Policia competência para regulamentá-lo ou licenciá-lo. O caso já está afeto ao Chefe de Policia, que resolverá, com a sua habitual serenidade e justiça. Posso afirmar que o próprio Chefe de Policia terá prazer em atender ao apêlo de diversos clubes para que seja permitido o Jôgo do "Bingo". Todavia, as grandes sociedades devem aguardar a solução final do caso."

A enceradeira completa





lava



esfrega



e lustra!

Na enceradeira G-E modelo EA-9 V. encontrará a mesma qualidade insuperável dos outros aparelhos domésticos da General Electric. A Enceradeira G-E lava, esfrega e lustra toda espécie de pisos... e com que espantosa facilidade! Procure-a no mais próximo revendedor da



GENERAL ELECTRIC
SOCIEDADE ANÔNIMA

8 402

RIO DE JANEIRO-S. PAULO-RECIFE-SALVADOR-CURITIBA-P. ALEGRE

GRANDE DESCOBERTA PARA OS CALVOS

TÔNICO CAPILAR "AMARALINA" — (Trata-se da famosa descoberta verificada na Bahia). De base vegetal dá certeza absoluta que seus cabelos tornarão a nascer. Os fabricantes garantem devido a milhares de casos em todo o Brasil. Com um vidro detém a queda dos cabelos, elimina totalmente a caspa e com a continuação fará voltar a sua saudosa cabeleira. Encontra-se em Drogarias, Perfumarias, Farmácias, etc. a Cr$ 35,00, o vidro

Aceitamos pedidos pelo Reembôlso Postal. Preço: Cr$ 45,00, livre de porte. M. M. BURLE & CIA. LTDA. — Avenida Rio Branco, 137 — 6.º andar — Sala 616 — RIO DE JANEIRO

A Agua Sanitaria CLARINHA
Dá valiosos brindes na chapinha

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRICIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Os modelos vão á Europa

(Cont. da pag. 33)

com um casaco de peles nas costas, e a fantasia do Batuque por baixo.

E' êsse um quadro do folclore brasileiro que as modelos estão aprimorando para ser apresentado em "tournée" pelos Estados. Haverá outros números de nossas danças e músicas. Será uma excursão que vai servir de ensaio geral para outra de muito maior importância. Desta vez trata-se, nada menos, que de uma "tournée" à Europa, e, com mais precisão, à França, à Espanha e a Portugal.

Foram elas contratadas pelo empresário Sevinya para se exibirem em Paris, Nice, Toulon, Monte Carlo, Madrid, Vigo, Pôrto e Lisboa, não só como manequins, inclusive de criações da moda brasileira, mas, também, em quadros artísticos do nosso folclore. Mostrarão lá fora as danças típicas brasileiras e as músicas regionais.

Indagamos se iam levar também os músicos, e Wahyta responde que não, que poderiam contar somente com os que arranjassem no lugar. Ela sabe que a música brasileira fora do Brasil adquire nuances que não lhe pertencem, características mais apropriadas à rumba e à conga do que ao samba. Mas não pode ser de outra maneira e elas farão o possível para ensinar o ritmo brasileiro [illegible]

Será a primeira vez que modelos brasileiros desfilarão pelas salas de espetáculos européias. Haverá oportunidade de mostrar aos outros países que existe aqui também u'a moda própria para os trópicos, talvez em adaptação dos modelos que vêem de fora, ao nosso clima e às nossas tendências. O mais importante, porém, é a ocasião de mostrar um conjunto de diferentes tipos de mulheres brasileiras. Elas farão sucesso, pois, além de bonitas, possuem características da terra em que nasceram, e que na Europa são consideradas exóticas.

Quanto à música, apesar de já haver sido levada além das fronteiras, nunca o foi por um conjunto feminino e na Europa. Nas Américas, mais ou menos, começa a se conhecer o ritmo brasileiro, devido ao maior intercâmbio e à maior proximidade, mas na Europa a coisa é diferente. Pena que não sejam acompanhadas por um grupo de músicos, conhecedores profundos do segrêdo dos ritmos afro-brasileiros, mas sem influências centro-americanas...

Enfim, como primeiro passo para a maior divulgação das produções artísticas populares e tradicionais do Brasil, merece aplausos e desde já os nossos sinceros votos de felicidade e vitória.

CASPA!, CABELOS BRANCOS!
use LOÇÃO XAMBÚ
CABELOS BRANCOS OU GRISALHOS VOLTAM À SUA CÔR NATURAL. ELIMINA A CASPA — EXITO GARANTIDO.
LABORATÓRIO — Rua Souza Dantas nº 23
Pedidos pelo Reembolso Postal — Rio de Janeiro

Contra o esgotamento físico e mental!
VINHO DA VIDA
VINOVITA
RENOVADOR DAS FORÇAS
Tônico poderoso

ESCOLA DOMESTICA

(Cont. da pág. 39)

utilização dos alimentos produzidos no interior do país e modo eficaz de se fazerem compras; planos sistemáticos das ocupações domésticas diárias; administração e arranjo do lar; iluminação e aparelhos adequados para êsse fim; reparações domésticas e decoração interior; escolha e cuidados com as roupas e mobiliário; costura e outros trabalhos domésticos; higiene e tratamento de acidentes comuns e pequenas enfermidades. Existem, no momento, onze colégios de formação profissional doméstica, cheios de alunos que aspiram o conhecimento de tais matérias. As jovens donas de casa, principalmente, mostram um grande interêsse por êsses cursos, tanto que, em muitos locais, se torna necessário o aproveitamento de qualquer terreno para a instalação de escolas provisórias. Tal é o entusiasmo existente pela técnica moderna de artes domésticas que muitas já "formadas" organizam pequenos cursos em suas próprias residências, transmitindo, assim, às outras os seus conhecimentos. Não julguem que os homens estejam ausentes nesse empreendimento... Êles comparecem, é verdade que não em tão grande número, mas comparecem...

Preparada dessa forma, a mulher britânica estará apta a dirigir o seu lar com eficácia, aproveitando o máximo das suas possibilidades econômicas sem prejudicar o bem estar da família. Tais cursos, inegàvelmente, contribuem para a felicidade do lar, pois, não raro, a falta de habilidade, de critério, de ordem, de senso econômico e de administração, de um dos cônjuges, desilude o outro e, daí surge o desentendimento, a incompreensão, a desarmonia, que constituem passos rápidos para a infelicidade e instabilidade do lar.

O. B.

PARA A SAÚDE E A BELEZA DOS SEUS CABELOS!


LOÇÃO TÔNICA MAC BIR
Um Produto Cientificamente Preparado
A LOÇÃO TÔNICA MAC BIR é o mais poderoso revitalizador capilar. Medicinal à base de vegetais, seu uso constante é uma *garantia de saúde* para o couro cabeludo, eliminando a caspa e a seborréia, evitando e detendo o *embranquecimento* e a queda dos cabelos!
★
A venda nas boas farmácias, drogarias e perfumarias — Preço Cr$ 35,00
Atendemos também pelo Reembôlso Postal
1 vidro Cr$ 40,00 - 3 vidros Cr$ 100,00
6 vidros Cr$ 192,00 - Livre de porte
Pedidos à
CAIXA POSTAL 4.272 - RIO - D. F.

O CIGARRO

(Cont. da pág. 25)

teger você e fazer seu pai ficar gostando de mim, como dona Clarisse que era tão boa para mim. Bem Fred, papai vem vindo e eu não quero que êle saiba que eu escrevo para você. Aceite um abraço daquela que o ama, sua Vera."

Alfredo ficou ainda, por um breve instante, com os olhos fixos na fôlha que tinha nas mãos. Precisara controlar os nervos. Dar tempo a que secassem duas indiscretas lágrimas que ameaçavam escorrer-lhe pelo rosto. Por que chorara? Seriam as palavras da carta cheia de solecismos e de uma verdade triste e cruel para êle, mas esperara tudo do filho, menos um procedimento como aquêle? Seria a surprêsa ao saber até que ponto deixara que chegasse a vida de Frederico? Fôsse como fôsse, o filho precisava dele e não seriam reprimendas que o ajudariam.

Ergueu os olhos para êle. Fred, com os cotovelos fincados na mesa, amparava a cabeça com as mãos, em atitude de desespêro. Seus olhos também se firmaram no pai, em uma interrogativa desolada. Que turbilhão de idéias não se confundiriam naquele cérebro ainda jovem, pensou Alfredo.

— Que pensa fazer, meu filho? — perguntou, sem mesmo saber porque.

Frederico não hesitou. Já pensara muito, com certeza.

— Trazer Vera para o Rio e mantê-la, sem que me desgrace.

Levantou-se. Meteu as mãos nos bolsos como se deles fôsse tirar alguma coisa. Retirou-se em seguida. Alfredo o observara. — "E' o vício — a necessidade de um cigarro que o domina e atormenta". — Voltou para o jovem que se pusera a andar de um lado para outro.

— Quanto você ganha no escritório?

O filho parou por um instante.

— Oitocentos cruzeiros.

E recomeçou seu passeio nervoso.

O pai quedou pensativo. Se não ajudasse o filho, êste seria capaz de cometer alguma loucura. Com pouco [illegible] crifício poderia resolver o seu problema. E demais a mais, Fred possuía qualidades para ir melhorando a sua situação de empregado. Com mais algum tempo e poderia se haver sozinho. Que fazer? Não era a vida que desejara para êle, mas um êrro só se apaga com uma ação justa e decente.

— Como chegaram a êsse ponto, meu filho?

O rapaz virou-se, rápido. Não entendera a pergunta.

— Hein!

— Como você a essa menina... Vera, chegaram...

Não pôde terminar a frase. Surpreendeu-lhe ver o rosto do rapaz um sorriso feroz, de quem consumava uma vingança. Seus lábios se adelgaçaram enquanto se aproximava do pai, acusador.

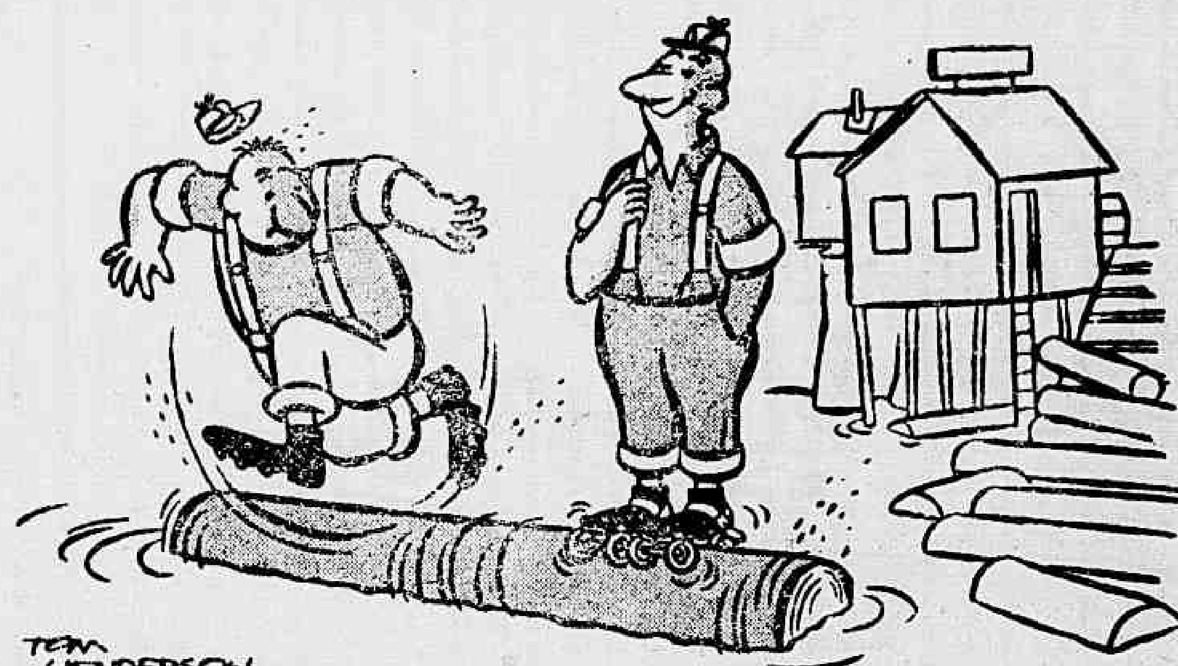
— Então, em que poderia dar nosso namôro? O senhor, a vizinhança faladora e despeitada, todo mundo contra mim, contra nós dois. Julgavam que se mostravam nossos amigos, talvez. Tinham raiva da menina, por causa da sua origem humilde e dos seus vestidos de moça pobre. Espezinhando, espionando-nos em todos os cantos; os vizinhos a difamá-la, a torcer-me o nariz. Em que, meu pai, em que poderia dar nosso namôro? Tínhamos que fugir de todos. Procurar nos cantos escuros, nos portões alheios, um momento de sossêgo, livre dos olhos cheios de maldade... O que poderia ter sido uma coisa decente, ou um flirt apenas, acabou nessa indignidade que o senhor vê...

Alfredo olhava o filho, estupefacto. Desconhecia-o naquele instante em que se via apontado como um dos culpados pelo seu êrro. Viu-o sentar-se, deitar a cabeça nos braços cruzados sôbre a mesa. Nada falaram por muito tempo. O pai, pensando, semi-desorientado, na situação do filho. Frederico, talvez ruminando projetos de vingança contra êle, a vizinhança, talvez chorando em silêncio, arrependido daquela explosão de sentimentos recalcados por muito tempo, talvez...

(Continua no próximo número)

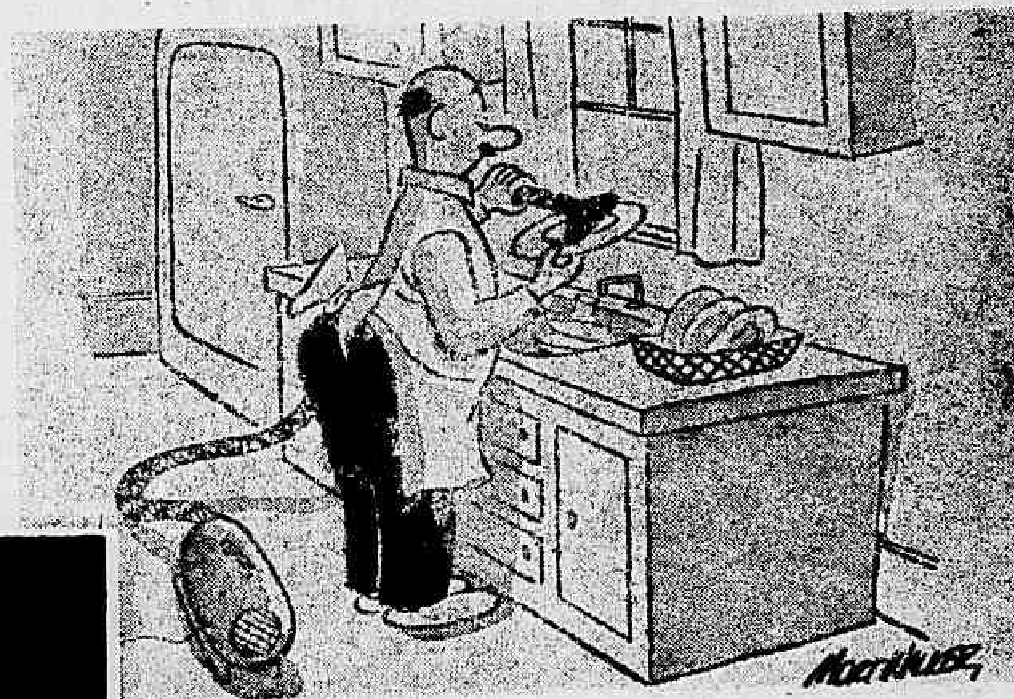
TRAGEDIA NO BANHEIRO

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14





— E' o filme mais excitante que já vi em tôda a minha vida!



BOM HUMOR





— Bonito! Lá vem espiga no almôço!

Viver com AMOR

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Carol Sturtevant, jovem divorciada, empreende uma viagem de turismo para esquecer o passado. Faz a bordo várias amizades e, já de volta, no pôrto de Havana, entra no círculo de suas relações o engenheiro Clive Holdridge, que a convida para jantar, dançar, irem juntos ao cinema. Ela, porém, aceita apenas o jantar e os aperitivos no bar. Depois de ter chegado a Nova àork é convidada por Clive para jantar em sua companhia e se declara apaixonado por ela. Depois de sua excursão, volta Carol à cidadezinha de Clinton, sendo recebida entre abraços por sua amiga Freda, que lhe arranja apartamento. Carol deseja muito conhecer Evelyn, a nova espôsa de seu ex-marido, Mill, e sabe que ela está hospedada com êle no Hotel Beaumont. Em Clinton, Carol é cercada de tôdas as considerações por parte de sua amiga Freda, espôsa de Ian Kelly. Tendo sido convidada para jantar numa roda de amigos no clube, Carol tinha apenas receio de que Bill e Evelyn tivessem naquela noite o mesmo pensamento e os três se fôssem encontrar naquele meio social. Tendo comparecido em companhia de seu amigos à reunião do Clube, Carol se sentiu profundamente perturbada com a presença alí de Bill e da espôsa dêste, Evelyn. Procurando resumir sua visita àquêle meio, pediu para retirar-se, sendo asompanhada até ao seu apartamento por Scott, de quem se despediu à porta, pedindo-lhe desculpas por lhe não ser conveniente convidá-lo para subir. Já não bastando a Carol os cortejos de Scott, um dia chega à estação ferroviária da cidade o impertinente Clive, que lhe telefona pedindo um encontro na própria estação. Carol comparece e fica surpreendida quando o seu ex-companheiro de turismo lhe propõe uma união extra-legal. As confidências que Carol fazia junto à sua amiga Freda cada vez mais provavam que esta parecia pender para os lados de Clive procurando influenciar no espírito de Carol um esquecimento a respeito das pretensões de Scott.

Fim do capítulo XVII

Diante daquelas evasivas de Evelyn, Freda reparou bem para a fisionomia de Thelma para ver suas reações. E chegou à conclusão de que esta parecia ranger os dentes.

Tudo isto lhe pareceu excelente para os seus planos de observação das aristocratas que mutuamente se odiavam e, pelas aparências, se delineavam romances proibidos.

Freda aproveitou a chegada de Bill e, como êste de nada sabia de suas perguntas a Evelyn, o assunto causou certas perturbações em Bill.

Depois de excelente lanche a bordo, Evelyn, bocejando, retirou-se pedindo desculpas. Ia descansar um pouco, tentar uma soneca. Bill ainda esteve por algum tempo ali pelo "deck", seguindo depois para seu camarote.

Quando Thelma se viu só, voltou à sua anterior garridice, a conversar alegremente. Freda e Ian também se despediram, prometendo tornar a vê-los logo mais à noite, na dança.

Freda estava doida para comentar certas coisas. Logo que se viu distante do barco de Tom, virou-se para o espôso e disse:

— Escute... terá você visto bem o que eu vi?

Ian não respondeu imediatamente. Em seguida, mal contrafeito falou:

— Vi, sim. Vejo que Bill está em caminho perigoso e vai perder o seu emprêgo. Aquelas duas mulheres se encaminham para um choque entre elas mesmas e de más consequências para Bill.

Freda acrescentou:

— Se Bill vier a perder seu emprêgo na firma de Tom, e não obtiver outro tão bom e rendoso como êsse, na certa Carol vai prejudicar-se, pois que êle ficará em má situação financeira e não poderá mais fornecer-lhe a pensão. Diante do nível de vida de Bill, tôdas as suas reservas e heranças não darão para mantê-lo sempre assim. Carol está sendo amparada por êle. E' claro que o assunto também deve servir de lição para você...

Freda olhou com certo ar de troça para o espôso.

O espôso riu.

— Vejo que você está gozando a situação e rindo intimamente.

— Não, Ian. Veja bem que não estou a rir do caso. Entretanto, o que há de mais inesperado e estranho nisso é que Evelyn está arruinando a vida de Bill e parece não entrever nada. Embora seja de origem melhor do que Thelma, está arruinando a vida do espôso. Evelyn pode falar de Long Island como poderá falar de outros lugares da Europa: mas Thelma se refere a Long Island como centro de ostentações e ela só cita isso como motivo de vaidades e exibições. Aí está a diferença. Sinto até náuseas. Muito me alegro por não ter Carol vindo para cá esta noite. Que grande embrulhão é êsse Bill!

— Êle jamais se desembaraçará de Evelyn.

Freda ficou silenciosa. Depois disse vagarosamente:

— Talvez haja em tudo isso um desejo de desembaraçar-se de Evelyn, mas não se veja capaz de fazê-lo... Nós continuamos a gostar de Bill, não é verdade?

À noite, conforme estava programado, começaram as danças nos salões do "Yacht Club", vendo-se muitos sócios e convidados, várias caras novas para maior animação e interêsse da festa.

Muitos "flirts" se viam entre pares que começavam a apreciar-se mutuamente. Também se manifestavam ciumadas e zangas no bar, gente que se retirava cheia de ódio tomando taxis. Aquêle clube era tradicional entre as famílias de Clinton, que ali se reuniam para suas tagarelices e mexericos sociais.

Freda e Ian se reuniram ao casal Tom Purnell, conforme ficara combinado no barco. Mais uma vez Freda notou a rivalidade entre as duas mulheres, Evelyn e Thelma. As duas procuraram trajar de maneira que uma estivesse sempre a suplantar a outra.

Ambas estavam sendo muito procuradas pelos cavalheiros para a dança. Evelyn parecia estar muito contente.

Em dado momento, Freda foi tirada por Bill. O bar estava regorgitante e todos faziam enorme zoada.

— Depois que tomarmos nosso drink vamos dar um giro, Freda?

— Com prazer. Isto até parece casa de loucos!

A noite estava clara e quente. Êles saíram e dirigiram-se ao cais.

— O pequeno Ian foi êste verão para o acampamento, Freda?

— Sim. Deve voltar na próxima semana. Prometemos ir buscá-lo de avião. Êle está ansioso para que chegue a hora.

— O Ian já deve estar bem crescido, não?

— Crescido e malandro. Já nos está dando muito cuidado.

— Oh! Êle é um bom rapaz!

Bill sempre costumou troçar com o jovem Ian, e, para êste, o ex-espôso de Carol era um verdadeiro herói.

Certa vez o rapaz disse a Freda:

— Quando eu crescer e me tornar homem quero ter musculatura e ombros assim como Bill.

Ao ouvir aquela expressão de Bill acêrca do seu filho, Freda exclamou:

— Sabe de uma coisa? Uma das suas grandes ambições, Bill, é a de, quando crescer, ficar forte e alto como você.

Os dois continuaram a andar ao ar livre. Bil riu abafadamente ao ouvir essas palavras de Freda. Ficaram por instantes em silêncio. Depois, êle rompeu o silêncio:

— Freda, como está Carol?

Freda sentiu um choque no coração. Mas procurou controlar-se e respondeu com vivacidade:

— Oh! Está linda! Admiravelmente bem.

— Nunca mais soube dela — prosseguiu êle. — Ninguém me fala de Carol. Penso que os nossos amigos se sentem embaraçados com isso.

Bill dizia isso com os olhos fixos muito longe. Sua voz era grave e muito baixa, como se desejasse falar para si mesmo.

— E' natural — disse ela. — Todos sabem que êsse assunto só pode embaraçá-lo.

— Parece estranho que moremos ambos na mesma cidade, e cidade pequena, e não nos encontremos aí pelas ruas, um com o outro.

— Isto sucedeu na última primavera e com dolorosos resultados... como você deve estar lembrado.

Freda estava decidida a falar mais alguma coisa, mesmo que viesse a morder a língua. O momento era excelente.

— Sim, lembro-me perfeitamente. Aquilo foi horrível! E tive tôda a culpa. Nunca pensei que...

Freda falou:

— Ela está trabalhando, Bill. Desde junho dedica voluntariamente seu tempo em serviços sociais no General Hospital e adora o trabalho. Está formando outros círculos de relações e já possui excelentes amizades com vários médicos e suas espôsas. Sua função é dividida entre várias coisas: datilografia, apontamentos históricos, etc. O motivo por que não está aqui também, é que foi convidada para um fim de semana fora em companhia de outros funcionários do hospital.

— Eu sei... Mas — prosseguiu em voz baixa — pensei que ela e Scott...

— Isso ainda continua — esclareceu Freda. — Êle está louco por ela, mas isso mesmo se passa com muitos outros homens, todos êles a assediando. Há um milionário de Detroit que lhe propôs casamento imediatamente, bem como há outro homem, fascinante e muito bem de vida que a conheceu na viagem de turismo que também quer casar-se com ela; mas Carol os desiludiu...

Em seguida acrescentou:

— Nada como a liberdade da mulher para que ela possa realizar seus objetivos. Ela é uma criatura de belos sentimentos e ainda não considera ter perdido o seu casamento. Olha o futuro com confiança e não pode deixar de esperar que você seja feliz.

— Sei... — murmurou Bill. — E folgo muito por saber que ela está bem e feliz.

Capítulo XVIII

DOCES RECORDAÇÕES

— Quem lhe disse que ela é feliz? — perguntou Freda.

— Ninguém, mas.. supus isso...

— E' possível, Bill; mas, por outro lado, você se parece com um homem que está saindo de uma séria convalescença e com febre. Eu também já estive muito febril quando Ian nasceu. Senti terríveis sensações e tive sérios pensamentos. Estive louca. Mas uma bela noite a febre se foi e, ao despertar no dia seguinte, estava eu com a cabeça leve e as idéias normais. Tive a impressão de que havia morrido e voltava novamente à vida. Ao voltar a mim, passei a considerar os outros com um pouco mais de tolerância. Eu tinha o meu filho, por quem sofri, mas que, depois, me orgulhei dele e êle passou a constituir o meu mundo. Considerei-me uma mulher feliz. Muito sinto aquilo tudo, por você, Bill. Com que pena você não deve olhar Evelyn e admirá-la, mas como se admira uma coisa inanimada. Bill, você está enganado se julgar que a paixão sai assim dos corações com facilidade! A paixão jamais morre. Paixão não serve para juntar duas pessoas, mas a simpatia, o companheirismo, êsse mil e um afetos que unem as pessoas que se amam, podem mais que a própria paixão. Você, Bill, está procurando também enganar-se a si mesmo, como tantos outros homens fazem. E está fazendo o papel de um louco, Bill. Somente um louco, meu caro, pode confundir o real com o falso. Evelyn não é sua espôsa, Bill. Nunca foi e jamais será sua espôsa, a mãe de seus filhos. Evelyn é apenas e simplesmente uma espécie de amante.

Freda, ao dizer as últimas palavras, sacudiu uma das mãos de Bill, deu meia volta e o deixou sozinho com os seus pensamentos desencontrados.

De pé, estático, Bill não sabia o que pensar daquilo tudo. Tinha a impressão de que ouvira duras verdades. Verdades terríveis, com as quais não tinha coragem de permanecer fito a fito, mas que iam penetrando calmamente, silenciosamente, em sua consciência e das quais não se poderia livrar dentro de algum tempo.

Bill sentia angústia no coração. Freda falara com sinceridade. Evelyn não o tratava com as mesmas delicadezas e a dedicação de Carol.

Visivelmente impressionado acendeu um cigarro e se dirigiu para o cais. Seus pensamentos não o dirigiam novamente para as danças na sede do Yacht Club. Parou e fitou a fieira de luzes que bordavam o pôrto.

— Evelyn falhou como espôsa... — pensou êle. — Mas... isso não está claro. Eu também falhei... Ela não pode ser como Carol. Não há duas mulheres iguais. Que poderá fazer um bom e feliz casamento? Será apenas o afagar de mãos, os beijos e abraços? Não! Uma espôsa tem que cuidar da roupa do espôso, preparar-lhe a valise para a viagem, para os passeios, reparar-lhe as peças de vestuário, preparar os pratos de que êle mais gosta, economizar dinheiro... E Evelyn jamais fizera isso, como sempre fizera Carol...

Bill recordava agora certas passagens entre Evelyn e Thelma. Para Evelyn, Thelma não passava de uma mulher que saíra do nada e que, por acaso, casara com um homem rico, por sinal o chefe de Bill. E Evelyn não perdia oportunidade para passar em rosto a diferença entre ambas, colocando-se ela em situação aristocrata e a outra numa posição humilhante, conforme sua origem.

Por algumas vêzes Bill chamou a atenção da espôsa para a maneira pouco cortês com que ela tratava Thelma, a mulher do patrão; mas Evelyn apenas lhe respondia:

— Ora, Bill, eu tenho sido muito gentil com Thelma. Nada fiz que a molestasse, mesmo de leve...

Bill começava a temer pelo seu emprêgo, em face da grande influência que Thelma mantinha sôbre o espôso, patrão de Bill. Bastaria que Thelma lhe pe-

(Cont. na pág. 48)

ROMANCE DE **MARGARET G. NICHOLS**



— "MOSTREI O VÍCIO E O PECADO"...

No Tribunal de Paris, Gustave Flaubert responde aos seus acusadores com palavras incisivas: — "Não nego coisa alguma! Há milhares de Emma Bovary pelo mundo!"

FLAUBERT ENFRENTA OUTRO TRIBUNAL

"MADAME BOVARY", O FAMOSO ROMANCE DE GUSTAVE FLAUBERT, QUE LEVOU O AUTOR À BARRA DOS TRIBUNAIS, FOI FILMADO EM HOLLYWOOD ★ FLAUBERT, NA PELE DO ATOR JAMES MASON, ENFRENTA O PURITANISMO DO JOHNSON OFFICE

Por JOÃO ALVARENGA

EM 1857 estourava em Paris um escândalo. Alguém enfrentava a lei porque publicara um livro. O livro intitulava-se "Madame Bovary" e seu autor era um cavalheiro chamado Gustave Flaubert.

Na abafada e vetusta sala do Tribunal, o encarregado de acusação, Pinard, gritava, indignadíssimo: — "Êste senhor Flaubert criou um caráter — uma francesa — que é a um tempo um insulto à França e a tôdas as mulheres! — Emma Bovary, uma mulher que negligencia seu próprio filho, uma criança que dela necessita — uma mulher que engana o marido, um marido que a adora — uma adúltera que leva a ruína ao seu lar..."

Após muitas outras acusações e vários apartes, Flaubert foi convidado a fazer a sua própria defesa. Perguntaram-lhe se negava as acusações feitas pelo ardoroso e possesso Pinard. — "Não, não nego coisa alguma" — respondeu.

Mas Flaubert falou mais. Continuou: — "Eu não nego que tenha escandalizado a moralidade pública. Mostrei o pecado e o vício, isso sim — pelo menos foi o que pensei fazer, para melhor mostrar um modo de se resguardar a virtude. Vou além, dizendo que Emma Bovary não é uma monstruosa criação de minha imaginação degenerada, como dizem. Pode parecer ou ser mesmo monstruosa, mas eu não a criei, podeis crer. Nossos mundos — o vosso e o meu — a criaram, e é isso o que eu procurarei provar. Há milhares de Emma Bovarys. Apenas eu coloquei uma delas nas páginas de um livro. E o que é mais: há centenas, milhares de mulheres que gostariam de ser Emma Bovary, e que se não o são, não será por uma questão de virtude, mas simplesmente por certas circunstâncias, e pelo que elas poderão considerar... falta de sorte. Vendo-se bem, Emma Bovary é mais uma sibarita do que uma pecadora. E ser sibarita não é tão grande mal assim..."

•

Foi com essas palavras que, há quase um século, Gustave Flaubert iniciou sua própria defesa num tribunal de Paris. Deve ser com palavras mais ou menos assim que novamente Flaubert enfrenta os juízes... num "set" de Hollywood. Porque, agora, sim, nesta era de movietone e de tecnicolor, já que estamos levando o assunto a Hollywood, Flaubert enfrentou um novo julgamento. As coisas se passaram assim: — a Metro-Goldwyn-Mayer quiz levar, faz alguns anos, o romance há um século considerado escandaloso, à tela. Mas a Censura americana, ou melhor, o Johnson Office, é uma entidade difícil. Pelos filtros de seu puritanismo, sabemos todos, passam milhares de enredos, em todos êles se procura encontrar isto ou aquilo, qualquer coisa perigosa para a moralidade pública. Muitos grandes espetáculos poderiam ser feitos pelo cinema americano se o Johnson Office não se mostrasse tão exagerado, sem que com isso queiramos dizer que devesse permitir a filmagem de obras imorais. Um pouquinho de mais liberdade ao produtor, entretanto, não faria mal algum. E quando a companhia cinematográfica, então, há



O ROMANCISTA

Flaubert encarnado pelo ator inglês James Mason, na versão cinematográfica de "Madame Bovary"







AMOR

Cena romântica de "A sedutora Madame Bovary", com Jennifer Jones e o ator francês Louis Jordan. Ao lado, o diretor do filme, Vincent Minnelli, controla as ações

NÚPCIAS

O diretor Vincent Minnelli dá uns "toques" no arranjo da mesa, na festa nupcial de Emma Bovary, pouco antes de uma cena. Só depois êle manda rodar a "camera"

MÚSICA

Emma Bovary tocava piano. Jennifer Jones tambem toca. O professor Arthur Rosenstein ensaia a artista na interpretação de um trecho que ela executará na película

anos, pensando em Lana Turner para o papel de Emma Bovary, pediu licença para apresentar uma versão do romance famoso, vetaram-lhe a pretensão.

Entretanto, há pouco, pensando mais calmamente, essa campanha encomendou a alguém uma adaptação do romance — que não fugisse a Flaubert, que não fugisse ao espírito do livro, pois foi isso precisamente que o tornou famoso e popular — e que, ao mesmo tempo, conquistasse facilmente as graças do Johnson Office, o zeloso Johnson Office. Como conseguiu isso o ladino produtor de Hollywood? Assim: o filme abre com Gustave Flaubert enfrentando o Tribunal — e provando por suas palavras, de que anteriormente demos apenas o preambulo, que Emma Bovary não era uma figura imoral, que pecado, e grande, havia nos que a julgavam imoral... E de tal modo isso foi feito — sem forçar a verdade, o que é mais interessante — que o Johnson Office aprovou o "script"! E' verdade, lá estão os pecadilhos e os pecados de Emma Bovary, não esconde o filme os resultados de seu sibaritismo desenfreado, sua grande vaidade, seu fraco pelos cavalheiros bem postos que lhe passavam pelo caminho — mas lá está também o aviso: Madame Bovary pecou porque os homens eram máus, porque os homens continuam sendo máus... Intimamente, bem no recesso de sua alma, de sua cabecinha de vento, Madame Bovary era apenas uma criança — e se os homens não forem, doravante, inescrupulosos como os que transtornaram a vida da linda faceira, não mais existirão Emma Bovarys...

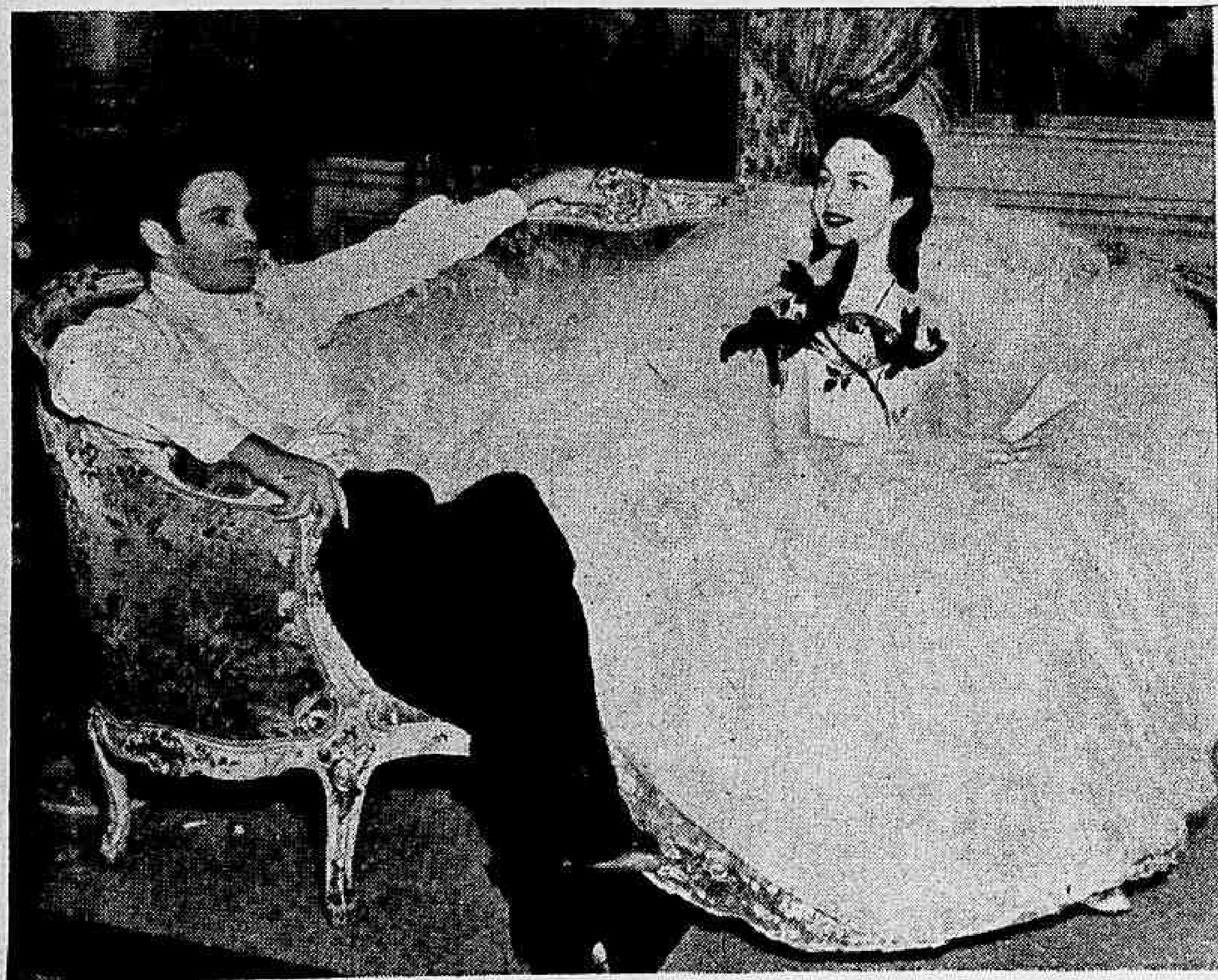
•

A James Mason, o ator britânico que já se radicou no cinema de Hollywood e que, parece, vai à Europa agora interpretar um filme com Greta Garbo, coube interpretar a figura de Gustave Flaubert. Quer isso dizer que o artista age, no filme, como uma espécie de narrador, apresenta e acompanha os acontecimentos. Inteligência do produtor? Golpe — poderiamos perguntar? Talvez, mas louvável, afinal.

Jennifer Jones foi escolhida para interpretar Emma Bovary, o que fêz, com a aquiescência de David O. Selznick, que por sinal, poucos dias depois de Jennifer despir as roupagens e as faceirices da sedutora Bovary, desposava a "estrêla" na Europa. Van Heflin interpreta o bonanchão esposo de Emma, e Louis Jourdan, o ator francês cuja popularidade cresce dia a dia, interpreta um de seus sedutores. Há ainda a contribuição de um ator sueco destinado a grande popularidade, afirma-se: Christopher Kent.

A direção de "A Sedutora Madame Bovary" (êsse será o título do filme no Brasil, cremos que para evitar confusões com um filme argentino não há muito exibido aqui, com Mecha Ortiz, e simplesmente chamado "Madame Bovary") é de Vincente Minnelli. Êsse diretor, que começou na Broadway dirigindo comédias musicais, até o dia em que pediu que lhe dessem "coisas mais sérias, de mais miolo", é atualmente um dos mais prestigiosos. Dizem vários entendidos que Minnelli ainda fará um filme famoso, dêsses dos quais se fala anos e anos. Ainda não foi "A Sedutora Madame Bovary" êsse filme, embora tenha agradado, e a severa revista "Time" tão pouco amiga de elogiar, o recomende como coisa de valor, recomendando-o mesmo como o melhor trabalho de Jennifer Jones, o que nos leva a crer que o cronista, apesar de meticuloso, tenha esquecido "A Canção de Bernadette"...

Mas com Minnelli em sua obra definitiva ou não, com Jennifer em seu melhor trabalho ou simplesmente no seu trabalho n. 2 — o que importa mesmo, nesta "Madame Bovary" feita em "sets" da Califórnia, é que o filme marca a presença de Gustave Flaubert, pela segunda vez diante de um Tribunal, e que uma vez que êsse Flaubert está na pele de James Mason, as cenas não podem deixar de ser sugestivas. As cenas e as palavras — porque Mason repete as palavras ditas por Flaubert, e, bom ator que é, usa aquêle sotaque educadíssimo e sempre sugestivo dos bons atores de Londres, coisa que de modo algum se deve desprezar.



DESCANSO

Jennifer e Louis Jourdan repousam num intervalo de filmagem. Ela veste "toilettes" desenhadas especialmente pelo figurinista Walter Plunkett



MODA

Os vestidos de Jennifer Jones são desenhados pelo mesmo artista que ideou as "toilettes" de Vivien Leigh em "... E o vento levou"



EMMA BOVARY, A ESCANDALOSA CRIAÇÃO DE FLAUBERT, INTERPRETADA NA TELA POR JENNIFER JONES

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Bingo, passatempo ou jogo de azar? (Levy Kleiman) 4/8
Impressões de um Jurado (Tânia) 14/18
A marcha para o Catete (Hélio Fernandes) 21/23
Os modelos vão à Europa (Sabino Canalini) 26/33
Eu encontrei a "Arca de Noé" (Vinicius Lima) 35/38

ATUALIDADES

Flagrantes de Portugal 12/13
Uma visita aos Inválidos (Jean Boisson) 45/47

LITERATURA

Porque o americano não coopera (Martins d'Alvarez) 3
Por causa de duas palavras (A. J. Carvalho) 19
O Cigarro (Anatole Ramos) 25
Viver com amor (Margaret G. Nichols) 51

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 9
Música (Roberto Lyra Filho) 11

CURIOSIDADES

Você pode se tornar um grande mágico 15

CINEMA

De Hollywood 44
Flaubert enfrenta outro tribunal (João Alvarenga) 55/57

HUMORISMO

Novidades (Théo) 31
Bom Humor 53

PARA A MULHER

Escola doméstica 39
Modelos sóbrios 40
O "pois" no chapéu 41
"Tailleurs" de Primavera 42
Para tôdas as horas 43
Week-End na Cozinha 44
A saúde do bebé (Dr. Sabóia Ribeiro) 50

Fotografias: Arnaldo Vieira
José Santos
Vinicius Lima

NOSSA CAPA



MEG RANDALL
(Foto Universal-International)

WALT DISNEY - EDIÇÃO BRASILEIRA Começam a divulgar-se pormenores sôbre o primeiro desenho animado de longa metragem feito no Brasil e executado por um jovem patrício, o desenhista Anélio Latini Filho. Em princípios de 1950, êle pretende estrear "Sinfonia Amazônica", filme cuja exibição se estenderá por uma hora e vinte minutos, inspirado em motivos folclóricos e com parte cômica e musical amplamente desenvolvidas. O flagrante acima, obtido nos estúdios de emergência do provável competidor de Walt Disney, dará ao leitor uma vaga impressão dos apurados trabalhos a que se entrega com afinco e entusiasmo próprios da idade: Anélio Latini Filho conta vinte e quatro anos. No próximo número o leitor encontrará em nossas páginas uma completa reportagem, fartamente ilustrada, sôbre a preparação dessa obra cinematográfica de real importância, porque acima de tudo representa o esfôrço de um artista isolado, disposto a conquistar os troféus merecidos, custe o que custar. Importantes cifras já estão investidas nesse empreendimento, que se leva a efeito por iniciativa exclusiva e pessoal do seu realizador. Uma sequência de sete lendas do Amazonas são desenvolvidas nessa película, cuja elaboração já vai muito adiantada. E os desenhos de Anélio são de ordem a competir com os mais perfeitos no gênero, de procedência norte-americana.





Mobiliários e Decorações

— especialidade em grupos
e móveis estofados —

★

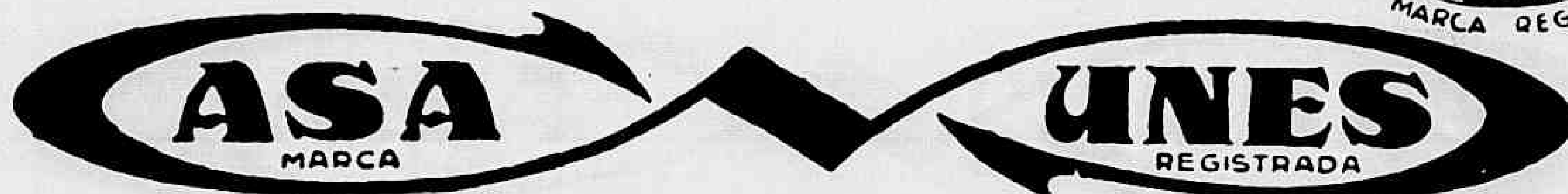
Orçamentos e desenhos
por técnicos-decoradores

★

Acabamos de receber
da **Inglaterra** novos desenhos de
Tapetes e **Passadeiras** com flores
e **TAPETES** de **PELÚCIA**

Grande sortimento de **TAPETES** e **PASSADEIRAS**
franceses, tchecos, persas (legítimos), portuguêses
e nacionais — diretamente das fábricas





65 — RUA DA CARIOCA — 67 — RIO DE JANEIRO



Onde se divertem pessoas de bom gosto...

aí se encontram os cigarros Hollywood

Nos gramados do Gávea Golf Club, os adeptos deste aristocrático sport encontram um ambiente elegante e acolhedor.

Na manhã de sol, uma partida ganha!... e a recompensa merecida: um delicioso cigarro Hollywood! Fumar Hollywood dá mais realce às horas de lazer... faz passar mais rápidas as horas de trabalho. Pela suavidade toda especial, resultado de seus fumos escolhidos, Hollywood já é uma tradição da sociedade brasileira. Entre também para o grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**